

**Relação nominal dos prezos rebeldes, que se achão na
Guarnição d'Alêgrete.**

Paizanos Numeros	N O M E S	Quando presos			O B S E R V A Ç Õ E S
		Dia	Mez	Anno	
Rebeldes	1 João Flores. Blanco...	7	Junho	1844	Achava-se armado
	2 João Ignacio	7	Junho	1844	Não estava armado
	3 José Maria Alves.....	8	Junho	1844	Idem
	4 José Maria Bonaxo ...	7	Junho	1844	Achava-se armado
	5 Marcellino Ramires ...	2	8br.º	1844	Idem
	6 Fabiano de Souza	2	9br.º	1844	Não estava armado
	7 Antonio Francisco....	19	8br.º	1844	Achava-se armado
	8 Joaquim Antonio	20	8br.º	1844	Idem
	9 Marcellino Soares	20	8br.º	1844	Idem
	10 Antonio Ga-par	20	8br.º	1844	Idem
	11 Bento Busuhy.....	19	8br.º	1844	Idem
	12 Mano. Joaq. Domingues	21	8br.º	1844	Não se achava armado
	13 Feliciano Antonio ...	20	8br.º	1844	Achava-se armado
	14 Fortunato Rodrigues.	17	8br.º	1844	Idem e servio nos Colorados
	15 Emilio Brandão	28	8br.º	1844	Achava-se armado
	16 Manoel dos Santos ...	6	9br.º	1844	Idem
	17 Oliverio Martins.....	14	9br.º	1844	Idem
	18 Claudio José Rodrigues	6	9br.º	1844	Idem
	19 Manoel Antonio Lopes	6	9br.º	1844	Idem
	20 Pedro José Rodrigues.	6	9br.º	1844	Idem
	21 José Francisco	2	9br.º	1844	Idem
	22 Manoel Fernandes	19	9br.º	1844	Não se achava armado
	23 José Salomé	19	9br.º	1844	Idem
	24 Manoel Gaspar	19	9br.º	1844	Idem
	25 João dos Santos.....	19	9br.º	1844	Idem
	26 Pedro Paulo	19	9br.º	1844	Idem
	27 Francisco da Silva ...	19	9br.º	1844	Idem
	28 Cacimiro Severo.....	20	10br.º	1844	Idem
	29 Cypriano da Costa....	29	10br.º	1844	Servia de camarada e tem 12 annos de idade.
	30 Pascoal Nolasco.....	29	10br.º	1844	Idem e tem 13 annos de idade.
	31 Manoel Antonio.....	4	Janr.º	1845	Achava-se armado
	32 Antonio Lopes da Palma	29	10br.º	1844	Achava-se desarmado e de cla- rou que não servia.
	33 Simão Lima.....	29	10br.º	1844	Achava-se armado
	34 Manoel Francisco.....	29	10br.º	1844	Idem
	35 Francis. Pedro de Carv.º	29	10br.º	1844	Idem
	36 Joaquim Carv.º da Silva	29	10br.º	1844	Achava-se armado
	37 Thomaz José Bernardes	29	10br.º	1844	Idem
	38 Gabriel Joaquim Ribeiro	31	10br.º	1844	Declarou q. estava se tratando em caso.
	39 Rofino Epifanio	6	Janr.º	1845	Armado
	40 João Francisco Epifanio	6	Janr.º	1845	Idem
	41 Fernando Nunes.....	29	10br.º	1844	Idem
	42 José Caudido.....	29	10br.º	1844	Idem
	43 Manoel de Bitancourt.	29	10br.º	1844	Idem
	44 Pedro Lino.....	29	10br.º	1844	Idem, e terá 12 annos de idade.

Palzanos	Numeros	NOMES	Quando presos			OBSERVAÇÕES
			Dia	Mez	Anno	
Rebeldes	45	Anicacio Roiz	29	10br.º	1844	Armado
	46	Claudino Pires	29	10br.º	1844	Idem
	47	José Maria	29	10br.º	1844	Idem
	48	João Francisco	4	Janr.º	1845	Idem
	49	Maximo Sanches	6	Janr.º	1845	Idem
	50	Eugenio Romeiro	6	Janr.º	1845	Idem
	51	José Quirino	29	10br.º	1844	Idem
	52	Alexandre de Godois ..	6	Janr.º	1845	Idem
	53	Manoel Ramiro	11	Janr.º	1845	Desarmado e declarou que não servia.
	54	Carlos Gonsalves	6	Janr.º	1845	Armado
	55	João Monteiro	4	Janr.º	1845	Idem
	56	João Roiz dos Santos ..	1	Fevr.º	1845	Idem
	57	José Martins	1	Fevr.º	1845	Idem
	58	Felisbino de Barros ..	1	Fevr.º	1845	Não se achava armado
	59	José Vicente d' Olivr. ^a ..	29	10br.º	1844	Armado
	60	João	18	Janr.º	1845	Armado e é Escravo do Guterres.
	61	Rofino	8	8br.º	1844	Pardo dis, q. seu Senhor João Brazil o dera aos rebeldes para o serviço.
	62	Florentino	8	8br.º	1844	Escravo de D. Rita de Saicâm.
	63	Manoel José Vianna ..	13	Fevr.º	1845	Intitulado Major de Bernardino Pinto de Oliveira, prezo nas 3 Cruzes-alem de Quarahim.
	64	Ignacio Deornellas	13	Fevr.º	1845	Intitulado Tenente do mesmo Bernardino.

Esta conforme
Bento M.^{el} Ribr.^o
Brigadr.^o Com.^e

XVIII

Remessa de
cartas do tenente
coronel Martins
e de Severino
Ribeiro.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão. Junto fasso subir a presença de V. Ex.^a as Cartas do Tenente Coronel Martins, e Severino, e espero V. Ex.^a me tire do comprometimento em que estou. Sou com estima e respeito De V. Ex.^a Subdito e Am.^o Bento M.^{el} Ribr.^o Campo em S. Diogo junto a Estancia do Cap.^m David 21 de Fevereiro de 1845.

(*Appensos.*) — Ex.^{mo} Sr. Brigadeiro. — A carta de V. Ex.^a de 16 opasado emque medis se se pode aqui aprontar mil Patacoins para pagar os Cavallos q. V. Ex.^a m.^{do} Comprar em Misoins os quais serão dados q.^{do} aqui chegase o C.^e Pinto Com o dr.^o q.^m chegou e lhe mostrei sua Carta e diseme q. o dir.^o q. trazia hera p.^a Soldo e q. não podia dar sem orde

do Ex.^{mo} Snr. Barão. etendo chegado Belizario Com os Referidos Cavalos em N.º de 215 q. os mandei reunir e entregar ao 4.º Corpo no em Marxa p.^a S.^{am} Simão Conforme sua orde. A vista da duvida do Pinto, pedi ao Cap.^m Severino p.^a p.^r elle e seus am.^{os} aprontar este dr.º p.^a se dar ao Belizario, o q. pode fazer dando lhe aqui 800 Patacoins e hua orde p.^a Itaquí do resto q. emportava em quatro sentos eno vinta Patacoins Com os 800 fas aimportancia de 1290 Patacoins oq. espero q. V. Ex.^a de Providencia p.^a q. se de este dr.º visto eu meobrigar a q. se daria este dr.º athe 15 do Corr.^e Tenho mandado reonir toda a Cavallhada deixada p.^r essa Divizão ep.^{los} Farapos the as pontas de Touro paso eo Ten.^e Leal q.^m se emprego nese serv.º mēda p.^r q. Largo no fundo do Campo do Major Guterres 400 e tantos Cavalos Flacos e farei sair o m.^{mo} outra ves neste serv.º mande V. Ex.^a a Seu am.º obr.º Joze Ant.º Martins Al.^e 10 de Fevr.º 1845.

Alegrete 14 de Fevr.º de 1845. Meo Pay O T.^e Cor.^{el} Jose Antonio Miz. pedio-me 1:290 patações p.^a pagar uns cavallos p.^a o serviço da Nação os quaes pedi alguns am.^{os} que héra p.^a eu devolve-los a 15 do corr.^e mes. P.^r me dizer o T.^e Cor.^{el} que logo que chegasse, o T.^e Pinto me os daria o q. não a conteceo, p.^r motivo de não ter ordem do Sr. Barão, p.^a dar dr.º p.^a cavallos. Agora ando em apuros, p.^r tanto espero que Vm.^e de algumas providencias p.^a darem-me o dr.º afim de pagar. Vm.^e me desculpará, o em comôdo, ninguem sabe melhor q. Vm.^e que eo goso da fama de rico, porem ao contrario. Se fosse meo não em fadaria a Vm.^e m.^{to} gosto tenho q.^{do} me hé pocivel servir a m.^a Patria. Qr.^a abençoar Ao seo f.º e am.º Severino Ribr.º

XIX

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão. Quando o Capitão Guterres chegou a Costa do Uroguay já estava recebida a Cavallhada entregue por, por isso não foi passado o recibo conforme V. Ex.^a ordenou, máz exegi do Capitão Guterres hua Parte por escripta da Classe e estado da Cavallhada, a qual junto remetto para conhecimento de V. Ex.^a Tambem remetto a V. Ex.^a o Officio do Tenente Coronel Correia, relativo a Cavallos de Ithapua, V. Ex.^a deliberará sobre o que elle diz. Accêca por aqui he extraordinaria, já não me posso conservar mais pelas pontas de Pay passo por falta de Pastos, vou subindo Ibirapuitam acima, procurando pastos para as Cavallhadas. Sou com estima e respeito De V. Ex.^a Subdito e Am.º Bento M.^{el} Ribr.º Campo em S. Diogo junto a Estancia do Cap.^m David Luiz da Cunha 21 de Fever.º de 1845.

O capitão Guterres conduz uma cavallhada para a divisão; compra de animais feita pelo tenente coronel Correia; falta de pastagens devido á grande secca.

(*Appensos*). Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Marchando conforme a ordem de V. Ex.^a para hir a Santa Ana do Uruguay receber a Cavallhada q. vinha decorentes, junto ao Passo de Santa Anna velha encontrei o Cap.^m João Jacintho Fogassa, do 6.^o Corpo que encomformidade as anteriores Ordem de V. Ex.^a já havia resebido amensionada Cavallhada no dia 9 de manhã, daqual tomei conta na tarde desse mesmo dia, ennumero de 494 cavallos, todos reiunada velha a excepção de seis cavallos Ore-lhanos os quaes mandei reiunar. toda a reiunada está gorda porem a maior parte são velhos e algum ahinda não bem sãos, e tambem seencontra entre elles seguramentes mais de secenta que são macetas, huns de pez; o tros de manos. Os seis que faltão para o Cumpeto de quinhentos me enformou O Cap.^m João Jacinto Fogasa, que os refugou na ocasião que os resebvia p.^r se acharem totalmente incapazes de servir. D.^{os} G.^e a V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Brigadeiro Bento M.^{el} Ribr.^o Com.^{de} da 1.^a Devizão. Manoel Guterres Alexandrino Cap.^m Ajud.^e de Ordem. Campo no Paipasso 14 de Fevereiro de 1845.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Recebi o Officio de V. Ex.^a dactado de 27 de Janr.^o pp. e fico sciente no que V. Ex.^a me diz. Junto remetto a V. Ex.^a as Comonicações do Encarregado dos Negocios em Paraguay o m.^{mo} Encarregado me recomenda toda a brevidade e segurança na entrega das ditas Commonicações, e pede-me recibo dellas; as do Ex.^{mo} Senr. Barão de Caxias, eu não as mando directam.^e ao Ex.^{mo} Senr. temendo serem agarradas. O mencionado Encarregado dos Negocios, escreve-me dizendo que o Ex.^{mo} Senr. Prezidente lhe diz que entenda-se commigo, sobre compras de Cavallos, porem eu, nada posso deliberar por q. não tenho q.^{ta} disponivel para os pagar; 1500 Cavallos que tenho comprado, e pagos ha com q.^{tas} que tenho sacado p.^a Soldo ao Corpo de meu Comando, é como conheço haver mais percizão dos Cav.^{os}, tenho deixado de fazer pagam.^{to} ao Corpo, e pago os Cav.^{os}. As Letras que pede V. Ex.^a dos primeiros cavallos que comprei te hoje ainda me não forão remettidos. Deos Guarde a V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Senr. Bento Manoel Ribeiro Brigadeiro com.^{de} da 1.^a Divizão. Joze Corr.^o da S.^a Guim.^s T.^e Cor. Comm.^e Quartel do Com.^{do} da Fronteira de Missoens 2 de Fevr.^o de 1845.

XX

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Cumprindo a ordem de V. Ex.^a de 10 do corrente sobre a Notta do General D. Fortuozzo Rivera, tenho a responder: Quando marchei para a Cruz de S. Pedro em perseguição de David Canabarro, destaquei o Tenente Coronel Demetrio Ribeiro, com hua força de 400 homens sobre Ber-

nardino Pinto de Oliveira e José Ferreira, que por terceira vez tentarão roubar o Povo de Santa Anna do Uroguay; e logrando o mesmo Tenente Coronel Demetrio surprehender e derrotar Bernardino, destacou huma partida ao mando do Tenente Manoel Pires, sobre o assacino Figueiró, que percentindo esta partida reunio-se a huma porção de Castelhanos e em numero mais superior a força de Pires o attacarão pelas pontas de Tacumbú, que vendo-se Pires exolado Carregou tambem sobre seus inimigos, com a fortuna de os derrotar completamente como já dei parte a V. Ex.^a: talvez de mistura com os Rebeldes morressem esses individuos que o General Rivera fás menção porem como ladroens de Santa Anna do Uroguay, e não como Fiscais, pois todos os que apparecem por toda a Fronteira de Quarahy tem sido respeitados, e elles mesmos podem diser: he quanto tenho de informar a V. Ex.^a a este respeito. Deos Guarde a V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General Presid.^e e Com.^{de} em cheffe do Exercito. Bento Manoel Ribeiro. Campo em S. Diogo junto a Estancia do Capitão David da Cunha 21 de Fevereiro de 1845.

XXI

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão. Junto remeto a V. Ex.^a a Carta do D.^{or} Pimenta Bueno, muito recommendada ao Correia, aproveitando esta ocazião de mandar junto com o Pereira que hé pessoa junto a David Canabarro.

João Antonio depois que o Tenente Coronel Fernandes occorreu até acima de S. Borja voltou a Casequi e mandou-me roubar 150 Cav.^{os} da Estancia do D.^{or} Sá Britto, que acabavão de chegar de Ithaqui onde mandei comprar para faser hua Tropa de Corte, não sei o que elle pertende.

Não há Pastos que se possa parar de S. Diogo para baixo por isso vou subindo procurando-os. Continuo a ser com alta estima e resp.^{to} De V. Ex.^a Subdito e Am.^o Bento M.^{el} Ribr.^o Campo em S. Diogo 23 de Fever.^o de 1845.

Remessa de carta do doutor Pimenta Bueno; João Antonio apodera-se de 150 cavallos da estancia do doutor Sá Britto.

XXII

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão. Junto levo ao conhecimento de V. Ex.^a os esclarecimentos que sei relativo a Divisas com o Estado Oriental do Uroguay, o estado actual d'aquelles terrenos, e as Divizas que me parece mais admiciveis e de menos questoens.

Sinto não ter alcance para melhor desempenhar o que V. Ex.^a exige. Sou com estima e respeito De V.^a Ex.^a Subdito

Esclarecimentos sobre divisas do Brasil com o Estado Oriental do Uroguay.

e Am.^o Bento M.^{el} Ribr.^o Campo junto a Tapera do Costa 26 de Fevr.^o de 1845.

(*Appensos*). Esclarecimentos que me são possível dár.

Ao 1.^o Artigo. — A Linha que guardamos de facto, he Quarahy desde a sua fós no Uroguay athé a ultima vertente do lado direito do mesmo Quarahy seguindo a Coxilha geral athé as pontas de Pirahi grande, e por estes seguindo athé sua barra no Rio Negro, e por este acima athé suas primeiras vertentes, e das pontas de Jaguaron athé a Lagoa Mirim.

Ao 2.^o — Os Limites mais propios, e que possão suscitar menos questõens, em minha oppenião he: Arapehy athé o Serro de Lunarejo, Tacoarimbó athé sua barra em Rio Negro, e por este acima athé suas pontas, e por Jaguaron athé a Lagoa Mirim.

Ao 3.^o — A Linha chamada de 19 (1.^{as} Limites) feita entre o Cabildo de Monte Vidêo, e o Governo do Brasil, foi por Arapehy, desde a sua Barra athé a vertente mais aproximada ao Serro de Lunarejo, na Coxilha geral que deve de aguas ao Uroguay e Rio Negro; dali em direitura as pontas dos Hospitaes (devisa esta confusa entre Lunarego e Hospitaes) por este abaixo athé a barra em Rio Negro, e pela canhada de Assegua athé as pontas, e das de Jaguarão chico athé faser barra em Jaguaron grande, e por estes athé a Lagoa Mirim.

O Territorio entre Arapehy e Quarahy acha-se em hum total abandono, sem nenhuma Authoridade Militar ou Civis; só grupos de homens malvados infestão, assassinação e roubão a quantos em contrão; sua estenção pelos Mappas Geographicos se pode vêr; está ricamente Povoada (por Brasileiros) de criação de Animais de todas as Classes; he fertil para esta criação. Bento M.^{el} Ribr.^o Brigadr.^o Com.^e

Informação sobre os apontamentos enviados p.^r S. Ex.^a o Snr. Barão de Caxias.

A linha q. presentemente divide esta Provincia, do Estado Oriental, nasce do Arroio Chuy, q. desagua no Ociano, e das pontas daquelle Arroio em linha recta a Lagoa Mirim, seguindo dalli o curso do Rio Jaguarão desde sua fóz té nascente da Coxilha Grande; desta segue em linha recta as pontas do Rio Negro, descendo por este té o Arroio de S. Luiz, e desde sua nascente de onde se dirige pela Coxilha de S. Anna té a nascente de Quarahim, e por todo curso d'este até a sua fóz. A linha q. no tempo da occupação do Estado Oriental pelas armas Brasileiras no reinado de D. João 6.^o foi estabelecida por uma convenção feita entre o General Lecor e o Cabildo de Montevideo, comessava pela Angustura de Castilho, dessendo d'alli pelo grande banhado denominado de Souza, q. faz barra no Rio S. Miguel, e d'este té sua fóz na Lagoa Mirim, seguindo

pela margem d'esta a dois tiros de canhão de 24 até o Jaguarão, sobindo p.^r este até o Jaguarão Chico do Estado Oriental, seguindo o curso delle até assima de sua nassente na Coxilha grande, tomando d'alli o rumo do passo da Carpintaria no Rio Negro, e descia p.^r este ao Arroio Hospital, seguindo-o até sua nassente de onde parti em linha recta as pontas de Arapahy, seguindo o Curso deste até sua embocadura no Uruguay. A convenção que nos deu o terreno que fica mencionado, foi observada até o preliminar de Paz de 1828, época emq. sem motivo plauzivel foi abandonado: esta linha he a m.^s conveniente, tanto para segurança desta Provincia, como p.^r tornarmos Senr.^{es} de toda a navegação da Lagoa Mirim em ambas as margens e dos Rios que nella desagüão, alem de dar-nos não pequeno aumento de territorio. Todo terreno entremedio entre a linha actual, e aquella estabalecida pelo General Lecor na convenção citada, se acha povoada p.^r brasileiros com numerosas fazendas de criar; sua extensão m.^s ou menos deve montar no maior comprimento a 50 leguas, com 28 ditas de largura: o valor d'estas, compuctado pelo preço actual dos campos deve montar a 5.832 contos de reis fortes. Em meu sentir o restabelecimento d'esta linha soffrerá opposição da parte dos Orientaes, cazo q. senão dá na conservação d'actual. Eis quanto posso ao prompto lembrar a S. Ex.^a o Snr. Barão de Caxias sobre os quezitos que enviou para sobre elles dar meu parecer. Bento Glz. da Silva. Jagoarão Chico 27 de Fever.^o d' 1845.

XXIII

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Accabo de receber o officio de V. Ex.^a com data de 1.^o do corrente mez, e scerto em quanto V. Ex.^a ordena principio a dár execução as Ordens de V. Ex.^a, fazendo marchar amanhã mesmo o 3.^o Batalhão de Caçadores para Santa Anna do Uroguay, e todas as mais ordens se executarão. Deos Guarde a V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General Presidente e Comd.^e em cheffe do Exercito. Bento Manoel Ribeiro. Campo junto a S. Diogo 2 de Março de 1845.

Execução de ordens recebidas.

XXIV

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Ninguem melhor que V. Ex.^a conhece meu máo estado de saude e que fazendo sacrificios sobre o natural me conservei athé hoje em campanha, mas agora que terminou a Revolução, espero que V. Ex.^a me desonere do Com-mando desta força, ordenando a quem devo entregar o Com-

Fim da revolução; Bento Manoel pede exoneração do commando que exerce

mando que actualmente exerço e premetindo-me retirar-me por algum tempo para minha caza. Deos Guarde a V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias. General Presidente e Com.^{de} em Cheffe do Exercito. Bento Manoel Ribeiro. Campo junto a S. Diogo 2 de Março de 1845.

XXV

Inventarios de estrangeiro e de outras pessoas fallecidas sem herdeiros; falta de auctoridades para tratar de taes assumptos.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Junto levo a presença de V. Ex.^a o Officio que me, dirigio o Coronel Commandante da Guarnição de Alegrete, cobrindo o Inventario a que mandou proceder nos bens do Estrangeiro Luiz Zambianck, que falleceu sem Testamento e sem herdeiros presentes na quella Villa, os quaes sendo Inventariados por hua Comissão de Negociantes, forão Depositadas ao Capitão Felisberto Nunes Coelho, como de tudo consta dos Documentos juntos.

Havendo em poder do mesmo Depositario, bens de outras pessoas que fallecerão igualmente sem que tivessem herdeiros, achão-se todos sugeitos a deteriorarem-se, em prejuizo dos herdeiros (quando os haja) e da Fazenda Nacional, isto devido a falta de authoridades competentes para dispôr de taes bens: V. Ex.^a á respeito ordenará o que julgue conveniente. Deos Guarde a V. Ex.^a Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias. Presid.^e e Comd.^e em Cheffe do Exercito. Campo em Pay passo na Estancia do D.^{or} Sá Brito 9 de Março de 1845.

XXVI

Bento Manoel impossibilitado de ir á Porto Alegre, onde se acham o Imperador e a Imperatriz, manda seu filho Antonio Mancio Ribeiro, representa-lo.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Hoje que são 16 do corrente mez, recebi o Officio de V. Ex.^a com dacta de 30 de Setembro p. p. em que me ordena achar-me na capital de Porto Alegre, no dia 20 do corrente mez; o que me é impossivel pelos poucos dias que faltão, e os pessimos incommodos que padeço, que V. Ex. bem conhece, pois não poso fazer marchas mais de tres á quatro legoas por dia, e bem sinto não poder ter a honra de ir beijar a mão de S. M. O Imperador e sua Augusta Esposa, na chegada á essa capital; porem amanhã parte Meo filho Antonio Mancio Ribeiro que em meo logar beijará as Augustas mãos de S. S. M. M. O I. e Imperatriz. Deos Guarde á V. Ex.^a Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Conde de Caxias. Bento Manoel Ribeiro. Estancia do Jaráo aos 16 de de Outubro de 1845.

Os Campos do Estado¹⁾

(Dr. Francisco Rodolfo Simch)

Quem até agora mais completamente estudou a vegetação do Estado foi o sabio sueco prof. Dr. C. Lindmann e amparado á sua grande autoridade vamos tracejar os quadros em que ella se divide ou os aspectos que apresenta.

O substratum de nosso trabalho vae ser o stand, o territorio já aqui exposto e começaremos pelo littoral, a parte mais baixa, mais arida menos productiva.

Pelo prisma da distribuição botanica este trecho apresenta cinco aspectos, typos ou grupos differentes embora na grande maioria dos casos sejam liquidos e pouco nitidos os respectivos limites.

1.) As dunas de areia movediça.

A praia do mar é constituida exclusivamente de areia finissima, tenue; na faixa em que chega a arrebentação marinha, — em consequencia do encharcamento — estas areias tomam corpo como que se consolidando. Onde a agua não alcança a areia é movel e se desloca sob a acção do vento formando monticulos e montes ou dunas sempre orientadas normalmente á direcção fo vento; assim é que o aspecto da paisagem, desolada por si mesma, muda de um para outro vento.

A distancia não muito grande já se encontram umas graminaceas psammophilas em tapete bem alto: 1.) o *panicum reptans*, Lam. Kunth cujas hastes grossas e rigidas são envoltas em bainhas brancas e largas; 2.) a *spartina ciliata*, Kunth, de colmos grossos e rigidos.

¹⁾ Trabalho lido em sessão de 26 de julho.

De permeio existe uma amentacea — *phylloxerus portulacoides*, St. Hil. — rasteira.

Estas plantas luctam pela existencia succumbindo muitas vezes debaixo das areias que as sepultam. Nos logares em que, como no interior da Ilha dos Marinheiros, por qualquer circumstancia especial as dunas conservam a forma de maneira permanente, a flora é mais abundante de que se destacam como características:

Elionorus candidus, Hak. var. bis

Andropogon arenarius, Hak

„ „ *leucostachys*, Hak

São graminaceas tunicadas de colmos altos, rigidos, cespitosos, de espigas ou paniculas.

Briza erecta, Lam.

Dondonia viscosa, L.

Outros vegetaes communs nestes logares são:

Compostas — typo *gnaphalium*

Solaneas — *petunia coesia*, Sendt, ambas deitadas

Borragineas — *Cordia carassavica*,

Verbenaceas — *Verbena tenera*, *Lantana Camara*, L.

Polygalas —

Nas depressões extensas ha superabundancia de algumas graminaceas psammophilas como

imperata brasiliensis, Trin.

elionorus candidus, Hack.

Andropogon leucostachys, Hak

As cyperaceas são egualmente abundantes tanto nas dunas como nas depressões destacando-se dentre ellas como typicas:

Androtrychum polycephalum, Kunth.

cyperus esculentus, L

„ „ *Haspan*, L.

„ „ *luzulae*, Retz.

eleocharis montana, R. et Sch.

„ „ *sulcata*, Nees.

Kyllingia pungens, Lk.

mariscus strigosus, L.

scirpus scernus, Vahl.

scleria hirtella, Sw.

Entremeiados nestas encontram-se em alguns pontos, como que interrompendo a monotonia local, grupos de arvores de que as principaes especies são:

Ficus (urostigma) — figueiras de var. esp.
myrsine umbellata, Mart. — capororocas
excaecaria biglandulosa, Müll. arg. — pau de leite
Littroea brasiliensis, L. aroeira
myrtaceas — var. esp.
acanthosyris spinescens, Griseb. sombra de touro
iodina rhombifolia, H. et A. herva cancrrosa
corallodendron crista galli, L. corticeira.

Excusado será lembrar o leitor que tal vegetação não é adequada á criação de gado pela sua extrema ralesa e pelo muito que a areia em movimento tortura os seres vivos que ali se mettem.

2.) Campos de areia movediça.

Nos logares onde as depressões se nivellam em grandes planicies de muitas dezenas de kilometros e em que o solo, por ser mais baixo que as dunas, contém alguma humidade, desenvolve-se uma vegetação mais densa, menos precaria que a do grupo precedente. A coloração é de um verde acinzentado e as campinas costumam ser amplamente frequentadas pelos animaes ali criados embora o pasto seja secco e magro e embora as areias irrompam ou brotem (como dizem os moradores) por toda a parte onde a trama radical, pelo pisotear do gado, tenha sido destruida.

Das graminaceas ahi communs mencionam-se:

andropogon Lindmanni, Hack
 " " *leucostachys*, Hack
imperata brasiliensis, Trin.
bromidium hygrometricum, Nees
Festuca australis, Nees
cenchrus tribuloides, L.
polypogon monspeliensis, Desf.
sporobolus tenacissimus, P. B.
paspalum plicatulum, Mchx.

Dentre as cyperaceas sobresaem:

juncus bufonius, L.

„ „ *Buchnaui*, Svedel

„ „ *dichotomus*, Ell.

„ „ *microcephalus*, H. B.

„ „ *K. v. interm.* Kth.

carex uruguayensis, Boek

eleocharis acicularis, R. Br.

„ „ *montana*, R. et Sch.

„ „ *sulcata*, Nees

„ „ *grandirostris*, Clarke.

fimbristylis complanata, L. K.

Kyllingia pungens, LK.

scirpus cernuus, Vahl

scleria hirtella, Sw.

Como se vê a abundancia de typos, especialmente de cyperaceas é maior, mas em essencia a flora, pelo aspecto dos pastos, ou pastagens, não melhorou muito.

3.) Brejos, terrenos limosos.

Em torno das immensas lagoas — a dos Patos e a Mirim — o terreno, apesar de muitissimo arenoso, encontra um outro factor interessante a contribuir para afeiçoal-o de modo caracteristico: com as chuvas prolongadas, com os ventos que as reprimam em grandissima escala — as margens daquelles depositos d'agua são inundados por dias e semanas a fio. A quantidade de detritos de toda a especie que fica no terreno assim inundado dá, apos o facto, logar á formação de uma vasa, lodo, limo ou barro onde se offerecem aos vegetaes bem melhores condições de vida. Em alguns pontos mais deprimidos as aguas se estagnam por muitos mezes ou se mantêm mesmo permanentes e as plantas se aproveitam do habitat que assim se lhes preparou para apagar os limites das regiões botanicas como que esbatendo-os por completo. Do lado do mar o caso é menos notavel que do lado de terra porque desta as massas de argilla e detritos de toda a especie, além de solidificarem mais o terreno arenoso, são mais ricas de alimentos e o observador sem base geologica poderia ser induzido a crer se tratasse de causa diversa.

Lindmann distinguuiu dois grupos vegetaes — um erecto, outro deitado — formados especialmente dos seguintes typos caracteristicos:

Erectos.

utricularias — varias especies

alisma tenellum, Mart.

polygala paludosa, St. Hl.

drosera maritima, St. Hil.

juncus bufonius, L.

„ *dichotomus*, L.

triglochin montevidensis, Spr.

eleocharis acicularis, R. Br.

deitadas.

monniera calycina, OK.

crantzia lineata, Nutt.

callitriche deflexa, A. Br.

regnellidium diphyllum, Lindm.

azolla filiculoides, Lam.

Neste agrupamento convém ter sempre presente a circumstancia de se tratar de solo em que a agua “nunca é corrente” ou só o é por excepção: trata-se de aguas paradas, estagnadas no sentido verdadeiro do termo. Já se não dá o mesmo com o grupo seguinte que é o

4.) Prado uliginoso

Neste estão dadas as condições anteriores com a peculiaridade de serem correntes as aguas. O facies todo deste grupo, aliás apenas em manchas, é notavelmente differente do do outro: Coloração verdejante nitida, bella.

Diz o sabio Lindmann a seu respeito:

„A vegetação graminacea era densa e succulenta e „formava nesta epoca secca um gramado denso, porém „molle. As folhas das graminaceas eram do typo *Poa* „*Agrostis-Alopecuro* e na camada destes cespedes viam- „se tambem outras hervas baixas, algumas das cype- „raceas communs, o *ischönum Urvilleanum*, Kth. her-

„*pestis, lobelia, phaseolus, rynchosia, galactia* (ervas molles com ramos curtos e folhas pequenas, verdes) *eryngium* „(pequenas rosetas de *paniculatum*, Cav.) Sobre esta camada nenhuma herva entomophila se elevava, mas sim „uma grande porção de altos colmos, pela maior parte de „*paspalum plicatulus*, Mchx. *juncus Sellowianus*, Kunth, „*juncus microcephalus*, H. B. K.

„Em compensação havia uma abundante vegetação arbustiva de myrtaceas e compostas arborescentes — *bacharis, eupatorium* — e entre ellas as largas rosetas de „*eryngium floribundum*, Cham., com folhas metraes agudo-dentadas. Na sombra dos arbustos e arvores que pendiam do proximo barranco de areia, os juncos, as graminaceas e as cyperaceas alcançavam uma altura e um desenvolvimento surprehendentes; ali apparecia tambem „o *equisetum pyramidale*, Goldm., de cerca de 2m. de altura e neste logar sombrio e fundo do gramado era occupado por um musgo, *isopterygium longisetum*, Brothn.

5.) Prado salgado.

Por ultimo convém mencionar ainda uma vegetação de beira-mar onde as condições permittam uma flora qualquer.

„No Rio Grande (arredores da cidade) diz Lindmann, „a massa principal da flora consistia numa graminacea „— *spartina glabra*, Mühl. . . . As folhas tem 30 centímetros de comprimento, são erectas com laminas enroscada, de consistencia rigida e apice aculeoso.

„Quando esta graminacea occupa, só, o terreno, forma „extensões consideraveis ou verdadeiros prados littoraes „de uma cor verde bruna, que chegam até a agua, alcançando em certos pontos a largura de alguns kilometros: „em varios logares eram estes prados demasiado brejosos „para serem visitados, mas serviam assim mesmo (em novembro) para pasto a consideraveis manadas de gado. „Todas as especies tinham um gosto amargo e salgado; „e nas folhas de *spartina* brilhavam gotas de forte solução salina.

Isto posto facil será inferir que na faixa de solo que constitue o littoral, apesar de botanicamente se poderem distinguir cinco series, pelo menos, de prados, comtudo a região é propriamente inaproveitavel para a pecuaria, ao menos para o desenvolvimento do grupo bovino.

O terreno falso, arenoso, a ceder sempre ao peso dos animais, a areia finissima a castigar-os e ás plantas, mudando seguidamente até o aspecto dos logares; os pastos fracos e secos em geral; ou então, doutra parte, terrenos alagadiços durante largo tempo com todas as desvantagens que taes circumstancias comsigo trazem: taes os motivos da pouca ou nenhuma importancia para criação nesta zona, excepção feita, é bem visto, de uma ou outra secção especial.

Passemos ao interior do Estado, examinando per summa capita o que ahi os campos apresentem de interessante.

Os Campos do Interior.

Já em outro lugar diziamos haver muita gente a suppor o Rio Grande do Sul uma vasta, uma immensa campina uniforme; insistimos na questão porque a inspecção dos mappas em projecção geralmente não contribue muito para desvanecer este erro, mas o exame do croquis oroplastico (a não confundir com uma *cousa* de identico nome que por ahi anda espalhada e em que á falta de sciencia se allia a ausencia de senso!) tirará quaesquer duvidas a este respeito. As condições de asperesa montesina não existem, mas o typo de savánna e pampa ainda muito menos.

Estudaremos a vegetação dos prados riograndenses pelo complexo aspecto que decorre da exposição fundamental e assim dividiremos os campos em questão nos seguintes grupos:

1.) campos das formações graníticas propriamente ditas ou seja os do eixo da Serra do Mar.

2.) campos da formação trappeana — abrangendo toda zona do planalto — a metade septentrional do Estado e o quarto de SW. — attendendo ás variantes de clima.

3.) a zona intermedia — o valle do Jacuhy e seus affluentes até o Vaccacahy, inclusive.

4.) os typos de excepções locaes que mereçam uma menção especial.

Como se vê, é um plano totalmente differente do até agora empregado para nosso caso.

Campos da Formação Granítica.

1.) Campos amarantaceus ou campo sujo.

Em toda zona da Serra do Mar em que predominam, come soe acontecer nas partes mais accidentadas, as argillas seccas e duras, pedregulho miudo — resultado da decomposição de granitos e pegmatitos — a vegetação é muita baixa, bastante secca e vegetativamente pobre — é um campo sujo, subarbustivo.

Lindmann assim o caracteriza:

„A coberta vegetativa é pouco espessa; em sua totalidade regula um centimetro, formada principalmente de „graminaceas deitadas ou ascendentes,ervas e subar- „bustos e de rosetas foliaceas appressas ao chão.

„Estas são em maioria pequenas, mas firmes e seccas. „Dahi resulta uma camada fundamental de caules, mosai- „co foliare graminaceas; acima desta camada eleva-se „outra superior, 2 a 3 vezes mais espessa e composta de „flores e inflorescencias que sahem das partes inferiores „e de caules foliosos e colmos mais ou menos erectos, „mas em regra debeis e baixos. Pelo contrario os organs „subterraneos são fortemente desenvolvidos e a grande „parte proximos á superficie, ora curtos em forma de „tuberculos, ora ricos em ramos fortes, duros horizontaes „appressos ao chão. Disseminados nesta coberta baixa e „pouco densa, apparecem ás vezes, uma porção de espe- „cies de outras formas mais altas e grossa do que os „typos mencionados, rigidas e erectas e com caules de „consistencia resistente e secca — typo que por analogia — „pode ser denominado de plantas de vassoura. Representa, „porém, papel secundario.“

Elementos característicos da vegetação dos campos subarbustivos:

Formas deitadas constituindo tapete:

Borreria capitata, G. F. W. Meyer

„ *verticillata*, Ch. et Schl.

Diodia rigida, Ch. et Schl.

Richardsonia humistrata, Ch. et Schl.

Spermacoce glabra, Rich.

estas especies são vulgarissimas tendo caules rigidos mas procumbentes:

<i>verbena</i> , em var. esp.	<i>Amarantaceas</i> , var. form.
„ <i>humifusa</i> , Cham.	„ <i>alternanthera</i> ,
„ <i>chamaedrifolia</i> , Juss.	„ <i>gomphrena</i> ,
„ <i>tenera</i> , Spr.	<i>Scoparias</i> , var. form.

São todas ervas baixas ou subarbustos muito ramosos.

<i>Helianthemum brasiliense</i> , Lamb.	<i>phaseolus prostratus</i> , Benth.
<i>Waltheria douradinha</i> , St. Hil.	<i>sotiva sessilis</i> , R. et P.
<i>exalis amara</i> , St. Hil.	<i>acanthospermum xantioides</i> , DC.
<i>centella asiatica</i> , L.	<i>Chevreulia stolonifera</i> , Cass.
<i>trifolium polymorphum</i> , Poir.	<i>aspilia</i> ,
	<i>Verguiera</i> .

Mais ou menos erectas:

<i>nothoscordum</i> , var. form.	<i>melastomaceas</i> , var. esp.
<i>cypella gracillis</i> , Back.	<i>oxalis Sternbergii</i> , Zucc.
<i>alophia pulchella</i> , Herb.	„ <i>articulata</i> , Savign.
<i>sisyrinchium scabrum</i> ,	<i>ionidium glutinosum</i> , Vent.
Ch. et Schl.	<i>Wahlenbergia linarioides</i> , DC.
„ <i>iridifolium</i> ,	<i>glechon canescens</i> , St. Hil.
H. B. K.	„ <i>spatulata</i> , Benth.
<i>acuan virgata</i> , Med.	<i>senecio</i> ,
„ <i>depressa</i> , OK.	<i>stenachenium</i> ,
<i>polygala adenophylla</i> , St. Hil.	<i>porophyllum</i> ,
„ <i>brasiliensis</i> , L.	<i>verbena bonariensis</i> , L.
„ <i>campestris</i> , Gardn.	„ <i>alegrensis</i> , Brig.
„ <i>Duartena</i> , St. Hil.	„ <i>Isabellei</i> , Brig.
„ <i>moluginifolia</i> , H. B. K.	„ <i>Lindmannii</i> , Brig.
„ <i>pulchella</i> , St. Hil.	<i>peltodon longipes</i> , St. Hil.
<i>cuphea</i> , var. esp.	<i>eryngium</i> ,

Amarantaceas divers., graminaceas, juncos e cyperaceas:

<i>juncus bufonius</i> , L.	<i>briza glomerata</i> , Arech.
„ <i>dichotomus</i> , Ell.	„ <i>uniolae</i> , Nees.
<i>bulbostylis capillaris</i> , Vahl.	<i>bromidium anomalum</i> , Ell.
<i>carex phalaroides</i> , Kunth.	<i>Danthonia</i> , var. esp.
<i>cyperus reflexus</i> , Vahl.	<i>Eleusine indica</i> , Gaertn.
<i>dichromena settigera</i> , Vahl.	<i>eracrostis capillaris</i> , steud.
<i>fimbristilis monostachya</i> , Hassk.	„ <i>Neesii</i> , Trin.
<i>Kyllinga odorata</i> , Vahl.	„ <i>pilosa</i> , PB.
<i>mariscus flavus</i> , Vahl.	<i>festuca australis</i> , Nees.
<i>andropogon leucostachyus</i> , Hack	<i>paspalum dilatatum</i> , Poir.
„ <i>virginicus</i> , L.	„ <i>disticophyllum</i> , H. B. K.
<i>aristida pallens</i> , Cav.	„ <i>notatum</i> , Flügge.
„ <i>recurvata</i> , H. B. K.	„ <i>scoparium</i> , Flügge.
<i>briza erecta</i> , Lam.	<i>phalaris angusta</i> , Nees.
„ <i>subaristata</i> , Lam.	<i>urachne panecoides</i> , Trin.

De todos os vegetaes mencionados os typicos, verdadeiramente caracteristicos para estes campos são as marantaceas — *gomphrena*, *telanthera*, *alteranthera*.

O facies geral nol-o mostra quasi exclusivamente existente nos terrenos accidentados nos morros, serros e suas encostas, passando, porém, gradativamente para o typo que em seguida vamos mencionar; em qualquer hypothese trata-se de mau prado.

2.) Campos paleaceos.

Os terrenos em que esta serie se apresenta são os mesmos dos do typo precedente, mas estes parece encontram melhores condições de existencia nas partes baixas, planas, entre morros, nos declives suaves. Eis a caracterisação de Lindmann:

„A vegetação compõe-se ali de graminaceas erectas e robustas, hervas ou subarbustos, tambem erectas e rigidos, e arbustos anãos e debeis.

„O tapete vegetal é desigual e muitas vezes ralo e estrigoso; outras vezes muito denso. Falta-lhe uma camada fundamental continua. A camada de cima é composta na sua maior parte de caules robustos, duros, rigidos; os colmos e as inflorescencias variam em altura media de 3 a 7 decimetros, alcançando no maximo um metro. Esta vegetação se torna mais densa quando as graminaceas cespitosas predominam (certos andropogon).

„A differença principal entre o campo paleaceo e o subarbusitivo é a altura diversa da coberta vegetativa, differença essa que se baseia na diversidade da composição das sociedades vegetativas. Peculiares ao campo paleaceo são as gramineas altas e rigidas, ás vezes densamente cespitosas e com colmos da mesma dureza e dimensão que o centeio; uma parte destas (por exemplo especies grandes de *paspalum*) chamam-se ahi palha e outras, com folhas cortantes, teem o nome de macega, por exemplo as especies de *erianthus*, o resto da vegetação, as hervas e subarbustos, apparecem pela maior parte em typos de vassoura, ramosos, de folhas pequenas ou quasi *aphyllos* o que lhes vale precisamente o nome, como as especies de *sida*, *baccharis*, *scoparia*, *crumena-ria*, *discaria* e outras.“

O mesmo notavel botanico menciona como caracteristicos para o campo paleaceo os seguintes vegetaes:

andropogon incanus, Hack., var. outr. esp.

erianthus saccharoides, Nees.

paspalum em varios typos todos caracterisados pelo serem sociaveis, altos, de caules grossos, duros, folhas rigidias.

aristida, graminaceas do typo *stypa*; debeis, folhas estreitas, mas duras e resistentes.

oenothera e *Jussieuaea*, generos das onagraceas.

cuphea e *nesaea*, generos de lithraceas.

buddleia brasiliensis. Jacq.

baccharis, compostas de varios typos.

eupatorium e

verbenas de var. form.

A coexistencia destes dois grupos de campos, em penetrações varias o sabio Lindmann alvitra poder se explicar pelo facto de ser esta vegetação mais alta, predominantemente de sementes volantes que só chegam, quando arrebatadas pelo vento, ao repouso em logares abrigados, ao passo que as sementes do campo subarbustivo se espalham pelos morros e seus declives.

Passemos a examinar agora os campos da outra secção de accordo com o estabelecido a pgs.

Campos da Região Trappeana

Convém relembrar aqui a immensa diversidade de composição do solo neste maior trecho do Estado e o precedente; as rochas eruptivas que lhe servem de origem divergem das graniticas de maneira notabilissima e esta circumstancia explica porque razão ao ser examinada a terra de campo do Rio Grande do Sul por A. Maerker (1884), elle os achou pauperrimos e porque, d'outra parte, a mesma terra é tida como fertilissima pelos agricultores. O caso é que o aspecto exterior — com sua coloração vermelho-rôxa — é sensivelmente o mesmo (para os menos entendidos) para as duas formações de origem differente, levando deste modo a que os levianos os identifiquem e consequentemente cáiam em contradicções mais ou menos grosseiras.

Com a fixação das preliminares de nossa exposição estão não somente excluídas as dificuldades como até explicadas as próprias contradicções aventadas.

A irrigação da região trappeana é melhor e mais uniforme que a de outras zonas.

Em geral os campos desta formação apresentam um gramado succulento, parelho, verde caracterizado especialmente pelo *paspalum notatum*, Flügge., o *ionidium bicolor*, St. Hil., typos de verbenaceas, *gomphrena* e grande quantidade de *oxalis* e *trifolium*.

Sobre este fundo tanto mais denso quanto mais para SW. se estende a pesquisa, surgem malhas de *erianthus* ou macegão com algumas vassouras do typo *baccharis genistelloides*, Pers.

Outras malhas ás vezes extensas são constituídas de *aristida* dentro as quaes se destacam a a. *pallescens*, Cav. a a. *Complanata*, Trin. que mancham o campo de um amarellado avermelhado.

De trecho em trecho topam-se agglomerações chamadas por Lindmann — matta em miniatura — de cor glauca pallida e constituídas de *baccharis rufescens* Sp.

baccharis incisa, Hook etar.

„ *brevifolia*, DC.

„ *articulata*, Pers.

„ *dracunculifolia*, DC.

Na proximidade destes grupamentos geralmente se acham representantes das myrtaceas como *campomanesia*, Berg.

Abstrahindo disso a vegetação é essencialmente a mesma mencionada para a formação granítica como muito bem notou Lindmann e com esta seriação: muitas compostas de pequena estatura, caule duro, perennes, as amarantaceas, verbenaceas, as labiadas, as umbellíferas, as leguminosas, as cyperaceas.

Existem a mais como caracteres essenciaes as graminaceas de paniculas finas, esbranquiçadas como *andropogon virgineus*, L e *paspalum distichophyllum*, H. B. K. o *hypoxis decumbens*, L e em quantidade prodigiosa os typos de *oxalis eriorhyza*, Zucc o. *brevipes*, Frederiks., o. *amara*, St. Hil.

No meio dessa encontram-se a *pelluda lupinus lanatus*, Benth, muito *croton* (velame) de folhas velludadas, redondas como c. *grandivelum*, Muell. Arg., c. *lanatus*, Lam., a *waltheria douradinha*, St. Hil. e uma legião de graminaceas de pedunculos brevissimos como *eragrostis*, *sporobolus*, *agrostis* e *panicum*.

Communs aos dois grupos geraes de campos são as *macrospkonia*, *achyrocline satureoides*, a *solidago microglossa*, *xanthium orientale* e *erianthus*.

Escreve a esse respeito Lindmann:

„Ao passo que a formação dos campos subarbustivos „não é caracterisada por uma só forma systematica preponderante, mas pela diversidade systematica, torna-se „physionomicamente um mosaico de varios typos estes „campos, pelo contrario, adquirem um aspecto mais uni„forme por causa das graminaceas — das andropogoneas — „e das compostas — eupatorias, vernonia, asterias. — „Estas duas familias vegetaes são por tal forma preponderantes que se „todas as outras ervas e subarbustos „fossem eliminados, as planicies conservariam ainda sua „physionomia e natureza“; e, como, ambas estas familias „são representadas por poucos typos mas em numero „enorme de individuos encontram-se repetidos infinitamente „os mesmos caracteristicos morphologicos e biologicos.

Tratando em seguida das graminaceas prosegue o notavel sueco:

„. os maiores grupos nesta formação são os „que se constituem pela densa approximação de andropogenspathiflorus, Kth., e andropogon condensatus, H. B. e „que, menores por causa de sua folhagem, como pelas „suas paniculas erectas, rigidas e alargadas em forma de „vassoura, enchem os campos com uma vegetação quasi „impenetravel. Na primeira a inflorescencia é cor de „ferrugem por causa das muitas hastes; em ambas a „panicula é muito larga e cheia de pellos finos como „pennugem. Outras graminaceas tambem formam grupos „compactos por causa de sua densa folhagem especialmente aquellas especies de paspalum e panicum que „com o nome de palha branca enchem as baixadas e „terrenos humidos com camas de folhas glaucas pallidas „de quasi um metro de comprimento, rigidas e largas — „paspalum virgatum, L., p. Larrañagai, Arech., p. scoparium, „Fluegge., panicum ivular Trin., p. grumosum, Nees., p. „prionitis, Nees.

Estes ultimos grupos pertencem propriamente ao grupo de transição e conhecem-se pelo nome de *curisal*, *pajonal*, etc.

3) Campos da zona intermedia ás duas formações.

Um momento de reflexão ao examinar o mappa oroplástico do Estado, trará ao espirito do observador esta conclusão: a grande depressão entre o planalto riograndense e a Serra do Mar, isto é, aquella zona accupada pela bacia do Jacuhy — Vaccahy fatalmente tem de ser constituída agrologicamente, dos detritos de ambas as especies de rochas que forneceram os leitos dos rios ahí correntes. O territorio é alluvial e por isso mesmo haverá menos rochas pedregosas, mais sedimentação moderna, mais humus e isto na proporção da impetuosidade das correntes que para ali se dirigem, ou seja, tem de predominar, por força, a terra fertil das trappas sobre a menos fertil dos granitos.

A depressão, por esse mesmo seu character, até climatologicamente, deve ter condições differentes, embora pouco, das alturas circumjacentes. A inspecção das cartas thermicas confirma esta asserção e por tanto devemos nos preparar para ahí encontrar outro facies nos campos. Não podendo se apresentar melhor demonstração para este caso que os trabalhos de Lindmann nos limitamos a transcrever o que elle diz a respeito:

„ vasta planicie de pastagens, limitada por montanhas tanto ao norto como ao sul. Ao sul, numa „ distancia de 100 kilometros, ergue-se a crista irregular da „ Serra de Caçapava (um esgalhamento da do Herval); ao „ norte na distancia de 50 kilometros, elevam-se os con- „ tornos do planalto que de longe semelham uma serra „ tendo por isso esse nome. A leste e a oeste extendem-se „ immensas planicies alternadas de capões na direcção do „ rio Jacuhy.

A descripção refere-se em especial ao territorio da cidade de Cachoeira situado no meio da depressão.

„ Os campos aqui como em Piratiny (Serra do Mar), são „ em parte horizontaes e em parte ondulados por suaves „ elevações e baixadas. Parecem, por isso, como divididos „ em immensos quadros com superficie levemente convexa „ e as linhas divisorias dessas convexidades são muitas „ vezes marcadas por uma estreita fita de matta ou pelo „ menos, por uma densa vegetação de moitas ao longo das „ maiores depressões, mais ou menos humidas. A terra é „ em geral composta do já mencionado barro vermelho

„fino. Em muitos logares, porém, é substituída por terra „cinzenta, areenta e misturada com humus. Aqui e acolá „os campos são cortados por sangas de alguns metros de „profundidade, correndo em curvas fortes.

„. Mesmo em excursões curtas encontra-se uma „grande porção de especies em mistura variegada e entre „ellas muitos typos singulares e metamorphoseados. Em „essencia formam estes campos pastagens com uma co- „berta vegetativa uniforme e densa; somente nas margens „e degraos das sangas transparece o barro vermelho „descoberto. A disposição regular das camadas vegeta- „tivas é interrompida em parte pela vegetação arborescente „em forma de capões baixos, ou então por arbustos pouco „altos em grupos pequenos. Estas interrupções são, po- „rém, de pouca importancia porque os arbustos occupam „apenas alguns metros quadrados ou enchem alguma de- „pressão no terreno secco e aberto ou revestem os terraços „estreitos das paredes das barrancas parece-me „todavia inteiramente claro que estes campos são iden- „ticos aos já descriptos (os da serra granítica!) „devo, „porém, talvez frisar a differença resultante do facto de „predominarem na flora destes campos as graminaceas „em maior quantidade do que nos (logares mencionados, „razão por que os campos da Cachoeira são menos subar- „bustivos do que, por exemplo, os morros de Porto Alegre „e da Campanha em torno de Piratiny; e apesar de que „uma só familia vegetativa como as graminaceas occupa „logar predominante, desenvolveram-se, ainda assim, tam- „bem campos de matizes diversos porque as grandes gra- „minaceas formam diversas e bem distinctas sociedades „vegetativas.

„. Na vizinhança da cidade, onde se acham „situadas as chacaras e onde ha um transitio permanente, „bem que não grande, podem estes campos ainda ser „examinados, pois são ahi verdadeiros gramados densos, „macios e viçosos, qualidades essas devidas a algumas „graminaceas pequenas e perennes — especialmente entre „todas o *paspalum notatum*, Fluegge. Esta especie tem „rhizomas grossos e duros, articulados como scolo pendra „e appressos ao chão ou meio enterrados, produzindo „numerosos brotos curtos; o colmo que é fino, caulescente „e erecto mede 2 centimetros e tem 2 espigas finas uni- „das em forma de Y, de cor verde clara. Estes grama- „dos tornam a apparecer longe no interior ao longo das

„estradas de rodagem Visitando logares mais
 „distantes e livres de transito como, por exemplo, os
 „morros e declives afastados das estradas encontra-se
 „ainda de novo muitas vezes esta formação baixa mas
 „variada pela mistura com especies tambem baixas de
 „flores brilhantes, tornando-se assim um campo subar-
 „bustivo; e entre os elementos caracteristicos desta flora
 „convém registrar mais:

calydorea campestris, Bak.

ionidium bicolor, St. Hil.

Zornia diphylla, Pers.

stylosanthes guyanensis, Sw.

acuan virgata, Med.

polygalas varias p. *adenophylla*, St. Hil., p. *brasiliensis*,
 L., p. *extra-axillaris*, Chod.

cupheas

oxalideas

baccharis

chaptalias

lucilias

acanthaceas

labiadas

verbenaceas

rubiacneas (*borreria* e *spermacoce*)

„Esta formação baixa, representando uma camada funda
 „e outra pouco alta, campestre, pode tambem conter in-
 „dividuos destacados de altura maior, parcialmente de
 „typo vassoura bem marcado. Entre taes hervas e sub-
 „arbustos mais altos, mais robustos e foliosos e dissemi-
 „nados ou solitarios sobre o campo, no fundo baixo, po-
 „dem ser mencionados varias especies de macrosypho-
 „nias, plantas com tomento branco espesso no verso das
 „folhas e flores brancas com enorme tubo corollino; pe-
 „tunia nyctaginiflora, Juss., magniflora de flores alvas que
 „só abrem á tarde; tibouchina, melastomaceas e seme-
 „lhantes, hervas rigidas, scabras com folhas lanceoladas e
 „flores purpureas; composta por ex. a commun solidago
 „microglossa, DC. com haste comprida, aguda, de capitu-
 „los pequenos, aureos; baccharis genistelloides, Pers., de
 „todos os tamanhos, senecie e stenachoenium com caules

„grossos, rijos, pterocaulum, gnaphalium, achirocline satyroides, DC. especies com pubescencia cinzenta e outras.

„Destas formações compostas — gramados e campos e subarbusculos floriferos — ha mais uma formação paralela — os campos paleaceos que occupam aqui egualmente areas enormes. Este campo parece precisar de outras condições que não as da planicie aberta e illimitada ou os morros mais expostos; mas aqui não era tão exigente e alternava sem regra nenhuma com o gramado baixo. Talvez seja preciso considerar que a grande região florestal não está muito distante deste logar. “Estavam pois, aqui as diversas formações intimamente ligadas uma ao pé da outra sendo os elementos de uma apenas de 1 a 2 decimetros de altura e os da outra — — palha e macega — chegavam até 1 e 2 metros.” Os vegetaes mais conspicuos na ultima formação são graminaceas, especies de andropogon.

„Algumas dellas são cespitosas, por causa da grande quantidade de brotos de folhas compridas, assemelham-se a cabeças gigantescas com cabello longo e estrigoso; elinuros candidus, e, latiflorus, Nees, com folhas mais finas movidas pelo vento, erianthus saccharoides, Nees., v. angustifolius, Hak. com folhas grossas, rigidas e viradas para traz. Outras ainda crescem mais regularmente distribuidas, mais ou menos como cereaes numa plantação, sendo a mais commum andropogon incanus, Hak. Tambem andropogon spatiflorus, Kth. e a. condensatus, H. B. K. apparecem mas não tão abundantes como no planalto.

„As partes dos campos paleaceos onde o typo aristida predomina tem sempre o character de pobreza e de esterilidade. São graminaceas de meio metro de altura que se distinguem por colmos finos, folhas estetas e enroladas e maturação muito mais precoce do que andropogon.

„Juntamente com outras especies e generos de compostas são especial e abundantemente representadas as seguintes que são as mais communs, ricas em individuos e largamente distribuidas sobre os campos:

solidago microglossa, D, DC

erigeron,

conyza, *baccharis*,

baccharis
stevia
symphyopappus
eupatorium Bartsiaefolium, DC
 " " *liatrideum*, Hook et Arn.
 " " *subcana*, DC
 " " *intermedium*, DC
vernonia intermedia, DC
 " " *megapotamica*, Spr.
 " " *rubricaulis*, H. B. K.
 " " *squarrosa*, Less.
gnaphalium purpureum, L
achirocline alata, DC
 " " *satureoides*, DC
trixis verbasciformis, Less.

„Certa semelhança em hábitos com as gramináceas ces-
 „pitosas se encontra em várias espécies de *eryngium* que
 „de uma roseta de folhas como bromélias emitem um
 „caule fino, de poucas folhas e com aglomerações florais
 „redondas ou cilíndricas como:

eryngium ciliatum, Lam.
 " " *ebracteatum*, Cham.
 " " *elegans*, Cham.
 " " *eriphorum*, Cham.
 " " *Pristis*, Cham.

„Especial menção merecem, porém, algumas *myrtaceas*
 „que são verdadeiros arbustos ou árvores arbustivas, mas
 „assim mesmo pygmeus entre a vegetação campestre e
 „que se juntam para formar grupos mais homogêneos do
 „que a maior parte das ervas baixinhas do campo aberto;
 „espécies destes como, por ex., a *campomanesia aurea*,
 „Berg., tem o hábito de um *buxus* ou de *vaccinium*.“

Ficam deste modo estabelecidas as principais características
 das duas formações agroecológicas diferentes e bem assim o com-
 plexo da formação depressiva ou intermédia.

4.) Variantes principaes.

Gramados.

Neste caso particular que não é uma forma natural, o tapete vegetativo, diz Lindmann

„é denso mas baixo, formado principalmente de roseta „de folhas e brotos foliares de graminaceas; resulta disso „um gramado plano e macio que differe das outras formações por sua viva cor verde e que cobre e esconde „inteiramente o chão.

„Esta formação encontra-se em pequenas manchas em „alguns logares do campo onde, entre os morros e espigões, „ha valles e baixadas, especialmente nas proximidades „dos capões e nos claros entre as densas e redondas „moitas que formam o limite dos capões e mattos para „os campos. Por causa desta situação fechada e abrigada „pela sombra, conservação de folhas cahidas entre as „densas moitas e pela humidade relativamente maior na „proximidade do correjo no fundo da baixada, tornam-se „estes logares essencialmente differentes dos morros e „campos abertos aos ventos e pode haver ali abundante „formação de humus. Accresce a isto que gente e animaes, especialmente nas horas quentes do dia, se encaminham para esses logares, tanto mais que a pastagem „ahi é maior, ganhando taes logares em consequencia „pelo, pisar dos animaes, pela pastagem delles e pela „adubação. Da cooperação de todos estes factores resulta „conservar-se o gramado sempre fresco e verde tão quieto „e convidativo em comparação ao chão florido e rico em „cores, mas secco e de vegetação rala dos campos em „derredor. Assim se modifica a vegetação do campo „subarbustivo.

„Taes gramados na região campestre tem mais ou „menos o character de um prado; o pisar dos animaes e „o pastar produzem o mesmo effeito á beira das estradas, „perto das habitações e dos pousos, como acontece até „em extensões grandes nos caminhos principaes atravez „dos campos. A extensão cercada immediatamente adjacente ás casas de campo e que serve de pasto aos cavallos de montaria da casa ou de seus hospedes, constitue „um gramado denso e tenro, formado principalmente de „graminaceas baixinhas e de folhas molles como:

panicum sanguinale, L.
paspalum notatum, Fluegge.
 „ *plautycaulum*, Poir.
 „ *furcatum*, Fluegge.
 „ *mandiocanum*, Trin.
eleusine indica, Gaertn.
cyperus e kylligia var.
leguminosas div.

„A este pasto chamam potreiro, nome com que designam
 „egualmente extensões maiores e escolhidas de campo
 „que cercam com arame ou com cercas vivas e as alugam
 „como pastos de primeira ordem.

„São portanto formações aperfeiçoadas dos campos onde
 „plantas herbaceas e tenras (as já referidas especies de
 „*paspalum* que na America do Sul ás vezes teem o nome
 „de gram e graminha, donde gramado) substituem as
 „seccas, rigidas e lenhosas. Pedese como mostra a ex-
 „periencia, attribuir esta mudança á adubação pelos ani-
 „maes que pastam; porque em geral os logares onde se
 „decompõem grandes quantidades de substancias que for-
 „mam saes ammoniacaes, costumam produzir uma vege-
 „tação forte, succulenta de um verde vivo e de rapido
 „crescimento, com a condição, porém, que o crescimento
 „não seja impedido pelo muito pisar dos animaes como
 „succede, por ex. nos logares onde se param rodeios.
 „Neste caso o pasto se estraga a ponto de quasi não ha-
 „ver mais vegetação, excepto algumas especies bastante
 „resistentes e elasticas para sobreviverem como algumas
 „sidas. Essencialmente igual em tudo ao pasto em questão
 „é o que apparece na região florestal ao redor dos sitios
 „dos colonos, depois de derrubados, onde podem desen-
 „volver-se os mais lindos e macios gramados-factos estes
 „que observei tambem nas regiões florestaes do Paraguay
 „e Matto Grosso. De certo não ha necessidade de mostrar
 „que um gramado pode apresentar transição imperceptivel
 „para o campo subarbustivo, como tambem que por causa
 „de sua vegetação succulenta e rica, pode passar sem li-
 „mite para o campo paleaceo e brejoso.

Varzeas.

Ainda á obra de Lindmann vamos pedir a caracterisação
 desta especie:

„Para designar extensões maiores de terreno brejoso e „humido usa-se no Rio Grande a denominação de varzea, „synonymo de planície baixa. Estas varzeas periodicamente inundadas em parte (e de que a que se encontra „a N. de Porto Alegre é typica, na confluencia de quatro „rios) são savanas com raros capões; a sua vegetação se „compõe de graminaceas grossas e ervas maiores e rigidadas e é, portanto, um campo de macega com *erianthus*, „*andropogon*, *paspalum*, *oenothera*, *buddleia*, *sisyrinchium*, „*sellowianum*, *Kth.*, etc.

„A vegetação que não é muito alta se differença da „dos campos circumvisinhos e seccos pela sua abundancia „em formas graminaceas de folhas estreitas e ausencia de „entomophilas de flores grandes. Pela sua consideravel „extensão muitas vezes as varzeas não e podem considerar „como formações homo geneas. Por ocasião das grandes „chuvas a agua eleva-se bastante; logares de ordinario „seccos são então inundados por algum tempo para mais „tarde estarem expostos ao sol e aos ventos, donde resulta „que estas manchas adquirem a apparencia das loca limosa.

„Outras partes permanecem sempre humidas e teem o „caracter de prados brejosos apesar de pertencerem ainda „aos campos no sentido lato; e o seu chão é bastante „firme, mas não é composto de barro vermelho e duro „ou de pedregulho. A terra é cinzenta, parcialmente „preta, limosa, na qual ha infallivelmente formação de „turfa, em manchas ao menos. Convém mencionar que „é esta formação de brejo, tão especialmente localisada, „possue algumas plantas caracteristicas do terreno baixo „e brejoso entre o Uruguay e Paraná. Uma destas plantas é a corticeira — *corallodendron crista gall* L — arvore que em quantidade incalculavel cobre as margens „e pantanos do curso inferior do Paraná. Esta e algumas „outras arvores baixas e contorcidas existem espalhadas „e raras sobre o campo humido, mas ricamente ornadas „de epiphytas. Um outro typo caracteristico das margens „do Paraná que torna a apparecer no Rio Grande do Sul „é um *eryngium* alto, com rosetas de folhas longas, lineares, dentadas. De interesse é tambem que uma outra „planta, o prototypo que o *eryngium* imita, o gravatá, — „*bromelia fastuosa*, Lindl. — apparece espontaneamente „nos campos pantanosos, especialmente onde estes limitam com matta humida ou moitas de arbustos. Esta „*bromelia* forma grupos e cercas impenetraveis de 1 a 2

„metros de largura, com suas grandes rosetas de folhas
„divergentes, estreitas como laminas de espada agudissimas
„e fortemente aculeadas ao longe de suas margens.

Taes seriam os mais importantes momentos de nossa these. Demos uma rapida vista d'olhos sobre os pontos mais salientes dos campos do Estado relacionando-os a typos perfeitamente caracterisados não sómente pela face phytologica mas pelo conjunto mesophytologico o que é bem de mais valor.

Sem duvida estamos muito longe de poder fechar este capitulo de nossos conhecimentos, antes nos devemos lembrar que apenas voltamos delle as primeiras paginas: a outros e especialmente aos institutos que bem comprehendem a sua missão incumbe levar por deante o commettimento corrigindo e melhorando o que ora apresentamos: meliora faciant potentes.

Julho, 1925.

Na obra de Lindmann sobre a vegetação no Rio Grande do Sul a mais completa neste assumpto, vem mencionados os seguintes vegetaes para a região dos campos, convenientemente dispostos em ordem alphabetica e a que juntamos, quando possível, os nomes vulgares:

Acacia bonariensis, gill. — unha de gato
 „ „ cavenia, Hook et Am. — espinilho
 „ „ farnesiana, (L) W. — esponja
 Acanthospermum xanthioides, DC. — carrapicho rasteiro
 Acanthosyris spinescens, DC. — sombra de touro
 Achirocline alata, DC. — macella
 „ „ setureoides, DC. — macella
 Acuan depressa, O. K.
 „ adpressa, O. K.
 „ virgata, Med.
 „ f. paspalacea, Lindm.
 Aechmea disliacantha, Lem. — cravo do matto
 Agrostis montevidensis, Spr. — esp. de capim mimoso
 Alisma floribundum, Seub. — esp. de agua-pé
 „ tenellum, Mart.
 Alophia pulchella, Herb.

- Alsophila aspera*, R. Br. — samambaia-assú
 " " *atovirens*, Presl. — samambaia-assú
Alternanthera achyrantha, R. Br.
Ananas sativum. bracteatum, Lindl. — ananaz
Andropogon avenarius, Hack.
 " " *condensatus*, H. B. K.
 " " *incanus*, Hack.
 " " *leucostachius*, Hack.
 " " *Lindmannii*, Hack. } pastos duros
 " " *nutans*, L. } e macegosos
 " " *spatiflorus*, Kth.
 " " *virginicus*, L.
Androtrichum polycepalum, Kth.
Anemone decapetala, L.
Anethum graveolens, L.
Aneira Schwaneckeii, St.
Anil asperifolia, Lindmann
Anisomeris obtusa, K. Sch.
Annesleya brevipes, Bth.
 " " *parvifolia* Hk. et Arn.
 " " *Tweedii*, Lindm. — quebra-fouce
Anthoceros planus, St.
Aphanostema apiifolium, St. Hil.
Araucaria brasiliana, A. Rich. — araucaria
Aristida complanata, Trin.
 " " *pallens*, Cav. } barba de bóde
 " " *recurvata*, H. B. K. }
Artemisia absinthium, L.
Azolla filiculoides, Lam.
Bacharis anomala, DC. — vassoura
 " " *artemisiaefolia*, Hk. et Arn. — vassoura
 " " *articulata*, Pers. — carqueijinha
 " " *brevifolia*, DC. — vassoura
 " " *dracunculifolia*, DC. — vassoura
 " " *genistelloides*, Pers. — carqueja
 " " " " f. *cylindrica*, Bak — carqueja
 " " " " " *crispa*, Bak. — carqueja
 " " *incisa*, Hook et Arn. }
 " " *refracta*, Burch. } typos de vassouras
 " " *rotundifolia*, Spr. }
 " " *rufescens*, Spr. }
Bidens pilosa, L. — picão
Bignonia unguis cati, L.

- Borreria capitata*, DC.
 " " *verticillata*, Mey.
Briza erecta, Lam.
 " *glomerata*, Aresch. }
 " *subaristata*, Lam. }
 " *uniola*, Nees }
 } esp. de treme-treme
Bromelia fastuosa, Lindl. — gravatá ou banana do matto
Bromidium anomalium, Ell.
 " " *hygrometricum*, Nees
Bryum corrugatum, Hamp.
 " *gracilescens*, C. Müll.
 " *Lindmannianum*, Broth.
Buddleia brasiliensis, Jacq.
 " " *thyrsoidea*, Lam.
Bulbostylis capillaris, Vahl.
Callitriche deflexa, A. Br.
Calydorea campestris, Bak.
Campomanesia aurea, Bg. — guabiroba do campo
 " " *cyanea*, " " " " " "
Campylopus introflexus, Hdw.
Campylopus subintroflexus, Broth.
Carex arenaria, L.
 " *phalaroides*, Kth.
 " *uruguayensis*, Boek.
Casearia sylvestris, Sw. — chá de bugre, herba da pontada
Cassia repens, Vog.
Cattleya intermedia, Grah. — orchydea ou parasita
Cenchrus tribuloides, L. — carrapicho
Centella asiatica, (L) Urb.
Centrosema pascuorum, Mart.
 " " *virginianum*, L.
Cereus alacriportanus, Zucc. — tuna
Chevreulia stolonifera, Cass
Chloris distichophylla, Lag.
Chrysophyllum marginatum, Radlk.
Cocos capitata, Mart. — butiá
 " *eriospatha*, Mart. — butiá
 " *Romanzoffiana*, Cham. — gerivá
Colletia cruciata, Gill et Hk. — quina ou espinho da co-
 roa de Jes.
Coralledendron crista-galli, L. — corticeira
Cordia curassavica, Lindm.
Cortaderia argentea, Stpf. — pennacho de capoeirão

- Corytholoma igneum, Fritsch.
 Cotula coronopifolia, L.
 Cracca adunda, OK.
 Crantzia lineata, Nutt.
 Croton astrogynus, Baill.
 „ Hilarii, Baill.
 „ lanatus, Lam.
 „ grandivolum, M. Arg.
 „ nitriariaefolius, M. Arg.
 „ urucurana, Baill. } esp. de velame
 Cypella gracilis, Bak.
 „ „ hebertii, Herb.
 Cyprus cosanguineus, Kth.
 „ esculentus, L.
 „ Haspan, L.
 „ incomtus, Kth.
 „ luzulae, Retz.
 „ proxilus, H. B. K.
 „ reflexus, Vahl.
 „ uleanus, Boek. } esp. de junquinhos
 do campo
 Danthonia cirrata, Hook et Aresch.
 Desmodium cuneatum, Hk. et Arn. — péga-péga
 Dichondra macrocalyx, Meissn.
 Dichromena setigera, Vahl.
 Diodia rigida, Ch. et Schl.
 Dioscorea microcephala, uline
 Dipladena xanthostoma, M. Arg.
 Discaria febrifuga, Mart. — quina do campo
 Dodonaea viscosa, L. — vassoura vermelha
 „ „ v. angustifolia, Benth.
 Drosero maritima, St. Hil.
 Dumortiera hirsuta, Sw.
 Echinocactus muricatus, Otto — cactus de pedras
 „ „ tenuispinus, Lk. et Otto
 Eleocharis acicularis, R. Br.
 „ „ capillacea, Kth.
 „ „ montana, R. et Sch.
 „ „ palustris, R. Br.
 „ „ sulcata, Nees
 „ „ v. grandirosris, Carke
 Eleusine indica, Gaertn.
 Elionurus candidus, Hack — capim limão
 „ „ „ v. bisetosus
 „ „ latiflorus, Nees
 Elymus arenarus

Equisetum	pyramidale, Goldm.	— cavallinha
Eragrostis	airoides, Nees.	} esp. de ca- pim
" "	capillaris, Steud.	
" "	Neesii, Trin.	
" "	pilosa, B.	
" "	purpuresecens, Schult.	
Erianthus	saccharoides, Nees	— macega brava
" "	" "	v. angustifolius, Hack — id.
Eryngium	cliatum, Cham.	} esp. de gravatá do campo
" "	ebracteatum, Lam.	
" "	eburneum, Dcne.	
" "	elegans, Cham.	
" "	eriphorum, Cham.	
" "	floribundum, Cham.	
" "	junceum, Cham.	
" "	nudicaule, Lam.	
" "	paniculatum, Cav.	}
" "	Pristis, Cham.	
Eupatorium	alternifolium, Sch. Bip.	
" "	bartsiaefolium, DC.	— charrúa
" "	" "	v. tricophora, Bak.
" "	bracteatum, Gardn.	
" "	calycinum, Sch. Bip.	
" "	Candelleum, Hk. et Arn.	
" "	" "	v. lancifolia, Bak.
" "	ceratophyllum, Hk. et Arn.	
" "	cocinnum, DC.	
" "	ericoides, DG.	
" "	gnidioides, DC.	
" "	halimifolium, DC.	
" "	hebecladum, DC.	
" "	hecavanthum, Bak.	
" "	intermedium, DC.	
" "	laevigatum, Lam.	
" "	lanigerum, Hk. et Arn.	
" "	liatrideum, DC.	
" "	" "	v. subcana, DC.
" "	macrocephalum, Less.	
" "	" "	v. strigosa, DC.
" "	nummularia, Hk. et Arn.	
" "	oblongifolium, Bak.	
" "	pallens, DC.	
" "	" "	v. hirsuta, DC.
" "	phlogifolium, DC.	
" "	serratum, Spr.	

- Eupatorium tozziaefolium*, DC.
 „ *virgatum*,? — *chilca ou chirca*
Excoecaria biglandulosa, M. Arg.
 „ „ *v. Sellowiana*, M. Arg.
Festuca australis, Nees
Filago dasycarpa, Griseb.
Fimbriaria Lindmannii, St.
Fimbristylis complanata, Lk.
 „ *monostachya*, Hassk.
Fissidens Malmei, Broth.
 „ *obtusatus*, Hpe.
 „ *saprophyllus*, Broth.
Fossombronia angulosa, Raddi
Glechon canesecens, St. Hil.
 „ *spatulata*, Benth. — *mangerona do campo*
Gleichenia nervosa, Kltz.
Gnaphalium purpureum, L.
Gomphrena Sellowiana, Mart. — *paratudo*
Guettarda uruguensis, Ch. et Schl. — *velludo*
Helianthus brasiliensis, Pers.
Heliotropium curassavicum, L.
Hemitelia setosa, Metten. — *samambaia-assù*
Heteropteris microcarpa, Skottsk.
 „ *microdon*, Skottsk.
 „ *umbellata*, Juss.
Hydrocotyle umbellata L. *v. bonariensis* (lam) Urb.
Hymenostomum riograndense, Broth.
Hypoxis decumbens, L.
 „ „ *v. major*, Seub.
Hysterionia pinifolia, ?
Ilex amara, Bompl. — *caúna*
 „ *canariensis*, Poir. — *caúna*
Imperata brasiliensis, Trin. — *sapé*
Indigofera sabulicola, Benth.
Iodina rhombifolia, Hk. et Arn. — *herva canerosa*
Ionidium bicolor, St. Hil.
 „ *bigibbosum*, St. Hil. } *esp. de poa*
 „ *glutinosum*, Vent. }
Ischaemum Urvilleanum, Kth.
Isopterygium longisetum, Broth.

- Janusia guaranitica*, Juss.
Juncus Buchenau, Svedel.
 „ *bufonius*, L.
 „ *dichotomus*, Ell.
 „ *microcephalus*, H. B. K.
 „ *intermedius*, Kth.
 „ *Sellowianus*, ?
Kyllinga brevifolia, Rottb.
 „ *odorata*, Vahl. — capim de cheiro
 „ *pungens*, Lk.
Lemna gibba, ?
Limnanthemum Humboldtii, Gris.
Lippia alegrensis, Briq.
 „ *canescens*, H. B. K.
 „ *citriodora*, Briq. — cidró
 „ *pulchra*, Briq.
Lithaea brasiliensis, L. — pao de bugre
Lupinus lanatus, Benth.
 „ *multiflorus*, Desv.
Lycopodium alopecuroides, L.
 „ *cernum*, L.
 „ *reflexum*, Lam.
Macrosiphonia guaranitica, St. Hil.
 „ *longiflora*, M. Arg. — flor de babado
 „ *verticillata*, M. Arg.
Mariscus flavus, Vahl.
 „ *strigosus*, L.
Mascagnia psilophylla, Griseb.
Maytenus ilicefolia, Mart.
Meibomia albiflora, O. K.
 „ *incana*, Lindm.
 „ *uncinata*, O. K.
Mielichofenia Uleana, C. Müll.
Mimosa adpressa, Hk. et Arg.
 „ *incana*, Benth. — vassoura branca (?)
 „ *involucrata*, Benth.
 „ *sepiaria*, Benth. — maricá
Monniera calycina, O. K.
Monnina, sp.
Myrcia palustris, DC.
Myriophyllum brasiliense, Camb.
Myrsine marginata, Hk.
 „ *rapanea*, R. et Sch.
 „ *umbellata*, Mart.

esp. de juncos de
banhados

pega-pega

capororocas

- Phascum cryptocarpum*, C. Müll.
Phaseolus clitorioides, Mart.
 " *psammodes*, Lindm.
Philoxerus pertulacoides, St. Hil.
Physcomitrium brevirostre, Broth.
 " " *Lindmannii*, Broth.
Pleuridium subnervosum, C. Müll.
Poa annua, L.
Polygala adenophylla, St. Hil.
 " *brasiliensis*, L.
 " *campestris*, Gardn.
 " *Cyparissias*, St. Hil.
 " *Duartena*, St. Hil.
 " *extra-axillaris*, Chod.
 " *juncoides*, Chod.
 " *molluginifolia*, H. B. K.
 " *paludosa*, St. Hil.
 " *pulchella*, St. Hil.
 " *Wittrockiana*, Chod.
Polygenum acre, H. B. K. — herva de bicho
Pontederia cordata, L.
Psychotria xanthophylla, M. Argn.
Ranunculus appifolius, Pers.
Raphidostegium galipense, C. Müll.
Reboulea hemispherica, Raddi.
Regnellidium diphyllum, Lindmann.
Riccia grandisquama, St.
 " *plani-convexa*, St.
Ricciella fluitans, L.
Ricciocarpus natans, L.
Richardsonia humistrata, Ch. et Schl.
Saccharum cayenense, Benth. — macega brava
Sagittaria montevidensis, Ch. et Schl.
Salvinia auriculata, Aubl.
Sirpus cernuus, Vahl.
Scleria hirtella, Sw.
 " *riparia*, Kth.
Sipphocampylus verticillatus, G. Don.
Sisyrhynchium irridifolium, H. B. K.
 " " *marginatum*, Katt.

- Smilax campestris*, Griseb. — japecanga
Solanum auriculatum, Ait. — fumo bravo
 „ *inaequale*, Vell. — coeirama
 „ *sisymbriifolium*, Lam. — joá
Solidago microglossa, DC. — herva lanceta (?)
Soliva sessilis. R. et Pav.
Spartina ciliata, Kth.
 „ *glabra*, Mühl.
Spercoce glabra, Rich.
Sporobolus ramosissimus. Kth.
 „ *tenacissimus*, P. B.
Stylosanthes guyenensis, Sw.
Symplocus tetrandra, Mart.
Telanthera philoxeroides, Moq.
Tortella caespitosa, Schw.
Tortula muricola, C. Müll.
Trachypogon polymorphus, Hck.
Trifolium polymorphum, Poir. — trevo
Triglochin montevidense, Spr.
Verbena bonarienses, L.
 „ *chamaedrifolia*, Kth.
 „ *humifusa*, Cham.
 „ *Isabellei*, Brig.
 „ *Lindmannii*, Brig.
 „ *linearis*, Kth.
 „ *littoralis*, Kth.
 „ *tenera*, Spr.
Veronia intermedia, DC.
 „ *megapotamica*, Spr.
 „ *rubricaulis*, H. B. K.
 „ *squarrosa*, Less.
Vriesea glutinosa, Wawra.
Wahlenbergia linarioides, DC.
Waltheria communis, DC.
 „ *douradinha*, St. Hil. — douradinha
Xanthium orientale, L. — carrapicho de carneiro
Xyris macrocephata, Vahl.
Zamia Brogniartii, Wedd.
Zornia diphylla, Pers.
-

Regionalismos em confronto¹)

(Excerpto de um estudo inedito)

(João Maia)

Aos raros escorsos até ha pouco existentes, ao lyrismo contumaz dos descantes da jandaia nas palmas da carnauba succedem as exuberantes paginas descriptivas das gentes da paragem sertaneja, dos seus usos e costumes.

Certo, é meritorio, no magno interesse assinalador da trilha da nacionalidade no tempo e no espaço — maximé em se tratando de uma raça ainda em formação, — o afã de gravar-lhe as mais reconditas modalidades, salvando-as assim de um olvido imminente, sob o recalque de superposições successivas.

Sob um tal ponto de vista, a situação do Rio Grande do Sul é particularmente interessante, attendendo-se a que, por estas alturas, já começa a escassear o tempo para o exercitamento da pesquisa através da tradição oral — que se esvae — ou *in loco*, em uma, que outra paragem por ventura ainda não attingida pelo arranque progressista rumo ao pampa, na incontida ancia de remodelal-o.

Sim, porque para nós outros a alternativa é esta: ou se procede já e já ao garimpeio dos materiaes em fluctuação ainda, ou permanecemos lamentavelmente alheios ao sossobro d'elles, em irremediavel prejuizo da reconstituição de usos, costumes, lenda, poesia, alimentação, indumentaria, linguagem — emfim a *doutrina* da alma collectiva, o *folk-lore*, tal como o entendem os escriptores inglezes.

As consideraveis levas immigrantistas que ha mais de seculo rasgam os flancos das serranias rio-grandenses e

¹) Trabalho lido em sessão de 5 de agosto.

revolvem as planícies e os vales de nossa terra, transformando sítios solitários em colónias prosperas d'onde surgem surpreendentemente cidades cultas, deram uma feição nova ás zonas correspondentes e mudaram, até certo ponto, o curso que os elementos constitutivos da raça primitiva haviam traçado á sua evolução.

As vias-ferreas bracejando a rumos varios, a machinaria de toda especie impellindo para a frente industrias incipientes, o surto resultante da acção colonisadora complementaram a transformação, relegando para remoto scenario a decisiva influencia que o portuguez teve nas fundações originarias da antiga capitania.

D'ahi o apagamento crescente da tradição, com todo o seu cortejo de cantos, lendas e superstições, de que a arte sóe apoderar-se e illuminar com o seu prestigio incomparavel, nos paizes definitivamente integrados na civilisação occidental, para as suas creações triumphantes de belleza immorredoura, como succedeu, entre outras nações europeas, á Allemanha, onde as aventuras dos deuses — Odin, Bruhild, Siegfriede, o matador do dragão — ou a explosão dos heróes invasores Gunther, Atila e Theodorico representam a fonte perenne não só da poesia popular e da lenda, como das mais estupendas concepções estheticas.

E' que nós constituimos um povo em marcha, sem treguas nem lazeres.

Não assim o Sertão, na virgindade do contacto civilizador que nos empolga, de todo absorto, extasiado pelos seus decantados luares de prata diluida.

Lêde suas novellas, seus contos, suas poesias; ouvi os seus cantares e reparai como essas expressões lhes traduzem os amores singelos, o viver despreoccupado, as lides — sempre as mesmas em todos os tempos — o som dolente de suas violas, as maguas sem remedio, o rythmo de suas rêdes á sombra das mangueiras, a eterna ignorancia do mundo que, não muito distante, — freme, vibra, sangra, arqueja — n'uma labuta interminavel.

Um poeta, sobre todos quantos reflectem no momento o estado mental do sertão, se impõe representativamente á attenção nacional: Catullo da Paixão Cearense.

Pesquisa da psychologia dos povos, das suas idéas e seus sentimentos communs, do seu inconsciente, feito e refeito secularmente — no phrasear preciso de João Ribeiro — o *folk-lore* sertanejo encontrou no poeta Catullo o orgam perfeito de sua funcção.

Subsidio palpitante do estado espirital da população de uma das zonas mais interessantes do paiz, não ha negar que

a obra condensadora do poeta valerá como documentação para os estudiosos, como traço destinado a fundir-se na empresa ingente destinada a architectar definitivamente a literatura patria.

Convenhamos, porém, que a feição rustica, os moldes em que se nos apresenta vasado o conjunto da vida sertaneja — com todo o seu valor subsidiario, que não nos cansamos em reconhecer — contudo não attingem nivel justificante da divulgação, do applauso immoderado, da expansão que se observam pelo paiz a fóra e até — „coram populi“! — da alvicaeira exhibição que, no genero, já se fez no estrangeiro.

Retardatario de tres seculos na civilisação do Brasil, o sertanejo não o é tão somente porque engendra paranoicos e investe corpos de exercito; porque se enquadrilha sem norte nem ideal, para executar as mashorcas aparelhadas no cerebro diabolico de um padre Cicero qualquer; porque não sabe que ha mais de um quarto de seculo vive sob a fórma governamental republicana.

Não. O sertanejo é tambem um retardatario — nem podia deixar de o ser — na sua expressão verbal. Faser, portanto, a apologia do seu modo de fallar — no livro e no theatro — n'um paiz que apresenta á face do mundo civilisado a desoladora estatistica de oitenta por cento de analphabetos, é pretender esta cousa inaudita: forçar o rebaixamento da média da nossa cultura ao nivel mental dos nossos obscuros irmãos do extremo norte, cujo retardarismo de tres seculos na evolução da nacionalidade o masculo autor dos „Sertões“ constatou irretorquivelmente.

A nocividade de uma expansão tal póde ser aquilatada pelo successo que o fallar sertanejo alcança nos theatros de importancia secundaria, da parte das classes populares e da infancia, com a sua reconhecida ingenuidade, com a sua caracteristica tendencia para a imitação.

E no emtanto, constitue genero novo a exhibição truanesca do habitante do sertão brasileiro, exhibição essa para a qual os limites da Patria já parecem insufficientes, a julgar pelo seu extravasamento em theatros estrangeiros. A culta capital da Republica Argentina foi o ponto escolhido para a representação do genero theatral sertanejo, e, a julgar pela jactancia dos introductores de tão escorreita manifestação artistica brasileira entre os nossos bonissimos amigos tradicionais, o successo hilariante foi ruidoso e completo...

Onde, porém, mais se accentua a rusticidade dos moldes fornecidos á educação esthetica popular pelo sertão, é na poesia. Para constatar o enunciado, basta abrir, a êsmo, o „Meu Sertão“. Cá está um excerpto do

O passador de gado

O Pé de Pato, o Capêta,
me adiscurpe o seu doutô,
d'esta viaje mardita
foi, talvez, o causadô!

Seu coroné, não magina,
e nem póde maginá
o que eu passei na bestêra
da Capitá Federá!

Meu cumpade Dizidéro,
somentes prá me impuiá,
má cheguei, me foi pinxando
lá prá Avinida Cintrá.

Entre aquelle frumiguêro,
seu doutô, fiquei bestando,
vendo aquellas casa toda
uma na outra atrepando.

Aquelles impalamado,
cum cara de matruá,
faz aquella giringonça
só cum priguica de andá.

Do meu mucambo ao cambembe
do Trancoso das Farrage,
digo a Vossa Sinhoria
que é tres dia de viaje.

De tanto oiá prá as artura,
seu doutô, fiquei duente!!
Não sei cumo aquellas casa
não cái im riba da gente!

Lá, naquelle turumbamba,
treçüero jupιά,
me preguntou Dizidéro
pruquê é que eu tava a chorá!!

No meio daquella isordre,
de todo aquelle rumô,
que saudade da boiada!...
cum perdão do seu doutô!!...

Quando eu vi a hirizia
de tanta quilaridade,
dos candiêro de azeite,
seu doutô, quanta saudade!

Tive saudade aqui dento
da lua assertanejada
que parece uma tigella
toda cheia de quaiada!

Prá cuntentá Dizidéro,
digo a Vossa Sinhoria,
que intrêmo n'uma armanjarra
chamada: Cunfeituria.

Veio o diabo d'um hôme,
cum cara de socóbôï,
trazendo dois copo cheio
de bába branca de boi.

Era o sorvete!... E o mardito
que gosto ruim que tinha!!
Seu Coroné: que saudade
eu tinha da sinhásinha!!

E assim prosegue o livro, sempre no mesmo tom arrevesado, flagrantemente attentatorio do vernaculo.

Ah! quão differente é a fôrma que emmoldura a poesia sertaneja, dos moldes que os sitios, as gentes e o viver rio-grandenses proporcionam ao trovador gauchô.

Por mais destituido de cultura que se nos depare o nosso camponez, qualquer que seja o movel de sua expressão — dos seus labios nunca sâe desfigurado o bello idioma nativo — como o desfiguram por ahi além, e a tal ponto, que por pouco elle se nos não apresenta desconhecido, em determinadas passagens da descripção ou do relato.

Melhor é, porém, constatar de prompto o enunciado, desentranhando ao acaso, do basto trovar gauchesco e anonymo, alguma de suas quadrinhas predilectas, singelas expressões de sua labuta, de seus pezares, de suas emoções:

A primeira vez que te vi,
Fiquei te querendo bem;
Minha bôcca se fechou,
Não disse nada a ninguém.

Lgrimas vivo chorando,
Só de ti tenho lembrança;
Como não te posso vêr,
Chorar é a minha vingança.

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azues soberanos;
Estas tres castas de olhos,
Para mim foram tyrannos.

Mandei fazer um sobrado
Com vinte e cinco janellas,
Para fechar as saudades,
Que já não posso com ellas.

A rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma,
Andam os dous em demanda,
Porque a rosa quer mais uma.

Menina dos meus amores,
Não me mandes recadinho:
Põe o chale na cabeça,
Vai m'esperar no caminho.

Tenho meu cavallo zaino
Vermelho, côr de pinhão;
Fui em casa da pequena,
Nem me deu um chimarrão.

Tenho meu cavallo baio;
Quando saio, vou branqueando:
Quebro o meu chapéo do lado,
As moças ficam chorando.

Quem tiver o seu segredo,
Não conte a mulher casada,
Que a mulher conta ao marido
E o marido ao camarada.

Me chamaste rosa branca,
Rosa do jardim florido:
Sou rosa, mas não sou tua,
Sou rosa do meu marido.

Você diz que me quer bem,
E sempre ao lombo me vem;
Diabo leve a mandinga
De semelhante querer bem.

Botei o pé no estribo,
Meu cavallo estremeceu;
— Adeus, senhores que ficam,
Quem vai s'embora sou eu.

São quadrinhas esparsas, como se vê. Apanhadas a êsmo, aqui, ali, acolá, ellas não se concatenam todas entre si, não formam um conjuncto homogêneo.

Bem se percebe, pela sua factura desarticulada, que varios foram os seus desconhecidos autores, como varias as occasiões existenciaes em que ellas emergiram.

São quadrinhas sem dono que andam de bôcca em bôcca, como em momento analogo a este, disse o sr. Amadeu Amaral.

D'esses versos — e aqui recorro de novo ao academico citado — „d'esses versos não se póde dizer que brotam do nosso chão; surgem por ahi, no ar, das correntes obscuras da memoria do povo, mas vindas de alem-mar, ou gerados de outros que de lá vieram. Não se compõem, repetem-se; não se inventam, transformam-se.“

Mas tudo isso será, a seu tempo, discriminado, quando a sciencia, alliada ao patriotismo, entrar para a pesquisa com o contingente fecundo de seus methodos e o processo necessario da sua systematisação.

Possuimos ainda, no genero, o trovador sombrio que, ao envez de haurir inspiração, como os demais, no amor, nas pelejas em que andou envolvido, nas lides costumeiras ou na bohemia dos campos — vai buscal-a no crime de que foi triste heróe ou coparticipante de má sorte.

A esse classificou Lombroso, ao tratar dos delinquentes natos, na cathegoria dos indifferentes ou destituídos de sensibilidade moral.

Esta insensibilidade — expõe Henrique Ferri no seu livro „Os delinquentes na arte e na literatura“ — é condição caracte-

ristica do delinquente nato, violento ou fraudulento e provém d'uma ausencia hereditaria dos centros de inibição cerebral, d'uma *anesthesia psychica e physica*, que produz a *an-emo-tividade*.

Temos presente um d'esses exemplares. Encontramol-o na chronica dos successores de Venancio Ayres, onde, tendo sido preso ha cêrca de oito annos, por haver praticado o duplo crime de roubo e incendio no estabelecimento de acatado commerciante d'aquella praça, os descreveu nas seguintes quadras, no fundo da enxovia:

Senhores, venho pedir-vos
Um momento de attenção:
Quero dizer o incendio
Por meio d'esta canção.

Foi no dia vinte e sete
D'este mez que se passou:
Um incendio criminoso
N'uma loja se ateou.

Onze horas, meia noite,
Isto não posso affirmar;
Fui convidado por João
P'ra n'essa casa roubar.

Eu ia me retirando,
Para o quarto me passava;
Por elle fui atacado,
Em seguida convidava:

— Vamos lá no tal seu Neco?
Eu disse: — já está fechado.
Retrucou: — é como eu quero,
Que meu plano já está dado.

Assim para lá nós fomos;
Duas pedrinhas levou
E, chegando bem na porta,
Em minutos arrombou.

Entrando lesto na frente,
O balcão elle pulou;
Porém como estava escuro,
Certos troços derrubou.

Passando a mão na gaveta,
No balcão elle emborcou,
E virando para traz,
Uns phosphoros encontrou.

Bem na porta do armazem
Tinha um panno pendurado,
Aonde foi a desgraça
Que o fogacho foi botado.

Após tirado o dinheiro,
Dez mil réis elle me deu;
E depois riscando um phosph'ro,
No dito panno prendeu.

Apagando aquelle fogo,
Um empurrão elle me deu;
Me jogando para um lado,
Novamente elle accendeu.

Agarrando duas gaitas,
Uma, sim, elle me deu,
E passando pela loja,
Em mantas fogo prendeu.

Quando vinhamos saindo,
Elle deu uma risada;
— Tudo está bem no seguro,
Seu Neco não perde nada.

Eu fui saindo na frente,
Mas na porta elle ficou;
Nada mais posso contar,
Não sei o que se passou.

E chegando no meu quarto,
Gaita de bôcca toquei.
Me lembrando do incendio,
N'um cavallo me raspei.

Quando eu cheguei no porto,
Pensando de me escapar,
Vinha o dono de uma venda.
Com tenção de me engatar.

Eu fui então logo preso,
Para a villa conduzido.
E chegando na cadeia,
No xadrez eu fui mettido.

Na segunda interrogado,
Duas horas eu neguei;
Quando vi uma cordinha,
— N'um instante confessei.

Quando o outro interrogaram,
Bem tres horas conversou.
Quando foi hora da corda,
Ligeirinho confessou.

Antes de tal succeder,
Sonhei com peixe baleia;
Foi para me vêr agora,
No fundo de uma cadeia.

O IMPERADOR D. PEDRO II.¹⁾

(Dr. Armando Dias de Azevedo)

„E entre visões de paz, de luz, de glória,
„Serenó aguardarei no meu jazigo
„A justiça de Deus na voz da Historia!“

Ex.^{mas} autoridades.

Caros confrades.

Minhas senhoras e meus senhores.

A imperial prophécia está sendo realizada. „A justiça de Deus na voz da Historia“ já se vem manifestando, como o attestam as commemorações que, na data de hoje, se celebram em todo o Brasil.

Já ha cerca de cinco annos, quando a energia, o patriotismo e o carácter de Epitacio Pessoa promoveram a repatriação dos restos mortaes de Pedro II e de sua augusta consorte, o Brasil recebeu esses sagrados despojos com homenagens equivalentes a uma verdadeira consagração cívica.

O „Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“, fiel cultor das glorias do nosso passado, associando-se ás homenagens que, em todo o territorio nacional, são hoje prestadas ao magnanimo Imperador, por occasião do centenario de seu nascimento, quis tambem trazer sua contribuição para „a justiça de Deus na voz da Historia“.

Pena é, minhas senhoras e meus senhores, que, não só me falleçam os dotes necessarios a um trabalho brilhante, como seria de desejar, como tambem as contingencias do dever profissional não me tenham permittido lazerés para um estudo modesto, mas completo, sobre o grande vulto historico. Valha-me, ao menos, a admiração sincera e entusiastica que

1) Trabalho lido em sessão de 2 de dezembro.

as minhas palavras revelam. Valha, ao menos, a esta commemoração o notavel estudo que acaba de ser lido pelo nosso talentoso e illustrado orador official, o distincto major Souza Docca, grande estudioso da nossa historia, e, principalmente, da nossa historia politica, autor de uma obra notavel em que fez justiça completa á diplomacia imperial no caso da guerra do Paraguay, demonstrando, de modo irrefutavel, que o Imperio do Brasil não teve culpa daquella luta, que lhe foi imposta, ao contrario, em defesa de sua honra ultrajada e na qual, cavalheirescamente, libertou do despotismo um povo irmão.

D. Pedro II de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança nasceu ás 2½ da madrugada de 2 de dezembro de 1825, no paço da Boa-Vista, em S. Christovão, no Rio de Janeiro.

Era filho de D. Pedro I de Alcantara e de sua augusta consorte D.^a Leopoldina, e neto, pelo lado paterno de D. João VI, Rei de Portugal, e, pelo materno, de Francisco I, Imperador d'Austria.

Muito cedo perdeu a mãe, a santa Imperatriz D.^a Leopoldina, fallecida a 11 de dezembro de 1826, quando elle tinha apenas um anno. Completou-se sua orfandade a 24 de setembro de 1834, data em que falleceu D. Pedro I, seu pae, a quem, aliás, não mais vira desde 7 de abril de 1831, data da abdicação do mesmo.

Serviu-lhe de mãe D.^a Mariana de Verna Magalhães, Condessa de Belmonte, que d'elle cuidou com grande dedicação e carinho.

Sua educação litteraria foi confiada a varios mestres competentes, entre os quaes o Visconde de Sapucahy e o Bispo de Chrysopolis.

Desde pequeno, o Imperador revelou propensão para os estudos, a ponto de os mestres se verem forçados a moderá-lo de receio pela saúde do joven Principe.

Decorria a juventude de D. Pedro II entre os livros e a vida de familia com suas irmãs D.^a Januaria e D.^a Francisca, quando o Brasil, cansado da experiencia republicana da Regencia, aliás, confiada ao valor de grandes estadistas, como Feijó e Araújo Lima, resolveu, com bom senso, appellar para a medicina monarchica como a capaz de sanar os grandes

males que ameaçavam, então, a nossa nacionalidade. E confiou-se, assim, o país ás frágeis mãos de uma criança, pois D. Pedro tinha apenas 15 annos de idade, quando foi proclamado maior por um golpe d'Estado incruento e que salvou a nação brasileira da anarchia e do desmembramento.

Foi esse o momento do „quero já“, que, no dizer de Oliveira Vianna, „é um relampago de illuminado“ e uma resolução que „reflecte uma idea superior, posta em execução e sustentada durante cincoenta annos de reinado“¹⁾

„De posse do poder immenso que lhe confere a carta constitucional, e dos poderes que lhe dá a lei de interpretação, — continua o citado sociologo e historiador — D. Pedro desdobra a sua politica imperial, seguindo as lições da sua experiencia e a sua tempera moral. Bondoso e tolerante, liberal por indole e educação, mas naturalmente cioso da sua majestade e do seu throno, elle sente a necessidade de defender a monarchia e satisfazer ao mesmo tempo a nação. Dahi a sua politica habil, sagaz, subtil, maneirosa, denunciando o traço pessoal do seu autor.“²⁾

Na impossibilidade de fazer a narrativa do reinado de Pedro II, o que importaria em traçar toda a historia nacional de 1840 a 1889, acompanhemos, a largos passos, a trajetoria luminosa por elle deixada na historia patria.

Pedro II foi um grande estadista que orientou toda a politica externa pelo interesse nacional e pelos mais nobres ideaes de confraternização americana, de engrandecimento do nome brasileiro em face da Europa e da America, de protecção aos fracos e de libertação dos povos irmãos de ominosas tyrannias.

Alem de ter sustentado tres guerras externas victoriosas, em defesa da honra nacional e para libertação de tres povos irmãos, o Imperador com tal dignidade se manteve, na celebre questão Christie, em face da poderosa Inglaterra que esta foi forçada a dar ao Brasil as necessarias satisfações. Em plena campanha do Paraguay, affrontando as iras da Hespanha, lançou, em defesa do Chile, o energico protesto contra o deshumano bombardeio de Valparaiso.

1) Oliveira Vianna, *Populações meridionaes do Brasil*, 1.º volume, pag. 271.

2) Oliveira Vianna, obra e volume citados, pag. 272.

Tal era o prestigio do Brasil e do seu Imperador que este, por tres vezes, serviu de arbitro em pendencias internacionais de grandes potencias.

Não menores serviços devemos na politica interna a Pedro II. Suffocou, no começo de seu reinado, 5 revoluções, as de S. Paulo, Minas, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Sul, e o fez com tal habilidade e energia que o principio de autoridade não soffreu diminuição alguma e o sangue brasileiro foi sempre poupado com o maximo cuidado, vindo a amnistia ampla, no dia seguinte, generosamente, irmanar vencedores e vencidos, e gozando o Brasil, apesar disso, ou antes, por isso mesmo, de 40 annos de completa paz interna.

Haja vista o que succedeu com os gaúchos intemeratos que, em 1836, levados pelas contingencias da luta, haviam chegado até a separação, e que, amnistiados, em 1845, e reintegrados, assim, na communhão nacional, de que haviam desertado, no desvario da luta, vieram a prestar, de 1865 a 1870, relevantissimos serviços patrioticos na guerra do Paraguay.

Ahi tendes mais um dos fructos da politica de Pedro II.

Outro problema que absorveu a attenção do monarcha, durante seu reinado de mais de meio seculo, foi a questão do elemento servil. Abolir de vez a escravidão era cousa impraticavel, pelas consequencias que tal revolução acarretaria ao organismo nacional. Basta lembrar que, em 1871, havia no Brasil 1 800 000 escravos. O que era preciso era preparar o terreno para a extincção da escravidão e ir fazendo a abolição gradual. Foi essa a politica seguida pelo Imperador e pela Princesa Imperial, dando um primeiro golpe na negregada instituição pela suppressão do trafico em 1850, um segundo pela lei do ventre livre, a 28 de setembro de 1871, concedendo a liberdade aos nascituros filhos de escravos, um terceiro, a 28 de setembro de 1885, com a alforria dos sexagenarios, e, finalmente, o golpe mortal desferido, a 13 de maio de 1888, pela Princesa D.^a Isabel, a Redemptora, com a extincção completa da escravidão no Brasil.

D. Pedro II, que se achava moribundo em Milão, ao ter noticia de facto tão auspicioso, reanimou-se, exclamando: „Grande povo! Grande povo!“ E' sabido que essa funda emoção foi que lhe salvou a vida.

D. Pedro, attento e vigilante em tudo o que se referia ao interesse nacional, espirito progressista, incrementou a immigração, protegeu a instrucção publica, deu plena liberdade á imprensa e favoreceu as letras, as sciencias e as artes.

Era tal o seu amor á instrucção do povo que, quando, para erigir-lhe uma estatua, foi aberta uma subscrição pu-

blica, logo coberta com innumeradas assignaturas, o Imperador, „ao ter conhecimento disso, chamou os promotores da idea e, assignando quantia igual á somma total dos dinheiros recebidos, disse-lhes que desejava ser ouvido quanto á execução material do monumento: que queria que fosse, não a sua figura perpetuada em marmore ou bronze, mas quatro edificios consagrados á instrucção popular“.¹⁾

Pedro II foi sempre um grande estudioso. Dedicou-se com afincio ao estudo das sciencias, letras e artes, e conhecia, além da lingua nacional, as seguintes linguas vivas e mortas: francês, inglês, allemão, hespanhol, italiano, russo, latim, grego, hebraico, arabe, sanscrito, persa e guarany.

O „Instituto Historico e Geographico Brasileiro“ foi sempre objecto de suas predilecções. 499 sessões do mesmo foram as presididas pelo Imperador de 1849 a 1889.

Era poeta inspirado, produzindo especialmente sonetos.

Permitti, minhas senhoras e meus senhores, que vos leia o soneto 7 de setembro, de sua lavra e por elle dedicado ao povo brasileiro, no anno de 1843:

Tu, que no calendario primitivo
Tinhas no céu a setima morada,
De teu setimo dia na alvorada
Despedaçaste os ferros do captivo...

Tres seculos contava o Povo ativo
Da minha enorme Patria bem fadada,
Quando encetou a intermina jornada,
Bello, pujante, heroico e redivivo!

Mas, se approuve á Divina Providencia
Confiar-me, em tão verde e tenra idade,
A sagrada missão de alta incumbencia;

Juro, — nas aras da fidelidade:
De meu Pae — recebeste a Independencia,
Receberás de mim — a Liberdade!

O reinado de Pedro II foi, sob todos os pontos de vista, um periodo brilhantissimo da nossa historia. Nelle floresce-

1) Mucio Teixeira, *O Imperador visto de perto*, pag. 151.

ram politicos, diplomatas, oradores e estadistas como Zacharias, Cotegipe, Gaspar Martnis, João Alfredo, os Marquesses de Paraná e de Paranaguá, os Viscondes de Ouro Preto, do Rio Branco e de Mauá, os dois Nabucos, Andrade Figueira, Saraiva, Dantas, Lafayette, Martinho Campos, Ferreira Vianna; guerreiros como Caxias, Osorio, Porto Alegre; os Menna Barreto, Tamandaré, Barroso, Conde d'Eu, Andrade Neves, Pelotas, Saldanha da Gama, Deodoro, Floriano; escriptores e poetas como Gonçalves Dias, o Barão de Santo Angelo, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Fagundes Varella, Taunay, Varnhagen, Macedo, Castro Alves, Machado de Assis, Tobias Barreto, D. Antonio de Macedo Costa; jurisconsultos como Teixeira de Freitas, Felicio dos Santos, Ribas, Pimenta Bueno, Candido Mendes; artistas como Carlos Gomes, Pedro Americo, Victor Meirelles, Zeferino da Costa.

Soberano amado do seu povo, nem por isso deixou de ter Pedro II detractores. Não me deterei no exame dos ataques a elle feitos. A maior parte — é evidente — é producto das paixões da epoca. Com isso não quero dizer que Pedro II fosse isento de defeitos e não tivesse commettido erros. Não, minhas senhoras e meus senhores, ninguem é isento de defeitos, e infallivel só é o Papa, quando, *ex cathedra*, como Supremo Chefe da Igreja, define doutrinariamente sobre fé ou moral. Portanto, Pedro II, como homem que era, tinha defeitos, commetteu erros. Mas, o que quero affirmar é que os erros de boa fé por elle commettidos são sobrelevados pelos actos de benemerencia por elle praticados.

Dentre as accusações que se fazem ao seu governo, uma ha que vou examinar com mais vagar. E' a questão do *poder pessoal*.

A Constituição do Imperio, delegando, no artigo 98, ao monarcha o Poder Moderador, „chave de toda a organização politica“, para que incessantemente velasse sobre a manutenção da independencia, equilibrio e harmonia dos demais poderes politicos, não consagrava, evidentemente, o parlamentarismo, que, só mais tarde, se foi paulatinamente infiltrando. Ao contrario, estatua o poder pessoal do Imperador.

Doutrinariamente, entendo que aquelle que a Providencia collocara como Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil fazia muito bem em usar de tal poder, não como homem de partido, mas sim acima dos partidos, de accôrdo com o interesse nacional.

João Ribeiro, absolutamente insuspeito, assevera:

„Accusaram-no de exercer demasiado o influxo pessoal que decorria naturalmente da sua condição de imperante, cujas

ideias proprias a todo o transe fazia prevalecer. A opinião melhor esclarecida verifica que, de facto, frequentes vezes o Imperador dissentia dos seus ministros, porque, não pertencendo aos partidos, comprehendia com maior isenção os interesses nacionaes.

„Estava nos seus altos deveres e mesmo no espirito fundamental da instituição cohibir as ambições das parcialidades ou cotejar com a porção minima da opinião politica, a outra maior que a imprensa, o espirito da época e outros signaes imponderaveis e delicados revelavam. Assim, elle não raro desgostava os politicos para, na maioria dos casos, favorecer a opinião.“¹⁾

Com effeito, os poderes do soberano não derivam da eleição, elle não é escravo da opinião, tem a seu favor a duração e, por isso mesmo, póde conceber e realizar projectos de execução lenta, o que é impossivel ao ephemero chefe d'Estado duma Republica, mal esse que não convém ser remediado pela faculdade de reeleição, geradora tambem de outros males.

O monarcha hereditario calcula o alcance de seus actos e palavras, pois sabe muito bem que, não só elle, mas tambem seus filhos e netos, irão supportar as consequencias dos mesmos.

„O interesse nacional é o interesse pessoal do Rei. Ora, todo individuo, por pouco dotado de juizo e de intelligencia que seja, vê, no emtanto, muito claro, quando se trata do seu interesse pessoal. Assim, tambem, o Rei, por mediocre que o supponhamos, procurando seu interesse pessoal, serve, ao mesmo tempo, o interesse nacional e, se por causa dum erro de julgamento ou sob a influencia dum mau conselho, vem a commetter um erro, é reconduzido mais promptamente que ninguem ao recto caminho.

„... O cuidado de seu interesse pessoal serve maravilhosamente o interesse nacional e assim para tudo o mais. O Rei tem interesse em que reinem entre os cidadãos a ordem, a paz, a concordia. Tem interesse em que a nação seja forte, e esse é tambem o interesse da nação.“²⁾

Essas ideias — bem o sei — não teem actualmente curso no nosso meio, mas são as directrizes, não só do *fascismo* italiano, como tambem do grupo admiravel da „Action Française“, que aggrega espiritos como os de Charles Maurras, Paul Bourget, Louis Dimier e tantos outros.

¹⁾ João Ribeiro, *Historia do Brasil*, pags. 516—517.

²⁾ *Cours et Conférences d'Action Française*, III, supplemento n.º 1, pags. 22—23.

Portanto, o poder pessoal do monarca, não só apoiado no texto claro da Constituição de 25 de março de 1824, mas também hoje defendido doutrinariamente por autoridades como as já referidas, o poder pessoal do monarca foi exercido mui legitimamente.

Vejamos agora se o foi beneficemente. Para isso nada melhor do que examinar o estado do país por ocasião da proclamação da Republica, para o que cedo a palavra ao eminente historiador Conde de Affonso Celso, presidente perpetuo do „Instituto Historico e Geographico Brasileiro“ que, em uma these apresentada em 1914, no 1.º Congresso de Historia Nacional, assim se expressa:

„Apaziguados os espiritos, consagrou-se D. Pedro II a todos os progressos. Em 1850, extinguiu-se o trafico dos negros e nesse mesmo anno estabeleceu-se a primeira linha regular de paquetes para a Europa. De 1854 a 1858, foram construidos os primeiros caminhos de ferro e as primeiras linhas telegraphicas; as primeiras linhas de navegação creadas; a immigração europea premiada e facilitada; e o numero de escolas e estabelecimentos de instrucção começou a crescer. Para isso, promoveu D. Pedro II a politica de reconciliação dos partidos, que produziu fecundos resultados.

„Uma simples comparação entre a situação financeira e industrial do começo do reinado e a do fim demonstrará eloquentemente os progressos do Brasil.

„Para o anno de 1831—1832, o primeiro após a abdicação de D. Pedro I, a receita geral do Imperio foi orçada na quantia de 11.171:520\$000. Em 1840—1841, depois da maioridade, subiu a 16.310:571\$000.

„Desde então, cresceu continua e rapidamente. Assim:

1862—1863	48.342:182\$000
1872—1873	109.180:063\$000
1882—1883	127.972:041\$000
1889, attingiu a	153.148:000\$000

„Quanto ao valor da producção brasileira era em 1840 de 50.000:000\$000 e em 1889 de 500.000\$000.

„O movimento do commercio exterior seguiu a mesma proporção.

„Com os caminhos de ferro deu-se expansão identica. O primeiro foi inaugurado pelo Visconde de Mauá em 1854.

Em 1867, possuía o Imperio apenas 601 kilometros de vias ferreas, e, a 31 de dezembro de 1870, 997. Em 1883, contava 4.865; em 1884, 6.116; em 1889, 9.200 e 9.000 em construção.

„Nenhuma nação da America, exceptuando os Estados-Unidos e o Canadá, apresentava, nessa data, tão vasta rede ferroviaria, como o Brasil, país onde não abundam as planícies como na Argentina, e onde a construção exigia collosaes trabalhos de arte e enormes despendios. Em 1889, aos 9.200 kilometros do Brasil, contrapunha a Argentina 6.205, o Mexico 6.133 e o Chile 2.693.

„Em 1873, servia-se o Brasil de 3.469 kilometros de linhas telegraphicas terrestres. Ligou-se a Europa por um cabo telegraphico, em 1874; outra linha submarina estabeleceu-se ao largo das costas. Em 1889, montaram a 18.000 kilometros as suas linhas terrestres.

„Mas um dos melhores meios empregados pelo governo de D. Pedro II para fomentar os recursos do país foi a protecção á immigração europea, que trazia comsigo arte, industria, trabalho.

„Em 1870, recebeu o Brasil 9.123 immigrants; em 1887, 54.990; em 1888, 131.268. O 1.º trimestre de 1889 accusava a entrada de 43.489 só pelos portos do Rio e Victoria.“¹⁾

Tal foi a obra de Pedro II durante seu longo reinado: fazer do Brasil a primeira nação da America Latina, forte, unida, ordeira, progressista, respeitada pelas grandes e pequenas potencias.

Proclamada, a 15 de novembro de 1889, a República, foi banido D. Pedro II, bem como toda a Familia Imperial.

Apesar da consciencia que tinha de seus deveres de monarcha, o maior sentimento de Pedro II foi o afastamento da Patria amada que elle, ainda no exilio, procurou servir com a mesma dedicação com que o fizera no throno:

No exílio

Sempre honrei o trabalho, — trabalhando,
E, se de onde eu nasci Deus me tirou,
Mesmo aqui, de tão longe, attento estou
Para a Patria servir — sempre estudando.

Cada vez mais a Patria venerando,
Se fui della o senhor, escravo sou:
Porque o meu coração nunca a deixou,
E amo-a mais, quanto mais vivo penando!

¹⁾ *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo especial, parte V, pags. 390—391.

Mas a scena a meus olhos não se muda...
 Das forjas da saudade alçando o malho,
 Golpeia a ausencia o cerebro que estuda!

Se já no meu Brasil não me agasalho,
 Nelle meu coração sempre se escuda,
 E o seu valor por toda parte espalho.

Não articula uma queixa e sua generosidade chega ao cumulo de defender os que o baniram.

Como se não bastassem as amarguras do exilio, mais um golpe o vem ferir nos seus sentimentos de esposo amantissimo — a morte da Imperatriz, occorrida em Lisbôa, a 28 de dezembro de 1889:

Cordea que estala em harpa mal tangida,
 Assim te vais, ó doce companheira
 Da fortuna e do exilio, verdadeira
 Metade de minh'alma entristecida!

De augusto e velho tronco hástee partida
 E transplantada á terra brasileira,
 Lá te fizeste a sombra hospitaleira
 Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delirio:
 Caiste, e eu fico a sós, neste abandono,
 Do teu sepulcro vacillante cirio!

Como foste feliz!... dorme o teu somno...
 Mãe do povo, acabou-se o teu martyrio;
 Filha de Reis, ganhaste um grande throno!

Agora, sua idea fixa é rever o Brasil:

Deus, que os orbes regulas, esplendentes,
 Em numero e medida ponderados,
 Nelles abrigo dás aos desterrados
 Que se vão suspirosos e plangentes.

Assim, dos céus ás vastidões silentes
 Ergo os meus pobres olhos fatigados,
 Indagando em que mundos apartados
 Lenitivo á saudade nos consentes.

Breve, Senhor, do cárcere de argilla
Hei de evolar-me, murmurando ancioso
Timida prece: digna-te de ouvi-la!

Põe-me ao pé do Cruzeiro majestoso
Que no antartico céu vivo scintilla,
Fitando sempre o meu Brasil saudoso!

O ardente e insaciado desejo de rever o Brasil vae mimando o Imperador que procura desabafar-se com este soneto escripto em Paris, a 13 de setembro de 1891, e significativamente intitulado

Aos vindouros:

Espavorida agita-se a criança,
De nocturnos phantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descansa.

Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um pugillo de terra: e nesta creio
Brando será meu somno e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memoria,
O' doce Patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de glória,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da Historia!

A 5 de dezembro de 1891, em Paris, tinham fim os soffrimentos do Imperador exilado, a quem a França fez imponentes funeraes.

Seus restos mortaes estiveram depositados no Pantheon dos Reis portuguezes, em S. Vicente de Fóra, até que foram repatriados, chegando ao Rio, a 8 de janeiro de 1921.

Permitti agora, minhas senhoras e meus senhores, que encerre este trabalho, saudando a memoria sacrosanta do maior

dos brasileiros, do soberano bom, justo e patriota, do estadista benemerito e esclarecido, do marido e pae extremoso, do sabio, do amante das letras, sciencias e artes, do „Rei dos Imperadores“, do „neto de Marco Aurelio“, do „modelo dos Reis, benção e exemplo da sua raça“, com os versos que lhe consagrou Gonçalves Dias na data em que completou 20 annos, ha precisamente 80 annos:

Pudesse eu, triste vate, semelhando
O ronco do trovão, que ruge irado,
Alçar — entusiasta — ingente brado
Dum polo noutro polo repulsando;

Pudesse, além das nuvens remontando,
De mil astros brilhantes rodeado,
Derramar — sobre o globo electrizado —
Teu nome, entre mil nomes fulgurando;

Pudesse a um brado meu o doce encanto
Juntar de um terno cysne moribundo,
Que o alento final transforma em canto;

Teu nome, sem cessar, dissera ao mundo,
Tu, que és nosso palladio sacrosanto,
Augusto Imperador — Pedro Segundo!

Os italianos no Rio Grande do Sul¹⁾

(Dr. Francisco de Leonardo Truda)

„A America, terra de liberdade — escreveu eminente sociologo — é o ensaio final de um planeta fatigado que aspira a redimir-se de suas primeiras creações.“

Não se poderia definir em mais bella e eloquente imagem, a missão da America. Aqui se elabora, em meio de um mundo novo, uma nova humanidade. Aos homens fatigados dos odios seculares, aos povos cansados das lutas fraticidas, ás massas humanas que se comprimem em angustos territorios semi-esterilizados pela longa servidão, a America acena com a paz, com o esquecimento dos velhos rancores atavicos, com o trabalho e a abundancia, num ambiente sereno em que os velhos preconceitos absurdos que dividem os povos de outros continentes não se arraigaram, onde as questões de raça são praticamente desconhecidas, onde as contendidas religiosas se afiguram inverosimeis narrativas de outras éras e de outras terras.

Por sobre o oceano, lembrando columnas negras de formigas em marcha, numa corrente continua, se encaminham do formigueiro humano que é a Europa, as levas que acodem ao appello vehemente da terra virgem da America.

A missão dos italianos de 35

Para guiar as que saém da Italia, para encaminhá-las ao Rio Grande, um sulco de gloria ficára na esteira do passado, a assignalar o caminho. Foi essa a grande missão historica do pugillo de italianos que ao lado dos farrapos se

1) Trabalho lido na sessão de 13 de dezembro.

bateram nos campos do Continente, em pról da liberdade. Por maior que fosse a sua bravura indomita, por mais nobre que se demonstrasse o desprendimento de seus animos e por mais que o seu desinteresse engrandeça o valor de sua collaboraçã na epopéa farroupilha, não é no auxilio material do seu braço esforçado, do seu destemor mil vezes provado, da sua habilitade guerreira, não é nisso que devemos vêr, hoje, a significação mais alta da intervenção de Tito Livio Zambeccari, de Giuseppe Garibaldi, de Rossetti, de Anzani, de Luigi Carniglia e poucos outros na revolução republicana de 35. A sua gloria maior deriva do laço ideal com que elles uniram o destino dos dous povos, dando-lhes, a mais das affinidades que os irmanam, o patrimonio do sacrificio e da gloria communs, partilhados nos mesmos campos de batalha, em pról da mais bella, da mais seductora das aspirações humanas.

Garibaldi e Zambeccari

Apenas agora, se começa a fazer justiça inteira a esse punhado de precursores da fraternidade que hoje liga o povo rio-grandense ás dezenas e dezenas de milhares de italianos que habitam a nossa terra. O nome de Garibaldi cresceu imensamente, cresceu como jámais o teriam suspeitado, naquelles dias, em que a sua carreira fulgurante se iniciava, os proprios companheiros do futuro „condottiere“, as proprias testemunhas dos gestos audazes do aventureiro sublime, a quem a Republica de Piratiny déra, de começo, carta de côrso, para confiar-lhe, depois, o commando de sua esquadra, e fornecer-lhe ensejo, assim, de inscrever entre as mais assombrosas façanhas de sua agitadissima existencia, o transporte dos lanchões farroupilhas da lagôa dos Patos para o Atlantico. Soldado da liberdade, onde quer que ella perigasse, fautor maximo da unificação de sua Patria, elevado á admiração universal pela aureola, com sobre-humano esforço conquistada, de Heróe dos Dous Mundos, a gloria de Garibaldi offuscou com o seu brilho e fez com que permanecesse longo tempo apagada, não só a dos que foram seus companheiros devotados, mais até a daquelle que fôra seu precursor.

Com effeito, Tito Livio Zambeccari ligára o seu destino ao dos revolucionarios rio-grandenses muito antes que Garibaldi. Prisoneiro no Rio de Janeiro, com Bento Gonçalves, após o desastre da ilha do Fanfa, foi ali que Garibaldi, por intermedio de Rossetti, delle se approximou e o conheceu. E foi pelos conselhos de Zambeccari, pelo entusiasmo com que este lhes falou da luta que no sul se travava, pelo que o

grande bolonhez lhes narrou da nossa terra e da nossa gente que Garibaldi e Rossetti se puzeram ao serviço da Republica rio-grandense.

Antes, porém, de lhe dever a revolução esse serviço, que foi o ultimo, mas não o menor, immensos outros d'elle havia recebido. E não é, siquer, comparavel, no conjuncto do quadro historico do decennio republicano a acção dos dous homens: um, o guerreiro, outro, o jornalista e pensador. O que a Republica de Piratiny deveu á espada de Garibaldi, fica longe, muito longe do que deveu á penna e á palavra de Zambeccari. Não há, nisso, proposito de minoração da gloria do Heróe, que o juizo da historia consagrou definitivamente. Há, apenas, um dever de justiça para com o propagandista devotado dos ideaes republicanos, que durante longo tempo esquecemos. Foi a obra de um que tornou possivel a do outro. A espada de Garibaldi veio defender as idéas que Zambeccari semeára. A presença daquelle não se poderia explicar se não houvesse precedido a deste. E para dar a medida da influencia que Zambeccari exerceu, basta recordar, com Assis Brasil, na sua preciosa historia da Republica Rio-Grandense, o influxo que nesta exerceram as idéas mazzinianas da Joven Italia, que o patriota bolonhez trouxera até o Rio Grande „Zambeccari — diz o historiador citado — póde ser considerado o verdadeiro e real director mental da revolução“.

A reparação de uma injustiça

Mas não basta recordar e glorificar, hoje, o seu nome, para fazer justiça á sua memoria. E se em torno da figura de Zambeccari mormente me detenho é porque a nós sobretudo, membros deste Instituto, se nos impõe — e este melhor que qualquer outro, é o momento — uma obra de reparação historica.

Lançou-se sobre o nome do grande lutador uma pécha opprobriosa. Rocha Pombo, o historiador insigne cuja obra se inscreveu com caracteres definitivos no nosso patrimonio intellectual, a acolheu sem maior exame, e deu-lhe, com isso, injusto relevo. E' de um membro correspondente deste instituto a affirmativa, que Rocha Pombo reproduziu, de que Tito Livio Zambeccari era um agente ao serviço do dictador argentino Rosas. Toda a vida de Zambeccari, todo o seu passado de enamorado da liberdade, de proscripto, de condemnado á morte em sua propria terra natal, toda sua acção, sempre em defeza dos mais nobres ideaes liberaes, posterior ao seu regresso á Italia, a sua fidelidade, mantida até a morte, aos

principios defendidos em toda a sua tormentosa existencia, tudo protesta contra essa injusta e inadmissivel accusação. Sobre o quanto tem ella de infundado já não é possível abrigar hoje duvidas. Mas é dever nosso evitar que ella continue a circular, sobretudo em obra de largo tomo e de notoria valia. E' dever do nosso Instituto fazer apagar essa injuria immerecida. E' dever de todos nós manter pura a gloria de quem tanto se esforçou e tanto contribuiu, para crear a communão ideal que explica a profunda sinceridade, a intima cordealidade com que rio-grandenses e italianos celebramos, hoje, o cincoentenario da colonização italiana no Rio Grande.

O inicio da colonização italiana

A experiencia da colonização allemã, os magnificos resultados que della se haviam colhido, eram um natural incitamento para que o governo imperial persistisse na politica de intensificação da immigração. Por outro lado, as bases de nossa antiga organização economica se transformavam radicalmente. O trafico negro havia cessado de há muito; a campanha abolicionista, nos seus primordios, já mostrava, no ardor de seus propagandistas, as proporções que viria a tomar dentro em breve, e a inevitabilidade da abolição da escravatura, a maior ou menor distancia de tempo, não escapava ao espirito esclarecido dos estadistas do imperio. Aliás, a lei do „ventre livre“, acabára de desfechar-lhe um golpe de morte.

Todas essas razões naturalmente influíam para que se concentrassem as atenções no problema da colonização. Fechado o parenthesis violento que a guerra do Paraguay abria na vida nacional, restabelecida, a normalidade da administração, a salvo das preocupações que aquelle longo e penoso conflicto internacional determinára, logo se entrou a cuidar do povoamento de zonas do territorio rio-grandense, até ahi inteiramente inaproveitadas.

E' de 9 de fevereiro de 1870, um aviso do Ministerio de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, concedendo a Provincia „dois territorios de quatro leguas, em quadra, cada um, de terras devolutas, entre o rio Cahy, os campos da Vaccaria e o municipio de Triumpho, para serem distribuidos em colonias.“

A criação das colonias Conde d'Eu e D. Izabel

A 24 de maio do mesmo anno, o presidente da Provincia, dr. João Sertorio, baixava o seguinte acto:

„Tendo o governo imperial autorizado, por aviso expedido pelo ministerio dos negocios de agricultura, commercio e obras publicas de 9 de fevereiro do corrente anno, vender dous territorios de terras devolutas de quatro leguas em quadro cada um, situados entre os campos da Vaccaria, e rio Cahy e municipio de Triumpho, para serem subdivididos em lótes coloniaes e cedidos aos emigrantes, que se destinarem a esta provincia, e constando das informações do delegado da repartição especial das terras publicas, que o 1.º de taes territorios contém uma area superficial de 16 leguas quadradas ou 144.000.000 de braças quadradas, que demorão na margem esquerda da estrada que segue do Maratá ao rio das Antas, confinando ao norte com este rio, ao sul com terras devolutas, a léste com a parte da referida estrada comprehendida entre os marcos da mesma de ns. 8 a 15 e ao oeste com o mencionado rio e terras devolutas; que o 2.º tambem contem igualmente uma área superficial de 16 leguas quadradas na margem direita da já citada estrada, confinando ao norte com o rio das Antas, ao sul com terras concedidas pelo governo imperial a Ignacio José Ferreira de Moura, com a concessão ultimamente feita a Luiz Antonio Feijó Junior e Machado e com terras devolutas, a léste tambem com terras devolutas e ao oeste com a mesma estrada a começar pouco acima do marco n. 11, o presidente da provincia resolve que o 1.º daquelles territorios se denomine — Colonia Conde d'Eu e o 2.º Princeza D. Izabel“.

As primeiras tentativas

Creadas, assim, as duas novas colonias, ainda havia de tardar algum tempo, o seu povoamento. As primeiras tentativas falharam. Medidos e demarcados os prazos da colonia Conde d'Eu, ali se estabeleceram uns oitenta colonos de nacionalidade allemã e franceza. Pouco se demoraram, porém, e nos annos successivos, o progresso da colonia foi nullo.

„Não faz progressos a colonia Conde d'Eu, — escrevia em 1870, o agente interprete da immigração Luiz Kremer Walter — apezar da uberdade do seu sólo e da excellente posição em que se acha collocada, tendo por futuros consumidores de seus productos os districtos de Vaccaria, quando não os possa collocar melhor nos mercados que exportam para essa capital. E' devido esse atrazo á circumstancia de medear entre os primeiros prazos da colonia e o ultimo ponto habitado da colonia particular de Maratá, sobre a estrada do mesmo nome, uma grande extensão de terras particulares, que

seus proprietarios não teem pressa de povoar e cujas mattas, a ambos os lados da estrada só servem para torna-la intransitavel e assim diffcultar a sahida dos productos dos colonos de Conde d'Eu, que se vêm desta sorte obrigados a trabalhar apenas para o seu consumo e para o pouco que lhes pôdem comprar os tropeiros que descem da Vaccaria.“

A esse tempo, Conde d'Eu tinha, apenas, 49 fôgos, com 74 habitantes. D. Izabel só em fins desse mesmo anno de 1874, recebia seus primeiros habitantes: 48 colonos francezes. „Contra ella — escrevia o agente de immigração — militam as mesmas circumstancias, talvez, em maior escala, que causam o atrazo de Conde d'Eu.“

A colonia aos fundos da Fazenda de Nova Palmyra

Já a esse tempo, em 1873, fôra ordenada, por acto de 19 de setembro, a medição das terras situadas aos fundos da fazenda de Nova Palmyra. Executou-a o agrimensor Augusto Napoleão Savart de Saint Brisson, que a concluiu em 11 de março de 1875. Nem ahi, nem em relação ás colonias Conde d'Eu e Dona Izabel, as terras haviam sido escolhidas ao acaso.

Em 1868, colonos allemães, partindo de Montenegro ou do Maratá, haviam chegado até as mattas que cobriam as terras do hoje municipio de Bento Gonçalves. Iniciaram, ali a derrubada. Mas a diffcultade das communicações, os perigos daquella zona, em cuja visinhança ainda acampavam os bugres e cujas selvas se povoavam de animaes ferozes, fizeram-nos retroceder, deixando, em meio da matta, a clareira que a grande custo haviam aberto. Como já vimos, não foram mais felizes que esses primeiros exploradores, os colonos que nas duas novas colonias se estabeleceram de 1870 a 74.

O Campo dos Bugres, onde se achavam as terras mandadas demarcar em 1873, havia sido descoberto uns sete ou oito annos antes. Eram, tambem, colonos allemães os primeiros que ali haviam estado. Partindo da Feliz, procuravam abrir caminho para Cima da Serra, que lhes facilitasse o escoamento de sua producção para essa zona. E foi ao explorarem uma picada em tal direcção, que se lhes deparou o campestre, a que foi dado o nome de Campo dos Bugres. Ninguém se animára, porém, a povoá-lo, nem mesmo depois que em sua visinhança se estabelecêra o nucleo de Nova Palmyra. Iam ser destinados a essa empreza, os immigrantes italianos.

As primeiras levas

Sabemos, hoje, que, embóra só em 1875, tomasse vulto a immigração dessa origem; já em 1874, haviam chegado, as primeiras levas de colonos italianos. Dirigiram-se elles para Conde d'Eu e Dona Izabel. Iam, ali, submetter-se a uma dura prova. Onde os colonos allemães, que haviam em outras zonas triumphado, mercê de suas notaveis qualidades de trabalho e sua tenacidade, onde os allemães haviam fracassado e onde os francezes não tinham logrado fixar-se, os italianos iam dar a medida de sua resistencia, de sua aptidão para a colonização, de sua inquebrantavel força de vontade.

Em poucos annos, a transformação se tornava notavel. Ao chegar, nem sequer abaracamentos que os abrigassem, encontravam os novos colonos. Fala-nos um escriptor italiano, a proposito da colonia Dona Izabel, da „cidade branca“, assim chamada porque as tendas dos colonos eram feitas de lençoes. Basta esse detalhe para avaliar as difficuldades com que luctavam esses rudes trabalhadores vindos dalêm mar para desbravar as terras que iam transformar em seáras pródidas. Dous annos após a sua chegada, essa transformação era já visivel.

Progressos rapidos

As colonias, que em 1874, motivavam as queixas do agente de immigração, já em 1876 arrancavam palavras de entusiasmo ao ministro da agricultura, Thomaz José Coelho d'Almeida. Conde d'Eu já tinha, em setembro daquelle anno, 870 colonos; D. Izabel tinha 218.

„As plantações — dizia o relatorio do citado ministro — constam de feijão, milho, batatas, fumo, mandioca, canna, lupulo, trigo, centeio e vinha, a qual muito especialmente prospéra, sendo de esperar que em curto periodo, as duas colonias tornem-se productoras de vinho em avultada quantidade e superior qualidade.“

Dahi por diante, o povoamento e o progresso se fizeram cada vez mais rapidos. Já então começava, tambem, a acção dos colonos italianos a fazer-se sentir no antigo Campo dos Bugres.

As difficuldades dos primeiros colonos

E' escassa, como em relação a tudo quanto se refere aos primeiros annos da colonização italiana no Rio Grande do Sul, a documentação historica relativa ao estabelecimento dos

primeiros imigrantes nessa região. Mas entre as datas que assignalam a chegada das levas dos imigrantes de 1875 a Porto Alegre, as que falam de sua partida do Porto Guimarães, hoje São Sebastião do Cahy, e as que nos dizem de seu estabelecimento nas terras demarcadas no nucleo colonial aos fundos de Nova Palmyra, como, então o denominavam os papeis officiaes,, há distancias que mostram, como a viagem que se faz hoje em horas, representava áquelle tempo, para os colonos recém-chegados, uma penosa travessia, de longas etapas, com paradas forçadas, em acampamentos, de cujo conforto é licito ter duvidas. Levavam mezes os imigrantes, saídos de Porto Alegre, para chegar ás terras que lhes eram designadas e installar-se ali definitivamente, após estagios mais ou menos prolongados nos barracões em que os abrigava, temporariamente, em lamentavel promiscuidade, o agente de immigração.

E da situação em que vinham a achar-se uma vez installados no Campo dos Bugres, póde dar idéa um officio de 20 de julho de 1876, do director do „Nucleo Colonial dos fundos de Nova Palmyra“. Deduz-se desse officio que só em tal data se ordenara a construcção, na „povoação projectada do Campo dos Bugres“, de „casas provisórias para residencia da Directoria e do encarregado de medicar os colonos“. Se para o director da colonia e para o „medico“, essa era a situação, facil é de avaliar como se haveria cuidado da installação dos colonos.

Por outro lado, a imprevidencia administrativa, de que já tantas provas se haviam dado, alguns decennios antes, com a colonização allemã, transparece aqui, de novo, em outros detalhes do officio a que nos referimos. Nelle, o director do novo nucleo colonial pondera ao inspector especial da Repartição de terras e colonização, Carlos Jansen, o grave inconveniente de ficar o guarda-livros e secretario da colonia, cinco leguas distante do director. Devia ser, aquelle, aliás, homem de multiplas aptidões, pois que, ás funções de secretario e guarda-livros da colonia, accrescentava as de mestre-escola, que partilhava com sua esposa. E o director da colonia encarecendo a conveniencia da mudança do funcionario em questão para junto da directoria, salientava a vantagem de poderem ser aproveitados os seus serviços e os de sua esposa, na abertura da primeira escola na projectada povoação do Campo dos Bugres.

Um juizo valioso

Installada mais tarde, foi entretanto, a colonia aos fundos de Nova Palmyra, a que mais rapidamente se povoou. Em

1877, nas suas oito leguas quadradas já medidas, estavam estabelecidos tres mil immigrants. Foi nesse anno, em 11 de março, que recebeu a denominação official de Colonia Caxias.

Seis annos depois, as colonias italianas assombravam pelo seu desenvolvimento, pelo seu activo progresso, a um observador insuspeito e imparcial, habilitado mais que nenhum outro a avaliar justamente a obra prodigiosa que os immigrants estabelecidos em Conde d'Eu, em D. Isabel, em Caxias, vinham realizando.

Referimo-nos a Carlos von Koseritz. Allemão de nascimento, não se o pôde accusar de parcialidade em favor do colono italiano; tendo sido, por longos annos, agente-interpretre da immigração, sabia bem que penosos sacrificios e quão arduas difficuldades se deparavam aos colonos; espirito superior e observador intelligentissimo, pôde-se confiar na justeza e na medida de suas apreciações. Carlos von Koseritz visitou em 1883, as colonias italianas e relatou as suas impressões, em dous artigos publicados na „Gazeta de Porto Alegre“.

„Fomos daquelles que receberam a immigração italiana com um certo gráo de desconfiança“. — começava elle dizendo, e essas palavras encarecem a sinceridade de seu depoimento. Agora, porém, sabia fazer justiça.

„O que ali se creou — escreveu o insigne jornalista referindo-se á região visitada — o que ali se creou, no espaço de seis annos, parece-nos um sonho de „Mil e uma noites“. E, adiante, assevera:

„Manda a justiça confessar que a colonização norte-italiana é excellente, que progride com extraordinaria rapidez que é altamente intelligente e industrial, afazendo-se com facilidade ás condições de nossa vida sul-americana. Quem atravessa as tres grandes colonias italianas do Estado, como nós atravessamos, e vê as numerosas roças que ali foram abertas no matto virgem, as parreiras, sem numero e conta, as bem construidas casas de taboas, os numerosos moinhos, fabricas de vinho, cerveja e aguardente, fabricas de moveis, de madeira e palha, os teares, as officinas, que existem por toda a parte, fica realmente surprehendido por tão extraordinario progresso.“

„Os colonos italianos — diz ainda — são magnificos lavradores e vinicultores; não são, porém, menos industriaes, pois a industria da colonia mostra immenso progresso.“

Falando do que observára na Linha Palmeiro, na Colonia D. Izabel, Koseritz sythetizava as suas impressões, dizendo: „Essa linha conta apenas seis annos e apresenta uma somma de trabalho como se contasse já trinta annos de existencia.“

E resumindo o seu juízo sobre Caxias, concluía: „Emfim, o Campo dos Bugres é um pequeno mundo, que surpreende a quem o visita, o que prova com exuberancia que a colonização italiana é excellente e que grandioso futuro aguarda a provincia, graças á aquisição desta laboriosa população que vem completar a obra tão vantajosamente encetada pela colonização allemã.“

Cincoenta annos de trabalho italiano no Rio Grande do Sul confirmam, hoje, de maneira inconfundivel o acertado prognostico. A contribuição que a colonisação italiana nos trouxe, sob o ponto de vista ethnico, como sob o ponto de vista económico e industrial é de natureza a justificar os mais calorosos louvores e a forçar a nossa mais sincera gratidão.

A acção do colono italiano

Transplantada das aldeias nataes do seu habitat europeu, para o sólo brasileiro; installada, numa região montanhosa, coberta de mattas, que lhe foi preciso abater para que nella surgissem vinhedos e trigaes, villas e cidades; posta em intima communhão com a terra virgem, que ella ia fecundar, a população colonial italiana, ao contacto daquella, á sombra dos nossos céus, ao aconchego do nosso clima, como que se refez de velhas energias, cobrou um vigor novo e sentiu renascer as qualidades ancestraes da estirpe.

Abrigando povos vindos de todos os pontos do quadrante, fundindo-os uns aos outros e assimilando-os lentamente, o Brasil se transforma num immenso crysol em que se vae elaborando um novo typo ethnico. O Rio Grande se póde orgulhar de estar contribuindo para a formação desse typo representativo da nossa nacionalidade com um acervo precioso de qualidades superiores. Por sua vez, á formação da população rio-grandense o elemento colonial italiano adduz um contingente de valia que ao mais summario golpe de vista se destaca no nosso balanço ethnico.

Balanço vital

Ha uma vitalidade exuberante nas populações da região colonial italiana do Estado, que a cada passo se affirma e que as estatisticas officiaes plenamente demostram. A cifra média do coefficiente de natalidade, no Rio Grande do Sul, alcança a 24,58 nascimentos por mil habitantes. E' uma proporção elevada, que, só por si, vale por um attestado de robusta vitalidade. Entretanto, essa média é sempre excedida nos municipios onde predomina a população de origem italiana. Nelles

a porcentagem menor é de 34 por mil e chega-se até a registrar o coefficiente de 51 nascimentos por mil habitantes, cifra notavel que produz um sentimento de natural admiração a quem quer que tenha alguma familiaridade com estudos demographicos.

Mas, o nosso balanço vital, á contribuição de uma natalidade elevada, o elemento de origem italiana ainda contrapõe uma mortalidade reduzida. O balanço resulta assim duplamente favoravel, do contraste entre o „deve“ e o „haver“, de parcelas tão crescidas este, quão minguadas as daquelle.

Com effeito, a média da mortalidade é, no Estado do Rio Grande do Sul, á vista das ultimas estatisticas que possuímos, de 11,70 por mil habitantes. Nos municipios habitados pelos descendentes dos colonos que há meio seculo se encaminham para a nossa terra, vê-se esse coefficiente baixar a 8,75, a 7,90, até a 6,56 por mil.

As qualidades moraes

Esses dados demostram a vitalidade da raça, certificam que as populações formadas mercê do affluxo da corrente immigratoria italiana, apresentam as characteristics de uma vigorosa robustez, de uma comprovada saúde physica.

Não é possível reduzir a cifras, como com esta se faz, os indices da saúde moral. Mas não há nenhuma ousadia em asseverar que esta não é inferior áquella. As estatisticas da criminalidade pôdem bem servir como elemento comprobatorio dessa asserção. E a affirmativa, que ellas documentam, de que em certos municipios da região colonial italiana se passam annos sem que se registre um unico crime de furto ou roubo, de que os attentados contra a honra são em proporção insignificante e de que os crimes de sangue apparecem com as cifras minimas que o quadro da criminalidade no Rio Grande assiguala, essa affirmativa — dizia eu — prova bem quaes são as characteristics moraes das populações que taes municipios habitam.

Uma assombrosa capacidade de trabalho

Quando disso se sabe, quando se veem associados taes predicados, de vigor physico e de saúde moral, quando se comprova, por esta forma a excellencia, do ponto de vista ethnico e social, dessa parcella da sociedade rio-grandense já não causa nenhuma surpresa que ella constitúa um elemento inestimavel de trabalho, um factor admiravel de grandeza.

Torna-se facil compreender, então, como os colonos italianos e os seus descendentes puderam realizar em meio seculo,

apenas, que é um instante na vida dos povos, uma obra economica que assombra pelo seu vulto, que, maravilha e constitue motivo de legitimo orgulho e de undadas esperanças pelo que ella promette de ulterior desenvolvimento. O Rio Grande soube, aliás, recompensar magnificamente o seu esforço.

No grande censo nacional do Centenario, os italianos apparecem, entre todos os estrangeiros residentes no nosso Estado, como os maiores proprietarios ruraes. Os estabelecimentos de propriedade de italianos alcançam á cifra elevadissima de 13.810. A area que elles occupam é de 737.368 hectares e o valor de suas terras, com as bemfeitorias, com os machinismos e instrumentos agricolas, é orçado em 101.620 contos de réis. E' o premio justo, mas é tambem a compensação generosa do trabalho, dos esforços tenazes, dos sacrificios do colono italiano.

E' certo que, em São Paulo, a superficie dos estabelecimentos ruraes de propriedade de italianos é maior que a que estes possuem no Rio Grande e que o seu valor alcança a mais do dobro: 914.487 hectares, com o valor de 257.547 contos de réis. Mas emquanto, ali, os proprietarios são 11.825, no Rio Grande alcançam, como vimos, a 13.810. E as vantagens da melhor distribuição no nosso Estado, compensam, até certo ponto, o menor valor.

Vinhedos e trigaes

A riqueza dos municipios da região colonial do Estado cresce, aliás, de anno para anno. Os vinhedos são uma de suas mais preciosas fontes. De antes da guerra, á data da ultima estatística, num decennio, a exportação de vinho do Estado, subiu de 1.163 a 7.751 contos de réis: augmentou sete vezes o seu total. E a industria vinicola é industria, por excellencia, da região colonial italiana, cujos vinhedos representam 68% do total dos existentes em todo o territorio do Rio Grande.

Maior riqueza, ainda, porém, é a que brota da terra nas espigas de ouro dos trigaes que se desenvolvem de maneira prodigiosa. Era insignificante, annos atraz, a producção do cereal precioso. Mal bastava ao consumo local dos municipios productores. Em 1909, calculava-se a colheita em 15 mil toneladas; em 1913, alcançava a 52 mil. Na safra de 1923-24, ella foi avaliada em 110.400 toneladas.

Só a producção dos sete municipios da região colonial italiana, concorreu com 58% desse total. Calculos severos, sobre dados dignos de fé, permitem fixar em nunca menos

de 70% do total, a produção de trigo devia aos colonos italianos e seus descendentes, em todo o territorio do Estado.

Nas cifras da importação, a influencia do incremento da nossa cultura de trigo já se vae fazendo claramente notada. As suas parcellas reduzem-se, annualmente, de milhares de contos de réis. Até nos boletins da exportação, já o trigo apparece, a prenunciar que persistindo na obra tão bem encaminhada, poderemos ser, em verdade, amanhã, o celleiro do Brasil. E' a obra da nossa emancipação economica que assim avança. A parte que nella cabe ao trabalhador italiano bastaria para exaltação do valor de sua cooperação para o engrandecimento do Rio Grande do Sul.

As industrias na região colonial italiana

Mas o trabalho do colono italiano não se faz só de energia tenaz, de persistente esforço, de infatigavel operosidade. Ha, nelle, qualidades que ainda com maior razão, movem á admiração: é a intelligencia das iniciativas, é um espirito indusrioso, que surpreende pela infinita multiplicidade de suas manifestações, é uma ancia de progresso que se affirma, através de audazes tentativas, em realizações magnificas.

O surto industrial da região colonial italiana é o mais brilhante exemplo disso. Elle se nos apresenta numa extrema variedade, que vae das fabricas de tecidos á metallurgica, da industria da sêda á dos productos chimicos.

Em sete municipios da chamada região colonial italiana, ha 3 201 estabelecimentos industriaes. Caxias, só, possúe 1749, isto é mais do que Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande juntos.

E' certo que há, aqui, uma distincção a fazer. Ao lado de alguns grandes estabelecimentos, de grandes fabricas modelarmente installadas e dotadas de aparelhamento moderno, pullulam as pequenas officinas, as industrias incipientes. Do total dos estabelecimentos industriaes da região colonial italiana, 2.583 não estão sujeitas a impostos de consumo e, destes, 1.588 pertencem a Caxias. Superiores, pois, na quantidade numerica, não se comparam em importancia, evidentemente, aos dos principaes centros industriaes do Estado que antes citamos.

Mas é precisamente esse numero que surpreende. A quem viaja pela região de que nos occupamos o que mais fêre a attenção é vêr surgir a cada canto, abrigadas em casas toscas de madeiras, ás vezes á beira da estrada deserta, distante

dos centros povoados, uma officina, uma fabrica modesta, em que se vão encontrar as mais inesperadas, as mais varias manifestações industriaes. Está, ali, muitas vezes, o embryão de grandes industrias futuras. Foi assim que começaram muitos dos estabelecimentos industriaes mais importantes de hoje.

Um prodigio

Assombra, porém, mais ainda, observar o contraste entre a perfeição da produção industrial assim obtida e a deficiência dos recursos rudimentares de que, para ella, dispunham os improvisados fabricantes. E não se póde deixar de meditar sobre a apparente contradição que há entre o grau de apuro a que taes manifestações de intelligente actividade alcançam e o nivel geral de cultura das populações entre a qual ellas se produzem e que nos fez apparecer artifices dignos de admiração, sob o aspecto de rudes trabalhadores ruraes. Dir-se-ia que são impulsos do sub-consciente, arrancando de um passado remoto, que nelles agem. E é, realmente, um prodigio o que se observa.

E' o mytho de Anteu, que se renova na terra do Rio Grande. Ao contacto vivificador do nosso sólo renascem velhas energias adormecidas, reavivam-se qualidades tradicionaes da estirpe que pareciam extinctas. E na raça nova que aqui se vae plasmando e que ao calor do nosso sól, ao abrigo das nossas florestas, enrijecida ao sopro de nossos ventos, se apresenta forte e vigorosa, exuberante de vitalidade, fundem-se o passado e o presente, aquelle revivendo nos predcados seculares das gentes latinas, este dando a taes aptidões ambiente proprio ao mais amplo desenvolvimento, para preparar, no futuro, a grandeza maior do Rio Grande, e do Brasil, grandeza que é já o nosso antecipado orgulho de hoje, mas que é tambem a gloria de todos os fortes trabalhadores que nos ajudam a forjá-la.

Campestre de Santo Antão

(João Belém)

Cerca de legua e meia da cidade de Santa Maria, na estrada que conduz a S. Martinho, encontra-se um povoado.

Foi ahi, em 1848, que o padre romano João Maria de Agostini se installou, promovendo a erecção de uma capella em honra de Santo Antão, sendo, dessa epocha em diante, aquelle lugar conhecido pelo nome de *Campestre de Santo Antão*.

Modesta capellinha de madeira foi erecta no cimo dum cerro ingreme, que se eleva a 400 metros acima do nivel do mar, enquanto na fralda do morro e planicie adjacente os ranchos se multiplicaram como por encanto.

Pela encosta do cerro até o ponto em que repousa a capellinha, os fieis abriram larga picada, fincando de longe em longe uma grande cruz, contando-se 14 do ponto inicial ao alto do morro.

A subida, devido ao extraordinario acclive, é bastante penosa; sem embargo, tenho visto, em dias de festa em louvor do prestigioso Santo Antão, moças e senhoras subirem a ladeira ingreme, carregando á cabeça grandes pedras, em cumprimento de promessas feitas.

Nesse cerro, em uma rocha viva, brota uma vertente de agua crystallina, a que o povo deu o nome de *Fonte do Monge*, attribuindo-lhe propriedades curativas.

Hoje, esta crença desapareceu. Ninguem mais corre, cheio de fé e de esperanza, á *Fonte do Monge* para aliviar seus males, preferindo ir á pharmacia mais proxima, levando no bolso uma receita medica.

Mas, em tempos que não vão longe, a referida *fonte* tinha prestigio colossal, taes as curas maravilhosas que lhe eram attribuidas.

Em artigos publicados na *Federação* em Março de 1895, o sr. Felicissimo de Azevedo, de saudosa memoria, narra que, tendo estado no Campestre de S. Antão muitos dias, poudo verificar que varias pessoas atacadas de asthma, rheumatismo e inflamação nos olhos curavam-se, milagrosamente, ou pelo menos, os doentes retiravam-se acreditando estar perfeitamente curados.

De tal modo espalhou-se a fama da *Fonte do Monge* que até a *Gazeta dos Tribunaes*, orgam fluminense, em seu numero 162 do anno de 1848, della se occupou, segundo refere Hemerio Velloso em sua obra *As missões orientaes e seus antigos dominios*.

E' fóra de duvidas que muita gente se curou com a agua da fonte milagrosa, entretanto, uma commissão de medicos e pharmaceuticos, nomeada pelo General Andréa, então Presidente da Provincia, depois de demorado exame e analyse demorada, attestou que a agua da *Fonte do Monge* era excellente agua potavel e nada mais.

Apezar disso, a agua da miraculosa vertente não ficou desmoralizada, pois a boa gente do lugar, em sua santa ingenuidade, acreditava mais no monge João Maria do que nos homens da sciencia.

E só depois que o monge se retirou do Campestre, sem ter decanido das graças conquistadas, é que o prestigio da fonte foi empallidecendo até extinguir-se de todo.

Porque o padre João Maria abandonou o Campestre, ninguém soube dizer. Um dia, procuraram-n'o e não o acharam. Havia regressado aos seus antigos pagos — Butucarahy, deixando no coração de seus proselytos uma saudade infinda, e, no povoado, um vacuo impreenchivel.

Em Butucarahy, segundo dizem, o General Andréa mandou prendel-o e o remetteu ao Ministro da Justiça, no Rio de Janeiro.

O Monge desapareceu, mas o culto religioso de Santo Antão continua até hoje, com o mesmo fervor, com a mesma regularidade.

Do dia 8 a 17 de Janeiro de cada anno o Campestre, que fóra daquelles dias quéda amodorrado na doce bemaventurança

de uma paz bucolica, desperta uma alegria barulhenta, sadia, como se recebesse uma formidável injeção de vida e de saúde.

No dia 8 effectua-se a primeira novena em louvôr do padroeiro. Para commodidade dos fieis foi construida uma egreja, em baixo, na fralda do monte, para onde o santo é trasladado e ahi fica durante o tempo das festividades, regressando depois, findas estas, nos hombros de seus devotos para sua ermida, no alto do cêrro.

São nove dias de folguedo, em que o espirito de religiosidade desaparece ante a effervescencia da multidão que se diverte nos bailes e pic-nics, á sombra protectora das arvores copadas ou nas mesas de jogo, onde o nickel do incauto desaparece no bolso do banqueiro.

Da cidade, como das circumvisinhanças do Campestre, accorrem á festa homens, mulheres e creanças, familias inteiras, que se aboletam em ranchos, em ramadas, debaixo das carretas, em promiscuidade assustadora.

A população do Campestre, nestes nove dias, centuplica-se.

A policia, ciosa da moralidade publica, já estabeleceu uma linha divisionaria entre o lugar destinado ás familias e aquelle em que é permittido os jogos de azar, as casas de bebidas improvisadas e os perigosos bailes publicos. A esta parte do arraial o populacho denominou *Rivera*. Ahi impéra, afoutamente, o vicio e o deboche. Raro é o anno, rarissimo mesmo, em que não ha na Rivera um homicidio, que, entretanto, não altera o programma dos festejos nem a alegria dos convivas. Ha apenas um pequeno intervallo para que a policia faça as indagações necessarias e remova o cadaver.

Do outro lado, as familias divertem-se, honestamente, sem ligar importancia ao que se passa alem da *linha divisoria*. Churrasqueia-se á vontade; as gallinhas assadas e os leitões que enchem as toscas mezas vão desaparecendo pouco a pouco, entre as risadas alacres das moças, os gritos infernaes da meninada e os ralhos impertinentes das cuidadosas mães.

Aqui, debaixo de uma ramada, sobre o capim queimado pelo sol de Janeiro, baila-se gostosamente. Ali, á porta de uma barraca, rodeados de ouvintes, dois trovadores empenham-se num delicioso duello em que não espadana o sangue dos contendores mas, como fagulha divina, brilha a vérvé encantadora daquellas intelligencias incultas.

Ainda, no anno proximo passado, tive o prazer de, com alguns amigos, ir assistir a festa do Campestre.

Não perdi meu tempo. O acaso proporcionou-me um indizível gozo espirital. Dois gaúchos — um preto e um caboclo — atiraram-se a um torneio poetico, fazendo, cada um,

resaltar em suas tróvas o talento não cultivado que a natureza lhes deu.

Devido á obsequiosidade de um amigo, habil stenographo, que me acompanhava, posso reproduzir aqui parte do interessante torneio.

Eil-o:

P'ra cantar e trovar versos
Não escolho occasião,
Tróvo de dia e de noite
Tróvo de inverno e verão
E, cantando todo anno,
Não tenho consolação.

Não tenho consolação,
E' um modo de falar
Quem canta, tocando gaita,
Tem razão de se alegrar,
Porque as maguas vão fugindo,
Procurando outro lugar.

Procurando outro lugar
Ando eu ha mais de um anno.
Mas sempre para onde sigo
Me acompanha o desengano.
Minha sorte não é boa
O meu destino é tyranno.

O meu destino é tyranno
Mas eu ólho de *reveis*,
Que sou homem de verdade
Da cabeça até os *péis*.
Duma feita numa briga
Matei cinco, alejei *déis*.

Matei cinco, alejei *déis*
Não ha nisso valentia,
Eu le conto uma proeza
Que fói lá na Vaccaria,
Matei vinte, alejei trinta,
Deixei cem sem serventia.

Deixei cem sem serventia,
Mas foi cabos de vassoura,
Não se aléja tanta gente
Montada numa egua moura,
Pois o amigo não é
Nenhuma *metraiadôra*.

Nenhuma *metraiadôra*
E' bem certo que não sou,
Mas eu sei que era um canhão
A *mulhé* de seu avô,
Uma velha implicadeira
Que o Tinhoso já levou.

E o torneio continuou, por longo tempo, entre applausos vibrantes da numerosa assistencia que se formou em torno dos dois contendores.

No dia 18, pela manhã, Santo Antão, em procissão, sobe o cêrro, carregado pelos fieis, e volta á sua ermida, no pico do monte, onde fica quieto, tranquillo, até o anno seguinte em que, nos mesmos dias, se repete o mesmo programma.

E o povo debanda.

Nota curiosa. Na ermida solitaria de alto do monte vivem em companhia de Santo Antão uma enorme aranha caranguejeira e uma cobra, que os *campesteiros* respeitam como animaes sagrados. Aberta a igreja, fóra daquelles dias festivos, o que é rarissimo, lá está a aranha em cima do altar ou na parede, e a cobra enroscada a um canto.

Ninguém lhes toca e tambem os referidos bichos não se importam com a presença de extranhos áquella santa morada.

São os animaes citados os guardas de Santo Antão. Dizem os *campesteiros* que aquella aranha e aquella cobra ha muitos annos vivem na ermida, sob a protecção do Santo. O que posso affirmar é que taes animaes lá existem ha mais de vinte e dois annos, que é o tempo que tenho de residencia em S. Maria, onde, desde que cheguei, ouço todos os annos, na occasião da festa, a histeria da aranha e da cobra, que moram com Santo Antão.

Santa Maria, Agosto de 1925.

Sessão anniversaria do Instituto em 5 de agosto

Discurso do desembargador Florencio de Abreu

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Já certa vez, alludindo a uma passagem da obra „El Brasil intellectual“, do illustre escriptor e diplomata argentino Garcia Merou, referi que elle havia notado a estimulante influencia que exercera de algum modo sobre a cultura brasileira a fundação, em 1838, do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, onde o cultor das letras e o investigador sereno e assiduo da historia patria encontravam um centro propicio e silencioso, em que unir seus esforços e collaborar na obra benefica da nossa civilisação e do nosso progresso moral.

Sem com isso aventurar-me a um simile, mas por méra associação de idéas, accrescentava eu que, posto minima ou mesmo imponderavel a influencia que por ventura pudesse, ir exercendo o nosso incipiente Instituto sobre o desenvolvimento cultural do Rio Grande do Sul, alguns innegaveis beneficios offerencia elle desde logo, necessariamente, pela propria natureza dos seus fins beneficos que se objectivam de dois modos: um indirecto, relativamente ao meio social em que vem elle actuando; outro directo, relativamente á propria corporação, aos seus proprios membros.

Quero referir-me, em primeiro lugar, a um certo interesse que o Instituto tende a despertar no ambiente social pelas coisas do nosso passado, aviventando o sentimento da Historia, e com o sentimento da Historia o culto do civismo, que é precisamente cimentado pela consciencia dos feitos, labores,

heroismo e espirito de sacrificio das gerações que fundaram a nacionalidade, organizaram e desenvolveram as instituições que nos regem, consolidaram a liberdade e prepararam o surto do progresso, que fruimos. Dess'arte, vai o Instituto collimando a conservação das nossas tradições, do nosso inestimavel patrimonio historico, — expressão das *forças moraes* super-organicas da raça, que, no assérto de Spencer, sobrelevam a meramente intellectuaes, como „estimulo de acção e alavanca do progresso“.

Neste particular, ocioso afigura-se-me frisar que é com bem entendido orgulho que vamos cultuando o nosso Passado. E' vem de molde alludir a um topico irreverente, iconoclasta, de conhecida obra de um nosso sociologo, para quem todo o passado sul-americano é imprestavel, nada existindo que seja digno de conservar, pois todo elle não foi mais do que „uma serie de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistencias systematicas ao progresso“... *Conservar o que?* Pergunta o citado sociologo; ao que lhe responde, com elevação e justeza, um dos nossos maiores criticos litterarios: „Que conservar? muito: o espirito da raça, o seu character, a lingua, a alma dos seus grandes homens, o bom senso, os bons costumes, o equilibrio do genio, o amor da patria, das tradições, do progresso bem entendido da liberdade, da ordem, e, em geral, todas as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração dos nossos maiores“.

Ora, bastaria esse superior objectivo de conservar „a alma dos nossos grandes homens“, o „amor da patria“, „o amor das nossas tradições“, revelando „as nobres qualidades seleccionadas pela historia no coração dos nossos maiores“, para justificar de sóbra a utilidade do Instituto, que já ha cinco annos vem cumprindo serenamente o seu dever, a despeito de todas as vicissitudes e irresistiveis preoccupações egoistas dos tempos que correm.

Em segundo lugar, quero, referir-me á força estimulante que a permuta de idéas e impressões e o trabalho em commum exercem sobre as aptidões e a capacidade productora dos seus membros, ao mesmo passo que a união de propositos e de empenhos facilita sobremodo os meios de colligir esses materiaes preciosos com que se reconstróem as épocas sepultas no passado, — a *documentação*, no sentido latitudinario do termo, e que forma como a estratificação visivel dos factos que transitaram para os dominios da historia.

Sem a inspecção severa dos documentos não é possivel o estudo consciencioso da historia; e, neste particular, desvaneço-me em poder registar que os estudiosos das cousas do nosso passado vão já frequentando com assiduidade os archi-

vos, pesquisando os factos á luz da documentação authentica da época. E, em verdade, só mediante esse trabalho preliminar, arduo sem duvida, poder-se-á com segurança reconstituir um facto ou plasmar uma personalidade; do contrario é arriscar-se não raro a repetir errónias que, á força de muito vulgarizadas, vão passando, por ahi como verdades verdadeiras.

Taine, no prefacio de uma sua obra celebre, refere-nos a multidão incalculavel de memorias que lhe foi mistér consultar em archivos publicos e privados, para bem perquirir as origens da França contemporanea: documentos manuscriptos e correspondencia de um grande numero de intendentes, rendeiros geraes, magistrados e outros funcionarios e particulares de toda especie; as actas dos Estados Geraes em cento e setenta, e seis volumes; a correspondencia de commandantes militares; cartas, memorias e estatisticas detalhadas do Comité ecclesiastico; noventa e quatro maços de correspondencia de departamentos e municipalidades com os ministros; os relatorios dos conselheiros de Estado commissionedos em 1801; a correspondencia dos prefeitos sob o Consulado, sob o Imperio e sob a Restauração, até 1825; grande quantidade de outras peças tão instructivas e desconhecidas que Taine chegou ao ponto de affirmar que a historia da Revolução ainda lhe parecia inédita. E' que a historia não é coisa que se invente, nem comporta improvisação; só mediante acurado exame dos documentos é possível fazer resuscitar das brumas do preterito os grandes vultos dos nossos maiores, com as verdadeiras linhas da sua envergadura moral; e para bem os apreciar e julgar preciso é que tornemo-nos mentalmente contemporaneos delles, — não fazendo-os avançar até nós, o que importaria grave erro de perspectiva com as inevitaveis impressões opticas illusorias, mas, ao contrario, recuando nós até elles, identificando-nos com o seu meio e até embuindo-nos dos prejuizos e da mentalidade do seu tempo. Só assim será possível desempenhar com justiça a magistratura inappellavel da historia.

E seja dito de passagem que é a luz desse criterio, consoante o rigor scientifico, que tem o Instituto rehabilitado integralmente a memoria de algumas figuras de relevo do Rio Grande, sobre as quaes se ha tecido alhures uma apreciação precipitada, atravez de um exame mais ou menos superficial dos factos.

Por outro lado, não é superfluo observar que vai merecendo a attenção do Instituto o estudo da chorographia do Rio Grande do Sul, rectificando-se falsas noções sobre pontos concernentes á sua potamographia, á sua orographia, e até

sobre o seu proprio aspecto physico, noções que nos vêm sendo transmittidas como verdades adquiridas, desde fins do seculo XVIII, ou primordios do XIX, com as annotações physiographicas que nos legaram os primeiros exploradores do solo „continentino“. Neste particular, podemos até certo ponto affirmar que não incorremos na censura de Rio Branco (o barão), quando, prefaciando o „Quadro Chorographico de Sergipe“, de Laudelino Freire, allude á indifferença dos nossos compatricios pela sua casa physica, o seu *habitat*, cuja exploração tem sido em grande parte obra de alienigenas illustres.

E', pois, bem justo, meus collegas, que me congratule comvosco por essa vossa proficua operosidade, que se tem patenteado, quer em conferencias brilhantes, quer em valiosas contribuições insertas nas paginas da „Revista“, que (não é de mais observar), mercê da indefessa dedicação da comissão respectiva, se vai publicando sem soluções de continuidade e cujo numero correspondente ao primeiro semestre do seu anno V acaba de sair do prélo. E, prevalecendo-me deste opportuno ensejo, concito-vos a que preservereis no vosso fecundo trabalho, com a mesma solitudine dos annos anteriores, com a mesma harmonia de vontades e de esforços, para que a semente, que lançámos á terra em agosto de 1920, produza todos os opimos fructos que é licito esperar dos vossos talentos e do vosso acrisolado patriotismo.

Mas o momento não é sómente para permuta de congratulações. A sessão de hoje é principalmente consagrada ás suaves expansões da saudade, á recordação de illustres companheiros em cujos corações já não pulsa o rithmo da vida objectiva, e cujo panegyrico ainda se não fez ouvir no recinto das nossas sessões. E' pois, tempo de pôr termo a esta minha tosca allocução para ceder a palavra ao nosso brilhante orador official, a quem cumpre render-lhes o preito de nossas sinceras homenagens e depôr sobre as suas veneraveis memorias os immarcesciveis estemmas de nossa perenne saudade.

Felizmente para a dignidade da especie, o *homem não vai todo á sepultura*. Nem sempre a morte importa o anniquilamento, porque muitas vezes „ao fundo da morte está a immortalidade“. E assim como „por entre as sombras da noite é que scintillam as estrellas e rutilam as constellações, por entre as sombras da morte melhor se conhecem as virtudes e se patenteiam as benemerencias“.

Meus senhores, está aberta a sessão.

Discurso do major Souza Docca

Senhor Presidente. Meus confrades. Ex.^{mas} Senhoras. Senhores.

Recordar, recordar sempre, é o papel que a nós todos compete neste Instituto. A historia é uma verdadeira ressurreição e este phenomeno só se consegue, mergulhando no passado. E' esse ainda o meio mais seguro de podermos aquilatar o que somos e o que valemos, porque sómente assim poderemos nos embrenhar pelos meandros da historia, pondo em pratica o sabio conselho dos antigos — conhece-te a ti primeiro.

Recordando, é a maneira mais significativa e pura, de prestarmos hoje, ao commemorarmos mais um anniversario da fundação deste Instituto, o nosso dorido culto de saudade, aos companheiros que a morte arrebatou materialmente de nosso convivio. Tres foram esses legionarios: Homero Baptista, Arthur Candal, João Baptista Hafkemeyer. O que sobre elles vou ler não é um estudo, nem o esboço da vida de cada um, e sim, apenas, algumas notas biographicas.

HOMERO BAPTISTA — Nasceu em S. Borja a 30 de janeiro de 1860; foram seus paes o saudoso professor Felisberto Baptista da Costa e d. Henriqueta de Sá Baptista. Em sua cidade natal aprendeu as primeiras letras, na escola ali proficientemente dirigida pelo seu genitor. Veio depois para esta capital e aqui se matriculou no famoso Collegio Gomes, onde fez os preparatorios necessarios para o curso de direito, que era o seu longo e afagado sonho de moço. Com o pensamento fixo nesse ideal, não esmoreceu diante das difficuldades de que estava insado o caminho para attingi-lo, e conseguiu vence-las, com uma força de vontade que só aos fortes, aos que sabem querer, é dado possuir.

A *mesada* para seu sustento e despezas com o estudo, elle a teve sempre pontualmente — porque pontualmente a conquistava pelo trabalho.

Conseguidos os preparatorios, seguiu pressuroso para S. Paulo e ahi ingressou na legendaria Faculdade de Direito, em 1879.

Ao lado de seus conterraneos, que constituíam o „Club 20 de Setembro“, se bateu contra o captivo e pela implantação do regimen republicano, de que foi um propagandista ardoroso e sincero e um doutrinador intelligente e infatigavel. Ali na capital paulistana, como na rio-grandense, teve que trabalhar para se manter e se fez typographo. E quantas vezes

compoz para a *Tribuna Liberal* e para o *Jornal da Tarde*, seus proprios artigos, prégando seus ideaes.

Em 1885 terminou seu curso de direito e foi advogar em sua terra natal. Ahi, nesse mesmo anno, fundou o jornal o *Municipio*, que teve 3 annos de vida brilhante, em prol das idéas liberaes. Em 1888, surgiu o *Movimento*, que teve a colaboração effectiva de sua bem orientada penna. No mesmo anno de seu regresso á S. Borja, foi eleito presidente do Historico Club Republicano dessa cidade. Tomou parte nos congressos republicanos de Santa Maria e da Fazenda da Reserva, onde ficou resolvido fazer-se combate firme, sem tregoa, ao 3.º reinado em nossa patria, que devia ser evitado ainda que pelo recurso extremo — a revolução.

Proclamada a republica, tomou parte effectiva na Assembléa Constituinte. Por motivos contrarios ao seu ponto de vista, esteve affastado do scenario politico cerca de 10 annos.

Voltou a actividade em 1906 e foi immediatamente escolhido para representar este Estado na Camara Federal e ahi se impoz pela rectidão de suas idéas, explanadas com intelligencia e brilho, especialmente em assumptos financeiros, em que era profundamente versado.

Como membro da Commissão de Finanças; foi relator do Orçamento da Marinha, elaborando magistral parecer, que lhe valeu justa nomeada, mais exaltada ainda, com os pareceres sobre a Receita Geral, nos annos de 1911, 1912 e 1913, que o notabilizaram.

Escolhido em 1914 para dirigir os destinos do Banco do Brasil, renunciou então o mandato. Sua passagem por esse importante estabelecimento de credito, marca uma nova e fecunda éra de seu progresso — qual o estabelecimento de filiaes, nas cidades e centros industriaes mais importantes do vasto territorio nacional. A carteira de redescontos então creada, é uma instituição benemerita, pelos assignalados serviços que presta ao commercio, á industria e á agricultura.

Deixou a presidencia do Banco do Brasil, para assumir a da Companhia de Seguros Sul-America, e desta esteve affastado durante o governo Epitacio Pessoa, do qual fez parte, como ministro da Fazenda.

Era o dr. Homero Baptista filiado á escola financeira classica e orientada pelos seus principios, que elle professava com convicção e sinceridade, foi toda sua acção fecunda, ainda mal conhecida.

„Na pasta da Fazenda“, disse a palavra autorizada do senador Vespucio de Abreu, „esforçou-se por executar o programma que vinha recommendando desde que tivéra assento na Camara dos Deputados e redimiou assim, em parte, o erro

que havíamos commettido desde os primeiros albores da guerra de não ter-mos immediatamente fechado a Caixa de Conversão, evitando que o saldo ouro, cuja importancia era avultada, fosse exportado tal qual viera de outros paizes. Elle, procurou redimir o erro que havíamos commettido, accumulando reservas ouro para valorizar o meio circulante e elevando essas reservas, que tanta cobiça teem despertado aos que alimentam tentativas fantasistas de ordem financeira.

Ministro da Fazenda, Homero Baptista, tentou remover para o Banco do Brasil a faculdade emissora de que estava de posse o Thesouro, queria-o, porém, sob os moldes do Reichsbank, do Banco Imperial Allemão, com a emissão feita em grande parte sobre fundo metallico e em parte sobre fundos de effeitos commerciaes, denominados supplementos do Reichsbank, emissões que se podiam avolumar ou diminuir conforme as necessidades commerciaes e que desappareceriam, quando pelos effeitos commerciaes, fossem resgatadas“.

Deixou o nosso preclaro confrade, além dos pareceres referidos, mais os seguintes trabalhos: *Tiradentes e a Republica*, conferencia feita em 1888; *Pela Federação*, vibrantes discursos pronunciados no Parlamento Nacional, depois do golpe de Estado em 1892; *A Revolução e o Estado de sitio no Rio Grande do Sul*, discurso pronunciado na Camara dos Deputados em 1894; *Perfil Biographico de Manoel dos Santos Loureiro*, em 1900; *Unificação do Padrão Monetario*, substancial conferencia, realizada na Bibliotheca Nacional, em 1916 e dada a estampa em 1923; *Revoluções Brasileiras de 1817 e 1835*, conferencia realizada no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1918; *Zona Franca nos principaes portos do paiz*; *Revisão das tarifas das Alfandegas* e outros trabalhos de ordem administrativa e financeira. Muito elogiadas pelos seus collegas e pelos seus alumnos, eram suas lições de Direito Administrativo, professadas na Universidade do Rio de Janeiro, de que era lente, e que ficaram ineditas. Tinha em preparo um longo trabalho sobre a *Evolução da Tarifa Aduaneira no Brasil*, outro sobre *Palavras e phrases usadas no Rio Grande do Sul* e um terceiro sobre as *Primeiras Explorações da Costa Americana*. Foi um dos socios fundadores de nosso Instituto; era socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e presidente da Liga da Defesa Nacional, onde prestou memoraveis serviços.

Eis em rapidos traços quem foi o egregio brasileiro, fallecido na capital do paiz aos 14 de outubro de 1924 e que foi em vida um dos mais altos e mais edificantes exemplos de coragem e de amor ao trabalho.

ARTHUR CANDAL DE CARVALHO — Eis outro grande, nobre e esforçado espirito de luctador, que escudado em sua força de vontade formou um nome, que transmite aos seus descendentes como um invejavel brasão.

Nasceu o professor Candal nesta cidade de Porto Alegre, aos 30 de setembro de 1857; foram seus paes o alferes Primo dos Santos Candal de Carvalho e d. Thereza Maria Candal de Carvalho. Orphão de pae, quando ensaiava os primeiros passos, foi amparado pelo seu irmão Carlos Augusto.

Com difficuldades, mas sem esmorecimentos, conseguiu terminar seu curso de preparatorios. Não poude, porém, cursar escolas superiores. Ingressou ainda muito moço no functionalismo publico, como amanuense da Secretaria do Governo, logar esse que conquistou em concurso.

„Como funcionario“, diz um seu carinhoso alumno e amigo — o nosso illustre confrade Aurelio Porto, „foi modelar. Dedicado em extremo, provendo ás exigencias de sua função publica com esclarecida intelligencia, rebelando-se contra as praxes obsoletas da velha Secretaria de Governo, sua actuação, ali, ao lado de Frederico de Villeroy e de Aurelio Bittencourt, marcou a phase inicial do remodelamento das archaicas formulas que revestiam o *estyllo official*, anti-grammatical e ridiculo“.

Em 1890 foi nomeado official de Gabinete. Mais tarde foi elevado a sub-director da Secretaria das Obras Publicas e em 1892 a Director da Estatistica de que foi dispensado arbitrariamente, nesse mesmo anno. Essa injustiça só foi reparada 26 annos depois. Nesse longo espaço de tempo se fez professor e graças á sua cultura e á rara tendencia de que era dotado para o ensino, grangeou justo renome como educacionista. Ao lado de Appelles Porto Alegre, leccionou no *Collegio Rio Grandense* e dirigiu, durante 17 annos, a *Escola Mauá*, creada e mantida pela Associação dos Empregados no Commercio.

Exerceu o cargo de Director dos Correios neste Estado, de 1898 a 1900. „Era um erudito em linguas tendo realizado estudo comparativo das que sabia. Fallava o allemão com facilidade, chegando a escrever uma grammatica dessa lingua, que não conseguiu terminar. Candidatando-se a um concurso para lente de portuguez, no Collegio Militar desta Capital escreveu, então, em 1893, sua these que versou sobre *Origens da lingua portugueza*. Esse concurso não foi levado a effeito. Escreveu pelas columnas da *Gazeta do Commercio*, em polemica uma serie de artigos sobre a particula *se*; esses artigos foram por elle reunidos e revistos para serem publicados em volume, quando se aggravou a molestia que o victimou.“ Quando

reintegrado no cargo de Director da Repartição de Estatística em 1919, publicou um interessante estudo historico dessa repartição. „Era bom e era justo. Sua vida foi consagrada ao bem. Mesmo entre o deflagar das paixões no ambiente partidario em que exerceu a sua actividade jornalística, em plena phase revolucionaria, sua aspiração suprema era a paz, a paz redemptora que viria de novo entrelaçar a familia riograndense. Nunca ouvimos de seus labios uma increpação mais forte aos seus adversarios. Era justo nas suas apreciações, brando na sua critica, delicado na polemica, mantendo sempre a linha impeccavel de seu cavalheirismo innato“.

Eis o illustre consocio que o Instituto perdeu em 21 de outubro do anno findo.

„Seu nome, porém, ficará, em nosso meio, indelevelmente invocado pela nossa saudade e pela nossa veneração. Aqui continuaremos, nesta casa de trabalho, construindo o modesto pedestal de revivescimento das nossas tradições gloriosas, das nossas epopéas gigantescas, da virtude de nossos maiores, insculpiando nelle, tambem, os nomes desses companheiros, que se vão para a longinqua jornada do Alem, legando-nos os seus exemplos de amor á grande patria e de estremecimento affectuoso pela gléba commum, opulenta de glorias, exuberante de tradições que nos orgulham.“

* * *

Como desmorona uma montanha! foi a exclamação de surpresa e magoa, com que o dr. Florencio de Abreu, nosso illustre presidente, recebeu a noticia que eu lhe transmittia em dezembro de 1923, de que o nosso caro confrade Hafkemeyer, estava irremediavelmente perdido, minado por terrivel molestia.

Era effectivamente uma montanha que desarticulada desmoronava fragorosamente, — montanha de bondade, montanha de saber, montanha de nobres dedicções pois em tudo isso elle foi alto e nobre.

O Instituto deve-lhe grande parte de sua existencia. Foi um dos esteios possantes que o amapararam e um dos guias que nortearam seus passos iniciaes. Os 3 primeiros annos de vida de nossa Revista — é obra exclusivamente sua, um pedaço de sua vida, fructo de sua fecunda intelligencia, traços e motivos indeleveis de sua alma de historiador. Nunca faltou ás nossas sessões, abrilhantando-as muitas vezes com a sua palavra. Destacava-se, não só pelo seu porte agigantado, como pela affabilidade, pela singeleza e sobre tudo pela

bondade, que se expressava em sua palavra suave, que aflo-rava-lhe á commissura dos labios num sorriso todo seu, intimo, expressivo, que fluia de seus olhos claros, brandos, tristonhos, como de quem vive embevecido ou se engolfa em seismares ou quiçá sentindo ainda os resaios da nostalgia do lar.

O padre JOÃO BAPTISTA HAFKEMEYER — nasceu aos 12 de janeiro de 1871 em Osnabrück, na provincia de Hanover. Concluido o curso gymnasial iniciou o de theologia e historia, nas universidades de Würzburg. Aos 20 annos de idade,, obedecendo ás injunções de uma grande e nobre vocação entrou para a egreja Companhia de Jesus, que tanto soube servir e honrar. Estudou rhetorica em Wijnandsrade e philosophia em Volkemburg. Em 1897 veio ao Brasil e passou a leccionar no Gymnasio de N. S. da Conceição de S. Leopoldo. Cinco annos depois regressou á Europa e estudou theologia na Hollanda e em Portugal. Recebeu as sagradas ordens em 1904 e no anno seguinte, já presbytero, veio definitivamente para o Brasil, que elle amou como o mais extremecido de seus filhos.

A prova desse grande affecto temo-la não sómente nos estudos historicos sobre o nosso passado, mas porque se fez tambem filho desta grande patria, naturalizando-se brasileiro.

Aqui chegando foi designado novamente para leccionar no Gymnasio de S. Leopoldo. Em 1913 foi transferido para o de S. Luiz Gonzaga em Pelotas e quatro annos depois para o Gymnasio Anchieta desta capital. Seria ocioso dizer o que elle foi como professor — sabe-o quasi todo o Rio Grande do Sul. Pelo seu saber e pela sua bondade, fez de cada um de seus alumnos um admirador e um amigo.

Era um investigador consumado: pertinaz, meticoloso, intelligente e culminando todos esses predicados — uma probidade em alto grau.

Era um erudito em linguas: conhecia hebraico, latim, grego, allemão, francez, italiano, hespanhol e portuguez.

Entre seus trabalhos se destacam: *As principaes representações cartographicas da costa brasileira*; *Victimas da calumnia*; *a Supressão da Companhia de Jesus*; *a Restauração da Companhia*; *A Companhia de Jesus*; *Biographia do General Osorio*; *Vida do Duque de Caxias*; *A primeira Igreja do Rio Grande do Sul*; *Heimatkunde von Brasilien*; *Biographia General de Sonis* (traducção); traduzia tambem para o portuguez a *Historia dos Jesuitas no Ministerio do Marquez de Pombal*, de Theophilo Murr. Concorreu para o Congresso Internacional de Historia da America, realizado no Rio de Janeiro, em 1922, com um interssante trabalho sobre a *Determinação da area*

conhecida do Brasil do Norte até fins do século XVII. Deixou diversos trabalhos exparsos, em jornas e revistas. Tinha em preparo um estudo sobre a revolução de 1835. A morte o encontrou „em plena actividade“, escreveu o nosso presado confrade dr. Adroaldo Mesquita da Costa, ao traçar para a Revista do Instituto a biographia do illustre morto, „ainda em inicio de uma tarefa que a posteridade não esquecerá.

Compunha o trabalho commemorativo da Colonização de S. Leopoldo. Ia desvendar ao Brasil inteiro a immensa significação de um facto de nossa vida nacional, sem a merecida repercussão em nossa sociologia. Melhor do que todos que tem até hoje perlustrado o assumpto, teria oportunidade talvez de mostrar a importancia desse factor na compulsão dos elementos de ethnologia brasileira e da sua amplitude na determinação dos valores economicos.

„Morreu trabalhando, reconstruindo e talvez reparando injustiças e arrancando nomes ao olvido inexplicavel dos homens. Sua obra de sabio ajustava-se ao significado da missão que cabe ao christão na terra“.

Sabia, tinha certeza que morreria breve. Disse-nos isso poucos dias antes de cair gravemente enfermo. Mas porque era um estoico, um fervoroso crente, um bom, um justo, aguardava resignado, com a intima consolação do verdadeiro christão, o chamamento ao seio do Senhor murmurando como Bossuet:

„Salvador meu, escutando vossas santas palavras, muito hei desejado ver-vos, e ouvi-las de vós mesmo; é chegada a hora; ver-vos-hei como juiz, é certo, mas ser-me-heis juiz salvador... Adeus, mais irmãos mortaes, adeus, igreja santa... Adeus vos digo sobre a terra, mas vou ver vosso principio e fim; ver-nos-hemos no céo.“

EPHEMERIDES

Dias: 24 de maio, 12 de abril, 26 de julho,
2 de dezembro, 13 de dezembro.

(Major Souza Docca)

24 de maio

1827 — Entre os recontros que se seguiram á celebre Batalha do Rosario, impropriamente denominada de Ituzaingo, pelos vencedores, e que muito cooperaram para espellir os platinos do territorio nacional, obrigando-os a reentrarem no seu, figura o que occorreu nesta data, no Passo de S. Diogo, no Jaguarão, entre o 39.º Regimento de Milicias, sob as ordens de Bento Gonçalves da Silva e troços de cavallaria argentina, que conduziam cavallada para a Republica Oriental. As forças imperiaes derrotaram completamente as republicanas, que foram obrigadas a abandonar a presa e procurar salvação na fuga.

1870 — Acto provincial dando a denominação de Conde d'Eu e D. Izabel, aos nucleos coloniaes estabelecidos nos territorios de quatro leguas quadradas, cada um, em terras devolutas, entre o rio Cahy, Campos da Vaccaria e Triumpho, cedidas pelo governo central ao da provincia, para aquelle fim. A instalação definitiva se realizou, respectivamente, em 1874 e em 1875. No anno seguinte foram transferidos em estado decadente, ao dominio do governo geral. E 8 annos depois eram emancipadas, passando á séde de municipios, e que actualmente tem, o primeiro, o nome de Garibaldi e o segundo, de Bento Gonçalves.

1871 — Assume a presidencia da provincia o vice-presidente, coronel João Simões Lopes, depois barão e visconde da Graça.

1888 — Reunem-se, por convocação, os vereadores do quadriennio transacto, da Camara Municipal, de S. Francisco de Assis, em substituição aos vereadores suspensos, em 14 de fevereiro, por terem apoiado a moção plebiscitaria apresentada pelo ardoroso e intrepido propagandista republicano Appario Mariense e approvada pela Camara Municipal de São Borja, em 13 de janeiro, consultando a nação sobre a instituição do 3.º reinado em nossa patria.

Os vereadores convocados, declaram em acta que a reunião tinha unicamente por fim attender aos interesses do municipio, não tendo, portanto, em mira desautorar o acto da Camara suspensa nem tratar de assumptos politicos.

1890 — Assume o governo do Estado o general Candido Costa.

1895 — São inauguradas as estações do telegrapho estadual em S. Leopoldo, S. Sebastião do Cahy e S. João do Montenegro.

1906 — E' inaugurada, em Porto Alegre, a Exposição de Apparelhos a Alcool, levada a effeito por iniciativa do „Centro Economico do Rio Grande do Sul“.

1866 — Fére-se, no Paraguay, a primeira batalha de Tuyuty, em que são victoriosos o exercito da Triplice Alliança, sob o commando em chefe do general argentino Bartholomeu Mitre, cabendo, porém, a maior gloria desse feito ao exercito brasileiro, sob as ordens do inclyto cabo de guerra Manoel Luiz Osorio.

Não recordaremos os pormenores nem os lances de heroismo desse grandioso feito bellico, que cingem de louros immarcesciveis a fronte dos heróes que ali lutaram, porque tudo isso já foi brilhantemente exposto aqui, há 3 annos, pela palavra encantadora e facil de um dos mais illustres de nossos confrades. Mas, como a missão do Instituto não poderá ser cumprida, sem a pratica perenne, independente e pura, do civismo, pelo culto do passado, não podemos silenciar em absoluto á passagem de uma ephemeride de tão alta relevancia.

Não é o esmagamento do inimigo vencido, que se exalta; não é o sangue derramado, que se commemora; não é á luta cruenta, que se rende culto; não é a voz do canhão nem o eco crepitante da fuzilaria, que se recorda com enthusiasmo; não é o gemido dos feridos nem a agonia dos moribundos, que se celebram; nem o estrepito das ruidosas cargas de cavallaria, nem o retinir dos aços acerados, que se cruzam e que se chocam, brandidos pelos lutadores, nada disso, nada das scenas tetricas das batalhas. O que os brasileiros dignos desse nome invocam

neste dia, é a memoria daquelles que nos legaram edificantes exemplos de como se defende a patria e o lar, sem esmorecimentos, sem ambições subalternas, com grandeza d'alma e heroismo. E' nelles, é nesses heróes, que nossos olhos penetrando fundo no passado, pelas paginas da historia, vão se fixar em attitude respeitosa e admirativa, e nossa alma ao mesmo tempo pedir-lhes inspirações de civismo, fortaleza de animo, elevação de sentimentos.

Essa é, e essa deve ser a nossa unica intenção.

Desde os tempos mais remotos, os povos de historia parca em feitos heroicos, phantasiavam acontecimentos ou emprestam a factos de pouca importancia um character excepcional, attribuindo-lhes consequencias que jamais delles dimanaram, para assim despertar o civismo n'alma popular pelo culto do passado.

Aqui mesmo, na America, temos exemplos desse proceder. Nós, entretanto, que não precisamos phantasiar, nem exagerar, temos descurado esse culto, calando por amor á principios exóticos, que ainda encontram guarida na imaginação de alguns dos nossos compatriotas, ou esquecendo, criminosamente, os grandes feitos de nossos maiores. Ha muitas vezes, é verdade, no desprezo daquelle culto, uma grande dóse de ignorancia, filha de nossa lamentavel educação civica. E dando mostra vergonhosa disso, surgem de quando em quando, pelas columnas de jornaes, artigos firmados por brasileiros, com taes ataques e tão grandes heresias sobre o Brasil e seus grandes homens, que seriam mais para lamentar, do que para repellir, se não fôsse o éco que produzem no estrangeiro.

Neste caso está o artigo que Sylvio Julio publicou recentemente na „Gazeta de Noticias“, do Rio de Janeiro, apreciando a obra do escriptor paraguayo Juan O' Leary.

Pondo de lado a morbida admiração do autor pelos literatos e scientistas hispano-americanos; pondo de lado o epitheto irreverendo de lacaios, atirado aos maiores vultos da nossa historia militar e diplomatica, representados pelo duque de Caxias, por Saraiva, Osorio, Rio Branco, Tamandaré e Francisco Octaviano, pondo de lado esse qualificativo heretico, que patenteia, de modo lamentavel o desconhecimento da feitura moral de nossos maiores; pondo de lado outros epithetos e comparações grosseiras sobre individualidades representativas do Brasil, da Argentina e do Uruguay, vamos tratar aqui, ligeiramente, de tres pontos capitaes do referido artigo:

1.º — Assevera o autor, escudado em João Ribeiro e repetindo este, que o imperio levou ao Uruguay uma „agressão intempestiva, injusta e inesperada, quando ainda se ultimavam as negociações diplomaticas“.

2.º — Affirma que „Francisco Solano Lopes cumpriu o seu dever quando manifestou ao imperio a conveniencia de um entendimento com o Uruguay, por intermedio do Paraguay, por temer uma aggressão do Brasil, que alimentava positivos desejos de conquista“.

3.º — Nega a doentia sêde do dictador de se coroar chefe de uma nova monarchia americana“, e affirma com desplante revelador de seu nenhum conhecimento do que se tem exposto largamente sobre o assumpto, que não ha disso „um indicio, nem um documento veridico“.

A primeira accusação foi invallidada pela propria autoridade em que o autor se escuda.

João Ribeiro, ao apreciar o livro que publicamos em 1919, sobre as „Causas da Guerra com o Paraguay“, disse pelas columnas do „Imparcial“, de 23 de abril daquelle anno, depois de referencias que muito nos honra: „O autor consolida a bôa reputação de nossos estadistas e diplomatas. Saraiva não era, como diz Herrera, um homem sombrio e mau; porém, um espirito animado pelos interesses da paz. Essa reabilitação estende-se ainda aos nossos heróes; e como diz o escriptor, sem cuspir para o ar, devemos nos ufanar de seus grandes feitos.“

„E', pois, esse livro uma defesa inspirada no patriotismo e no exame dos factos, e della saimos galhardamente, justificados á luz da mais severa critica“.

O 2.º argumento basea-se no 1.º, que nenhum fundamento tem como acabamos de vêr. Quanto aos temores de conquista por parte do Brasil, é irrizorio. Pois o nosso paiz estava completamente desprevenido para isso: carecia de petrechos bellicos, não tinha reservas e o seu exercito permanente era inferior a 17.000 homens. Só em dezembro podemos realizar a promessa do „ultimatum“ de 4 de agosto, invadindo a Republica Oriental com uma simples divisão de 5.711 homens, contando elles a brigada ligeira do general Antonio Netto, que era uma brigada de paizanos.

O dr. Luiz Alberto de Herrera, figura de grande destaque na Republica Uruguaya, conceitua: „... A madura reflexão ensina, que o Brasil, depois de 1825, nunca intentou, pela violencia, a reconquista da Banda Oriental. „El Uruguay Internacional“, pag. 101.

Se o governo brasileiro pensasse em conquistas, e para isso houvesse tomado providencias, certamente o inditoso coronel Carneiro de Campos e seus companheiros de infortunios não teriam sido as primeiras victimas da deslealdade e crueza de Solano Lopes, porque o „Marquez de Olinda“ não sulcaria confiante, inerme e descuidoso, as aguas paraguayas.

Quanto ao 3.º ponto, limitar-nos-emos a expôr simplesmente as provas da existencia do desejo doentio de Solano Lopes e por elle longamente afagado, de se proclamar chefe coroado de um vasto imperio sul-americano.

Para isso concebera um ousado plano de campanha, hoje conhecido pelas revelações do dr. José Vasquez Sagastume, ministro uruguayo no Paraguay e um dos incitadores da guerra. Diz esse ministro, depois de descrever o plano de Lopez: „Tal era a confiança que tinha no exito dessa campanha, que havia marcado no mappa um logar nas proximidades de Porto Alegre, e uma vez, me explicando seu pensamento, disse-me, pondo o dedo sobre o ponto marcado no mappa: „Aqui, sr. ministro, faremos a paz“.

Seu sonho dourado era recuperar os antigos limites da provincia do Paraguay, incluindo as famosas Missões Orientaes. (Ernesto Quesada — „A politica Argentino-Paraguaya“, Pag. 19).

Queria chamar a attenção do mundo como um grande diplomata e guerreiro (Antonio Ziny — „Historia de los Gobernantes del Paraguay“, pag. 445).

Francisco Solano Lopes foi o substituto de seu pae, como presidente vitalicio e cheio de ambição, tratou logo de preparar-se para exercer a hegemonia politica e militar na America do Sul. (Julian O. Miranda — „Compendio de História Nacional“, pag. 182).

Seu projecto era augmentar o Paraguay a custa da Republica Argentina pela conquista de Corrientes e Entre-Rios, bem como da ilha de Martin Garcia, que domina a entrada do Paraná e Uruguay. Em seguida á victoria, contava como Napoleão I, fazer-se acclamar imperador. Encontrou-se na Alfandega de Buenos Aires, em 1865, o modelo de uma corôa imperial que lhe enviára Benitez, seu ministro em Paris. (B. Mose — „Don Pedro II“, pag. 129).

Tinha Solano Lopez, sem duvida, segundo se dizia, a idéa de se fazer coroar imperador do Rio da Prata. (Jorge Thompson — „Guerra do Paraguay“, pag. 70).

Lopez, o dictador paraguay, disciplinára e militarizára seu paiz. Como Rosas tambem alimentava sonhos de grandeza na America. Desejava prolongar o Paraguay até o Atlantico, apoderando-se da Navegação do Rio Paraguay e seus affluentes e apropriar-se de Matto Grosso e das Missões Corrientinas. Chegou, em seu delirio, a mandar fazer faustosos thronos regios para seu uso particular e official em Assumpção, e uma corôa de ferro semelhante á de Napoleão I, que logo, por um sarcasmo do destino, foi embargada pelo governo da Republica

Argentina. (Julio Mario Sosa — „Discurso no Parlamento Uruguayo“).

Ha quem supponha que Lopez, que nada respeitou em suas horas tristes, desejava a fundação de uma monarchia no Rio da Prata, havendo até preparado o throno e o mobiliario para o palacio que construia em Assumpção. O verdadeiro é que eram de apparencia regia os moveis, que em sua época foram sequestrados pelo governo argentino e em Buenos Aires vendidos em hasta publica.

E' lamentavel que não se conservasse aquelle throno, que lá, quando joven, vi em a casa de leilão, situada, se bem me recordo, á rua Potosi — hoje Alsina —, entre Boliva e Defensa. (Alberto Palomeque. — „Conferencias Historicas“, pag. 172).

Poderíamos, se quizessemos, prolongar muito mais as citações, provando o que affirmamos; não é necessario, porém, visto que o transcripto é sufficiente, não só pela quantidade, como pela qualidade“.

12 de abril

1836 — Uma força legalista ao mando de Juca Ourives tenta se apoderar de Porto Alegre, então em poder dos revolucionarios; vendo, porém, mallogrado o ataque e sabendo da approximação de Lima e Silva, bate em retirada.

1843 — No Rincão do Inferno, á margem do Camaquã do Sul, 60 republicanos rio-grandenses derrotam igual numero de imperiaes, commandados por Francisco Pedro de Abreu.

1858 — Installação da villa de Conceição do Arroio.

1864 — Promulgação da lei provincial n. 563, elevando á categoria de cidade a villa de S. Leopoldo.

1895 — Uma força federalista se apodera de surpresa da villa de Conceição de Arroio. O intendente municipal — capitão Estevam Brandão — não se atemorisa, reúne um pequeno numero de amigos e com elles se entrincheira no edificio da Intendencia para a defesa e ahi resiste, com grande energia, durante tres dias, incessantes ataques. Consequindo aquelle grupo em a noite de 15 illudir a vigilancia dos sitiantes se evade com destino a Santo Antonio da Patrulha, onde chega no dia seguinte.

1867 — Fallece em sua fazenda, no municipio de Livramento, o brigadeiro honorario do exercito David Canabarro.

Entre os nomes dos nossos maiores, que só nos é dado pronunciar emocionados, taes os feitos grandiosos e os actos de civismo que elles despertam em nosso espirito, figura o desse benemerito da patria.

Sua biographia, estudada á luz de seus feitos e traçada com a narração dos periodos de nossa historia, onde mais se accentuou a sua actuação, energica, firme, triumphadora, ainda está por ser escripta.

E o manancial precioso para isso, está ali accumulado, em riquissimos filões, nas galerias attrahentes do Archivo Publico do Estado, virgem, inexplorado.

Não é esta occasião propicia para demorarmos sobre a vida attribulada e gloriosa do illustre rio-grandense e por isso vamos dar apenas uma summula, uma ideia, de sua passagem pela nossa historia.

Ali, na então incipiente e modesta povoação de Taquary, no ultimo decennio do seculo XVIII, nasceu David Canabarro, de origem modesta e passou descuidado os primeiros annos de sua meninice.

Em 1810 se alista como simples soldado e faz a campanha de 1811 e depois a de 1816, da qual volta como cabó de esquadra — mesquinho premio, que era o fructo de um monopolio execrando do jugo portuguez e que foi o fermento de estrondosas e memoraveis explosões nacionalistas.

Na campanha que teve inicio em 1825, com a bella cruzada dos 33 orientaes, Canabarro pellejou com distincção em Queguay, no Rincão das Gallinhas, já no posto de alferes, em Sarandy, no Passo do Rosario. E se nesses tres ultimos recontros sorvemos o travo da derrota, por falta de bravos não foi — tivemo-los como sempre e entre elles já se alteava, em destaque, a figura impressionante do intrepido guerrilheiro, que principiava a se projectar indelevelmente nas paginas da historia.

Feita a paz em 1828, derivou para a vida privada, em procura de um peculio, que se esforçava ainda por conquistar, quando explodiu a revolução farroupilha — sentiu-se logo attrahido pelo clarão e inflammado pelo calor desse incendio gigantesco e nelle se lançou com toda a pujança de sua alma de luctador eleito. E participou da gloria daquelles centauros, que eram a incarnação do heroismo e que encheram o seculo com as suas façanhas sem par.

Em 1839, quando a Republica Riograndense chegava ao seu maximo esplendor, idearam seus chefes a conquista de um porto no Atlantico, para suas relações com o exterior e ao mesmo tempo extender os seus dominios ás demais provincias brasileiras — primeiras manifestações do grande ideal federativo, que havia de apparecer mais tarde positivamente no brilhante projecto da constituição, como um desmentido, formal aos apregoados desejos separatistas.

Em brilhante assembléa foi David Canabarro aclamado para aquella cruzada. Promptificou-se em seguida e partiu e venceu o deserto por caminhos accidentados e sobre rios caudalosos e despertou as feras no seio das florestas virgens e surgiu em Laguna, guiado pela vanguarda intemerata de Teixeira Nunes e venceu e proclamou a Republica Juliana.

O governo imperial assombrado pelo ruido de tão grande triumpho, conjurou, congregou todos os elementos que lhe ficavam ao alcance da mão e fez sobre o novel Estado cair todo o peso de uma forte e bem apparelhada expedição, que triumphou. Os ousados centauros obrigados foram a retroceder e o fizeram sob a pressão de todas as calamidades, mas não lhes faltaram forças para vencer todos os infortunios e puderam assim reentrar nas terras de seus dominios, o Rio Grande — sua amada Thessalia, d'onde jámais poude Hercules expulsa-los.

Esses mesmos legionarios, com o inquebrantavel chefe á frente, realizaram a grandiosa retirada atravez da Serra, partindo de Viamão em principios de 1840 — inscrevendo assim um dos grandes feitos da nossa historia militar e que põe em relevo a virilidade portentosa de uma geração de fortes. Essa travessia salvou a Republica de um golpe rude e fatal, valeu um conselho de guerra a um illustre general francez ao serviço do Brasil e desmoralisou os demais chefes imperiaes. Nessa conjunctura premente, o governo do Imperio recorreu ao ultimo elemento de que dispunha para conduzir suas hostes em triumpho — Caxias — que bem se póde chamar o *Duque do Brasil*, pois foi o numem protector de sua integridade, o mais alto de seus nobres, o maior de seus grandes generaes, e por ninguém ultrapassado, em seu tempo, em serviços a essa patria.

Sob a acção desse grande homem de guerra o exercito imperial se organisa, se instrue, adquire consciencia de seu poder, eleva sua moral e confiante no triumpho entra em operações.

Reconheceram logo os republicanos que tinham inimigo a combater e elegeram para o enfrentar — Canabarro — então o mais prestigioso dos seus generaes; mas, para desgraca da Republica, o Samsão riograndense teve nessa emergencia, como o juiz de Israel a sua Dalila, que se não o entregou inerte aos philisteus, roubou momentos preciosos de sua actividade e o fez diabolicamente esquecer, os prudentes conselhos de Napoleão, o Grande, de que „na marcha das operações a presença do general é indispensavel, visto que elle é a alma e a cabeça do exercito, e que na guerra, as massas nada são e o chefe é tudo“.

O general em chefe dos farroupilhas tinha a confirmação desses preceitos na propria campanha em que se achava, pois, vira a balança da luta inclinar sempre a concha da victoria para o lado em que fulgia a espada de Bento Manoel, guiando as hostes imperiaes ou as phalanges republicanas, e agora tinha deante de si um exemplo forte, palpitante, na acção extraordinaria de Caxias, conduzindo de triumpho em triumpho aquelle exercito que vivera de derrota em derrota.

Não baqueou, porém, o luctador farroupilha, caiu em desgraça mas não ruiu, teve forças para supportar de pé dois grandes vendavaes que o açoitaram de rijo e longamente — as rajas tyrannicas do amor e as lufadas estonteantes dos revezes na luta — e poudé assim conseguir uma paz honrosa, que é agua lustral dos peccados que commettera.

A negra lenda da traição na surpresa dos Porongos — labeu infame com que se pretendeu macular a reputação do velho taquariense foi destruida pela penna fulgurante de nosso confrade Alfredo Rodrigues, inspirada pelo consorcio das duas altas virtudes — a verdade e o patriotismo.

Quando foi da campanha de 51 Caxias dando um significativo testemunha de sua confiança e do alto apreço em que tinha as qualidades e o patriotismo de destemeroso luctador farroupilha, deu-lhe o commando de uma das divisões que então organisou e confiou-lhe mais ainda — o commando da vanguarda do exercito invasor. O valor dessa distincção mais augmenta, quando se investiga quaes os generaes ali presentes e se verifica entre outros, José Fernandes dos Santos Pereira com o grande prestigio de sua illustração e bravura; João Frederico Caldwell, com um passado brilhante; Bento Manoel Ribeiro, uma das mais perfectas organizações de soldado da época e o braço forte de Caxias na pacificação do Rio Grande e, finalmente, Manoel Marques de Souza — a bravura bizarra, a bravura materializada, um dos mais bellos expoentes da bravura gaucha.

Quando Solano Lopez, no delirio de seus sonhos de conquista, trouxe-nos uma guerra de destruição a ferro e fogo a semelhança da que praticaram as barbaras legiões de Carlos XII da Suecia ou como os sufetas punicos, segundo o conceito de um historiador paraguayano — testemunha do tempo e ainda vivo — Canabarro correu presuroso em defesa da patria, daquelle modo aggreddida. Reuniu os elementos que poudé; entrou em entendimento com Osorio, nomeado commandante em chefe do exercito, e assentou um plano de campanha, que nos deu a victoria incruenta de Uruguayana.

Mal comprehendido, talvez; invejado, quem sabe? ou ingratamente escolhido para bode expiatorio dos males da in-

vasão paraguaya, por aquelles que maior somma de responsabilidade tinham nisso e agora impressionados com o clamor da população saqueada, deshonrada e afflicta, lançavam, aterrorizados, sobre seus hombros, todas as faltas, todos os erros.

A defesa de Canabarro não póde e não deve ser feita com os mesmos fundamentos em que assenta a accusação, isto é: sem uma investigação conscienciosa e desapaixonada de seu passado, de suas relações de toda ordem com os outros chefes ali presentes, sem o apoio dos documentos, devidamente esmerilhados, cotejados, perscrutados, deduzidos; sem meditação accurada e profunda sobre a licção dos factos que se prendem ao acontecimento em apreço e dos que com elle tenham connexão. E' necessario, pois, tempo e espaço e por isso nos limitamos hoje tratar apenas de dous pontos que são a pedra angular da defesa, porque tem sido a tecla em que sempre batem os accusadores.

Havia plano de campanha combinado entre Osorio, Canabarro, Mitre e Flores?

Canabarro se recusou a atacar o exercito inimigo em frente Uruguayana?

Nenhuma duvida ha hoje sobre a existencia daquelle plano de campanha — é cousa sabida de todos os que se consagram ao conhecimento de nosso passado.

Para aquelles, porém, que só conhecem a invasão paraguaya pelos trabalhos historicos do general Bernardino Bormann, de respeitavel memoria, diga-se de passagem, e pela obra de Pereira da Costa ou atravez das impressões e dos vestigios que dessas obras se notam em outros historiadores, aquelle plano não existia e Canabarro é réo do feio crime.

E' interessante, pois, responder as duas interrogações acima.

Em officio datado de Dayman, em 19 de junho de 1865, Osorio accusando as communicações de Canabarro, sobre a invasão paraguaya, disse: „Fico sciencie da posição que occupava o coronel Fernandes á frente do inimigo e retirando os recursos, bem como achar-se V. Ex. sobre o Passo de Santa Maria em Japejú, attendendo aos movimentos que o inimigo possa fazer, V. Ex. é bastante habilitado para manobrar como as circumstancias aconselharem enquanto não póde ir deste paiz uma força que lhe ajude a derrotar o inimigo, cuja força espero que será commandada pelo sr. general Flores. E' o que posso daqui dizer á v. ex. por agora, de accordo com o general Mitre.“

Estabelecido definitivamente o plano de campanha entre Osorio, Mitre e Flores, este officiou a Canabarro, do Salto, em 26 de junho, dizendo-lhe: „... Dentro de quatro ou cinco dias marchou com uma divisão das tres armas com direcção a Uru-

guayana e espero que me avise seu paradeiro, para pormonos em combinação e operar de commun accordo, afim de batermos quanto antes o inimigo, com rapidez e energia. Marcharei pelo N. do Uruguay, de que vos previno para que haja entre nós a melhor combinação e accordo."

Canabarro respondeu quatro dias depois e após conjecturas sobre o destino que tomaria o inimigo e suppondo o de Uruguayana o mais provavel, disse: „Para Uruguayana pois seguirei e faremos junção, como e quando nos convier batermos o inimigo“. Nessa mesma data Osorio lhe officiava, nestes termos positivos sobre o accordo em apreço: „Recebendo as suas cartas e officios de 25 do mez corrente levei tudo ao conhecimento do General em Chefe dos Exercitos Aliados que resolveu que a força do seu commando não deve comprometter um ataque decisivo com o inimigo que lhe é superior em infantaria e artilharia, até que V. Ex. não tenha os maiores elementos de que possa dispôr, e para isso deve reconcentrar todas as suas forças em frente ao inimigo, devendo porém, hostilizar-o vigorosamente, para o que lhe dá vantagem a velocidade da cavallaria, arma em que V. Ex. está superior ao inimigo, e que talvez assim em um momento dado pode obter algum triumpho, como por exemplo nas circumstancias indicadas pelo coronel Fernandes. Assim manobrando V. Ex., ganharemos tempo para dispormos os elementos necessarios que se estão agglomerando, e que diversas circumstancias insuperaveis tem retardado."

Ainda a 30 de junho dizia Osorio ao general Caldwell commandante das armas no Rio Grande: „O general em chefe está na disposição de fazer marchar uma força Uruguay acima e indicou-me de dizer ao general Canabarro, o que hoje faço e a V. Ex., que não se deve comprometter choque decisivo até reunirem-se ahi os maiores elementos de que V. Ex. puder dispôr, reunindo todas as forças á frente do inimigo, para hostiliza-lo vigorosamente."

Em 5 de Julho dizia Osorio, de Juquery, á Almeida Rosa, nosso ministro plenipotenciario no Prata: „O general Canabarro insta por uma força de infantaria deste exercito que o ajude, porque tem falta dessa arma, porém, consultando eu ao General em Chefe a respeito, presinto que não quer se desprender das forças brasileiras, e, propõe que o general Flores com alguns batalhões faça esta expedição. Dando eu sciencia ao General em Chefe do quanto tem occorrido com as nossas forças em Missões, elle me indicou que o general Canabarro, reunindo todos os elementos de força de que pudesse dispôr, hostilizasse o inimigo sem arriscar um combate decisivo o que lhe communiquei."

Dois dias depois, ainda de Juquery, dizia Osorio a Canabarro: „Hontem á tarde chegou o sr. visconde de Tamandaré, e amanhã ou depois partirá com a esquadilha a Uruguayana, com tropa de desembarque.“ E, como a lembrar a necessidade de ser observado o plano de operações combinado, terminou o officio, em que fazia aquella communicação com esta advertencia muito significativa: „Este exercito prepara-se para marchar breve. No meu ultimo officio lhe dei a opinião do General em Chefe que é hostilizar V. Ex. o inimigo quanto possa mas sem arriscar um combate decisivo, que possa prejudicar uma força tão importante como a que V. Ex. commanda.“

O proprio ministro da guerra havia approvado e reforçado o plano em apreço, como se vê deste trecho do officio que lhe dirigiu, em 5 de agosto de 65, o general Caldwell: „Foi assim, que, de braços cruzados, vi impassivel a Uruguayana em poder do inimigo. Ha dous dias passados li a carta de V. Ex., dirigida ao já citado brigadeiro, na qual recommendava que não arriscasse uma batalha sem todas as probabilidades de triumpho. A linguagem desta carta actuou tanto no meu espirito, que ainda me acho á frente desta força em completa expectativa.“

Esse ministro, entretanto, talvez capciosamente, como observa um historiador, em portaria de 24 de setembro ordenou a Osorio que „informasse com urgencia se houve algum plano combinado entre Osorio, Mitre e Flores que desse em resultado a impassibilidade das forças de Canabarro na margem esquerda do Uruguay, quando as do inimigo, sem o menor embaraço na sua marcha assoladora, encontrando livres todos os passos dos rios que atravessaram, entraram em Uruguayana sem encontrar a menor resistencia.“

Respondendo a V. Ex.: disse Osorio, com aquella franqueza e concisão, que tanto o caracterizavam, „que houve plano combinado, tanto que, em 17 de agosto foi batido o inimigo em Yatahy pelo exercito alliado da vanguarda, ao qual, e para o effeito se veio unir a Divisão Paunero que estava no rio Corrientes; e V. Ex. ao chegar em setembro na Urugueyana encontrou o inimigo sitiado pelo mesmo exercito da vanguarda, unido ás forças do general Canabarro.“

Ao participar da incruenta victoria de 18 de setembro, disse Canabarro ao general Osorio, depois de descrever as scenas imponentes dos generaes á frente do exercito que se perfilava garboso deante das trincheiras silenciosas de Uruguayana: „Sete mil e quinhentos paraguayos, tal foi o numero dado por Estigarribia, o que se entregou, sem custar um cartucho e nem uma gotta de sangue. Assim, extinguiu-se a

divisão que audaz invadiu a Província do Rio Grande. Nenhum só voltou dos que entraram em Uruguayana; nenhum dos que passaram o Yatahy; tanto não contava eu; eram cerca de 12 mil os que vinham descendo as margens do Uruguay. São cerca de 12 mil os que ficaram. Mais não podia colher o desenvolvimento do plano combinado por V. Ex. Mitre, general Flores. Se tive parte nelle V. Ex. o sabe. Persuado-me haver concluido o melhor possível a missão de que me incumbi levantando em armas as populações das fronteiras. Não podia ser melhor a abertura da campanha contra o Paraguay. Edifiquei, preparei a casa do baile, deram-me um canto na cozinha para que ao menos ouvisse o estampido dos fogos festivos. Outra melhor não desempenho; estou satisfeito, e estão apparecendo na scena tantas figuras novas, que me obrigam a retirar." E num largo desabafo mordaz, assim terminou: „O progresso invadiu o scenario. Retiremo-nos com a parte que acabamos de desempenhar."

Em sua longa e brilhante resposta aos quesitos que formulára o commandante das Armas, por ordem do Ministro da Guerra, disse Canabarro, depois de alludir ao promettido soccorro do general Flores: „Continuei a enviar participações do movimento áquelles generaes (Flores, Osorio e Mitre), que jámais me deixaram perder a esperança de bater o inimigo, recommendando-me especialmente o não arriscar o combate. Certeza da vinda do general Flores eu a tinha, a questão era de tempo; cumpria esperar, não arriscar e conduzir a victoria ao sacrificio no altar da patria. A primeira Divisão que só conta um baleado pela artilharia no trajecto de Santa Maria, executou a parte que tinha no plano dos chefes alliados, isto é — conduzir o inimigo a ser batido, não arriscando".

E depois de conceituosas e opportunas considerações technicas sobre a acção da infantaria e da cavallaria, disse: „V. Ex., habil militar, nunca quiz assumir a responsabilidade das operações perigosas, consultava aos commandantes das brigadas e acceitava seus pareceres."

„... Chega o 5 de agosto e apresenta-se a 1.^a Divisão prompta para entrar em combate, se recebesse ordem de V. Ex.^a Mas V. Ex.^a chamou a conselho os commandantes da 1.^a e 2.^a Divisão e das brigadas. O conselho manifestou seu voto, foi elle — Não atacar o inimigo. Unicos divergentes foram os Srs. barão de Jacuhy e o coronel João Manoel Menna Barreto.

V. Ex. mostrando-se despeitado com o voto do conselho que convocára, eu declarei a V. Ex.^a que desse ordem escripta para atacar; que eu a saberia cumprir, tudo havia prevenido.

Os commandantes de brigadas não obstante seu voto haviam declarado alto e bom som que eram soldados, que não receavam o combate, conquanto vissem nelle a fatalidade de nossas armas.

Deu V. Ex.^a a ordem pedida? Não. Porque não a deu? V. Ex.^a vacillou, temeu o naufragio do baixel de tantas vidas nos escolhos das baionetas inimigas.“

Na ultima parte da transcripção que acabamos de fazer, está a resposta ao segundo ponto que nos propuzemos elucidar, com a exposição da verdade sem reholhos e com ella proclamada a defesa de Canabarro e assim podemos vel-o, com orgulho, no lugar de destaque que conquistou entre os benemeritos de nossa patria, pelo seu heroismo que nunca se abateu, que aos 72 annos de idade conservava o mesmo vigor, a mesma vibração, o mesmo poder, com que brotára em sua radiante juventude; pelo seu desprendimento, que foi um dos maiores factores e um dos mais bellos gestos da paz honrosa de 1845; pelo seu civismo, recusando o auxilio extranho para continuar na lucta contra o Imperio, civismo que soube com energia edificante e memoravel subjugar os estos inflammados pelo partidarioismo como demonstrou bastas vezes, proclamando a patria acima de tudo.

26 de julho

1879 — Fallece, no Rio de Janeiro, o visconde de Rio Grande — dr. José de Araujo Ribeiro. Nascera esse illustre varão na Barra do Ribeiro, districto desta capital, aos 20 de julho de 1800. Ali passou os primeiros annos de sua meninice. Conduzido depois para esta capital, estudou aqui as primeiras letras. Completou seus estudos em Portugal e doutorou-se na universidade de Coimbra, em 1823. Tres annos depois iniciava sua carreira diplomatica, como secretario de nossa legação em Napoles. Em janeiro de 1828 foi transferido, nesse mesmo posto para a legação da França. Suas aptidões valeram-lhe, em dezembro desse mesmo anno, sua promoção a encarregado de negocios nos Estados Unidos da America do Norte. Em dezembro de 1833 era enviado extraordinario do Brasil na Inglaterra e nessa qualidade foi escolhido, em agosto de 1835, para ir a Portugal, afim de cumprimentar a rainha d. Maria II, pela sua restituição ao throno.

Era uma missão delicadissima, que requeria habilidade, moderação e muito tino, e, como todas essas qualidades possuia em alto gráo o enviado brasileiro, saiu-se galhardamente de tão ardua incumbencia.

Naquella época, relembra um seu illustre biographo — o dr. Graciano Azambuja — „começára recentemente em Portugal o governo de D. Maria II e as relações com o Brasil eram bastante melindrosas, porque não haviam desaparecido ainda os resentimentos que succederam á abdicação de D. Pedro I em 1831, e que aliás já existiam antes, desde a independencia do Brasil.“

A questão do Oyapoc, em 1837, exigia em França um representante brasileiro energico e de alto tino diplomatico, o governo recorreu então ao dr. José de Araujo Ribeiro, nomeando-o, em dezembro do referido anno, enviado extraordinario junto ao governo francez. Em 1843 surgiram complicações com a Inglaterra e para lá foi mandado Araujo Ribeiro, em missão especial. Retornou á França em 1848, para reassumir a chefia de nossa legação em Paris.

Em 1849 regressou á patria natal e 5 annos depois era aposentado como ministro plenipotenciario.

Eis em rapidos traços um simples indice dos capitulos de uma vida fecunda, agitada e consagrada, com intelligencia e coração, ao serviço do Brasil no exterior. Não sómente nos serviços pessoaes de Araujo Ribeiro, se encontram edificantes exemplos de seu amor patriotico. Quando foi da guerra com o Paraguay, contribuiu, para as urgencias do Estado durante a lucta, com seus vencimentos de senador, em quantia superior a cincoenta contos de réis.

Depois de sua aposentadoria consagrou-se inteiramente ao estudo das sciencias physicas e naturaes, que foram sempre objecto de sua predilecção, e como fructo de seus estudos deu-nos essa monumental obra — „O fim da creação ou a Natureza interpretada pelo senso commum“ — que o colloca na galeria dos sabios.

Sobre essa obra que o dr. J. C. Branner disse antes de a ler, que pensava lhe interessaria somente a titulo de curiosidade, mais do que como objecto scientifico, assim referiu o illustre sabio, a quem o Brasil tanto deve, depois de sua leitura: „Li esta obra com grande interesse e com um pasmo não pequeno e com prazer passo a dar-lhe minha opinião sincera a respeito della, considerada sob o ponto de vista geologico.

O objecto do livro parece ter sido exposto na pagina 4, onde o autor diz que procurará mostrar — que a terra é dotada de uma vida propria e se nutre como os individuos organizados, e que deve como estes individuos crescer de volume, colhendo, nas regiões do espaço por intermedio de sua atmospherá, a materia necessaria á sua nutrição e crescimento.

Esta proposição entende-se melhor quando é combinada com a explicação do trabalho dos agentes geologicos. Sua

conclusão (pag. 656) é — que as argillas procedem quasi todas da vegetação, assim como esta provém, creio que totalmente do ar atmospherico — e que a maior parte da crosta terrestre deve ter a mesma procedencia, visto que as rochas que a constituem, quando não são obra de mariscos, parecem ter-se formado de argillas proximas ou remotamente.

O autor explica as accumulações do gelo durante o periodo glacial pela theoria de um influxo de vapor aquoso vindo do espaço.

Esta theoria francamente exposta, especialmente aquella parte que vem nas primeiras paginas, impediu provavelmente o livro de atrahir a attenção a que tinha direito por muitos motivos. Mas elle é, não ha duvida, a obra de um homem pensador e illustrado. O autor não só leu extensivamente como tambem escolheu os melhores escriptores sobre geologia, physica, chimica e astronomia, e estudou suas obras tão bem como as leu. Parece ter estudado minuciosamente todos os livros e publicações feitas sobre a geologia no Brasil e as citações que elle faz são todas bem escolhidas.

Elle incorporou á sua obra as mais importantes conclusões da sciencia a respeito da origem da terra e do homem.

Uma feição interessante do livro é que o methodo de raciocinio do autor é estritamente scientifico: elle explica a natureza pelos processos que julga naturaes. E o facto de ter commettido um erro de observação não deve ser criticado com demasiada severidade, por que era homem e todos os homens de sciencia estão sujeitos a commetter erros semelhantes. Se Cuvier tivesse estacado em sua primeira tentativa sobre a classificação das especies, sómente os seus erros teriam chegado ao conhecimento da posteridade, porque os seus primeiros esforços continham mais erros do que verdades. Perseverando, porém, em seus trabalhos, eliminou seus erros, um após outro até tomar uma posição na frente do mundo dos naturalistas.

Se o autor do livro que nos occupa tivesse vivido ainda para estudar os processos do crescimento das plantas e sua decomposição, elle teria, sem duvida, eliminado os erros:

I) que todas as plantas tirão do ar a sua nutrição (isto é erro apenas em parte).

II) que as argillas derivam das plantas.

Uma vez removidos estes dois erros, o conceito que posso formar do autor deste livro notavel é que — elle occupa um lugar eminente entre os primeiros sabios do mundo.“

Teve tambem Araujo Ribeiro papel saliente na politica interna do paiz. Representou o Rio Grande do Sul na Assem-

bléa Legislativa em 1833, quando, antes de seguir para Londres, foi nomeado presidente da provincia de Minas Geraes, estava ella em condições anormaes pois rebentára ali uma revolta que dominára Ouro Preto durante cerca de dois mezes. Havia em Minas odios e paixões exacerbadas e era preciso enviar-se para lá um homem superior a interesses partidarios e a intrigas politicas afim de conter perseguições por parte dos vencedores e amenizar soffrimentos da parte dos vencidos. Em 4 mezes José de Araujo conseguiu arrefecimento das animosidades e acabou com os elementos de discordia, deixando a provincia tranquilla.“

Em agosto de 1848 foi escolhido senador e tomou assento em novembro de 1849.

A revolução de 20 de setembro de 1835, repercutiu na Côrte como o prenuncio de um cataclisma.

Sabendo o regente que os revolucionarios se conformariam com a nomeação de um presidente que lhes inspriasse confiança e que fosse uma garantia da liberdade que elles diziam cerceada, recorreu, nessa emergencia, ao dr. José de Araujo Ribeiro, que alliaa, aos predicados de filho extremoso e extremecido do Rio Grande, as qualidades de um nobre character ao serviço de um espirito justiceiro e moderado. Aceitou o illustre riograndense a espinhosa incumbencia e partiu em seguida para aqui, sem apparatus bellicos, armado apenas do nobilissimo desejo de conciliar os animos e restabelecer a paz entre os seus comprovincianos. Animado por esse pensamento, publicou e disseminou a seguinte proclamação, logo de chegada ao primeiro porto da terra natal:

„Riograndenses! Minha presença nesta provincia e neste cargo, deve ter para vós e para mim só uma significação: é que o governo imperial ouviu as vossas queixas e destruiu a autoridade contra a qual vos insurgistes, substituindo-a porque está disposto a fazer justiça a todos, sem distincção de cores politicas.

Por isso, riograndenses, deponhamos as armas e esqueçamos o passado, para só cuidar do futuro e da grandeza deste torrão abençoado, onde tivemos a felicidade de nascer.“

Não foi infelizmente ouvido esse appello sincero e as garantias de sua posse, falharam escandalosamente e o illustre riograndense não teve a sonhada ventura de realizar em sua provincia natal, o que conseguira em Minas.

A existencia dos proselitos de tres partidos aqui tramára uma teia complicadissima: os republicanos de mãos dadas com os monarchistas desgostosos e mesclados entre ambos alguns separatistas fogosos, mas sem prestigio e de intenções veladas, haviam feito a revolução contra o governo provincial, que era

defendido por monarchistas acerrimos, superexcitados pelo impetuoso Pedro Chaves.

A deficiente divulgação dos feitos e dos documentos que se relacionam com a revolução farroupilha, tem sido a causa de muitos lhe emprestarem um character antipatriotico — qual o de separatismo.

Ronald de Carvalho, a despeito de sua grande illustração e de seus conhecimentos sobre a vida de nossa nacionalidade, claudicou de modo altamente lamentavel e profundamente injusto, ao traçar as *Bases da Nacionalidade Brasileira*, em synthetico estudo inserto em o numero inicial da revista *Terra de Sol*.

Diz ahi o illustre articulista que „no Rio Grande do Sul, entre os desmandos da soldadesca, o ambicioso e infame caudilhismo de alguns chefes bravissimos arrasta a provincia a uma revolta indigna e repugnante, tentando cindi-la violentamente do Imperio“ e que „a proclamação da ephemera mas sangrenta Republica de Piratinim, acordou, de subito, o sentimento patriotico da nação inteira, e, por toda a parte, dando mãos fortes aos varões da Regencia, o povo se levanta e se alista nas fileiras do exercito pacificador, conduzido genialmente por aquelle que, mais tarde, seria Duque de Caxias“.

A primeira parte da transcripção feita encerra um juizo acrimonioso e injusto e a segunda pecca, por affirmativas contestaveis e pela desconnexão. Não houve o dispartar subito do sentimento patriotico, para dar mãos fortes aos varões da Regencia — é o proprio governo quem o affirma: Limpo de Abreu, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio, em officio dirigido a Araujo Ribeiro, em 4 de dezembro de 1835, declara que o governo não dispunha de elementos para vencer os sediciosos pelas armas e que „nessas circumstancias pareceu ao governo que o meio mais politico de dar força a V. Ex.^a, era prometter uma amnistia a todos os compromettidos e V. Ex.^a a encontrará na proclamação sob numero 2.“

E o maior dos varões da Regencia — o padre Feijó — em carta de 10 de dezembro do mesmo anno, ao marquez de Barbacena, então na Europa, em missão diplomatica, disse depois de descrever a situação geral do paiz: „O que mais me assusta é o Rio Grande. Mandeí para presidente o mesmo José de Araujo Ribeiro. Vae me parecendo inevitavel a separação da provincia, posto que com o tempo ella tornaria a voltar se o respeitavel publico consentisse nas medidas que se proporiam á assembléa geral e que ella sem duvida regeitará.“

Ora, o governo tem absorvido todos os recursos para o Pará, e v. ex. sabe muito bem que sem grande apoio interno, mui difficil seria a todo o Brasil conquistar o Rio Grande, e que toda a tentativa temeraria, só teria por fim firmar a rebelião, desacreditar o governo e acabar, com os restos dos recursos que ainda se podem procurar."

Não consideramos o autor dos conceitos que estamos rebatendo em o numero avassalante dos historiadores superficiaes — verdadeiros cabotinos nas letras e nos conhecimentos historicos — e por isso nos surprehendeu tamanho dislate, que compromette seriamente a probidade literaria de tão festejado polygrapho.

Ha pouco, um dos nossos acatados escriptores e em cuja intenção não ha nem vislumbre de desagrado, affirmou pelas columnas de honra do jornal „A Federação“, que não podendo o gauchista por falta de contacto com seus irmãos brasileiros „afervorar o seu sentimento nacionalista, fortaleceu o sentimento de um ardente regionalismo que explodiu impetuoso na sangrenta revolução separatista de 1835“ e que „a Republica completou, com a federação, a conquista do Rio Grande, que podendo dispor livremente de seus destinos, dentro da communhão nacional, comprehende que só pôde aurir beneficios mantendo a sua perpetua fusão com a nacionalidade gloriosa a que pertence."

E' isso uma velha, secular e victoriosa convicção no meio riograndense. Germinou no alvorecer de sua formação politica; floresceu de 1832 a 1845 e depois, cultivada pelos illuminados defensores dessa idéa, pela tribuna, pelo livro e pelo jornal, fructificou em 1889.

Em o magistral artigo de apresentação da „A Federação“, em 1.º de janeiro de 1884, disse Venancio Ayres que o que elle vinha prégear não era novidade, que vinha fazer uma affirmação no presente de uma aspiração no passado; que era a revolução de 1835 que renascia com a mesma bandeira e a mesma fé e terminou concitando a salvação da unidade nacional pela confederação.

Não sabemos de outro jornal no Brasil que como este tenha sido durante quasi meio seculo, tão fiel e tão rigido ao seu programma politico.

Em pontos controvertidos a affirmação nada vale se não fôr demonstrada cabalmente. Nos assumptos historicos a demonstração se basea nos factos e nos documentos. .

Vamos num relance comprovar o que affirmamos.

Não negaremos que existiu entre alguns riograndenses idéas de separação da provincia e que Bento Gonçalves tambem teve suas velleidades separatistas; mas a parte mais repre-

sentativa, os homens de maior cultura eram republicanos adeptos da federação ou monarchistas intransigentes.

O chefe, a cabeça pensante do partido republicano foi o dr. Marciano Ribeiro, homem de idéas adeantadas e que vivera alguns annos na Inglaterra, onde se formára em medicina.

A esse paredro dos democratas gauchos se dirigiu Bento Gonçalves, em fins de 1832, recommendando Lavalleja. A resposta de Marciano Ribeiro não põe em evidencia sómente o seu bom senso, traduz tambem o seu grande e fervoroso brasileiroismo. Ei-la:

„Ill.^{mo} Sr. Coronel Bento Gonçalves da Silva — Porto Alegre 29 de dezembro de 1832 — Meu estimado coronel: — Tenho que responder a sua distincta, de que foi portador o general oriental emigrado, João Antonio Lavalleja, em a qual V. S. me diz ouça o dito general sobre propostas politicas que vinha fazer aos homens do partido republicano, nesta. Creio não avanço juizo exagerado, dizendo que o plano de Lavalleja é absurdo.

Não devemos tomar do sr. general os elementos subalternos de que pôde dispôr, porém, não dar-lhe ingerencia em nossos assumptos, desde que conhecemos sua *arrière pensée*, e muito menos propender a restabelece-lo no poder, idéa que persegue em seu paiz, cujo estado politico *devemos deixar dormir*. Quanto a seu plano, basta só meditar que conseguida a desmembração do Rio Grande, o prejuizo seria para esta provincia parte integrante do pretenso quadrilatero das de Corrientes, Entre-Rios e Provincia Oriental. Segregada politicamente a provincia do Rio Grande do resto do imperio, virá a ficar submettida, por compromissos de alliança e outros inconvenientes a inimigos (pois sempre o foram) que tirariam o melhor partido desta desmembração. O movimento riograndense não deverá nunca perder o seu character eminentemente nacional; deve apoiar-se em elementos, e em politica excen-cialmente brasileiros.

Convem, pois entreter a Lavalleja e *até prometter-lhe cooperação*, guardando a melhor harmonia politica com o general Rivera, com o qual, ainda que defeccionasse de nossas bandeiras, ha sempre mais razão de esperar um accôrdo, interessando-lhe hoje, como lhe interessa, tambem, o *guardar a casa*“.

Bento Gonçalves espirito profundamente impressionavel e apesar de cavalheiroso e valente era indeciso e de facil suggestão, se impressionou com estes dizeres e dias depois escrevendo a Antonio Netto dizia, menos entusiasmado por Lavalleja e mais cauteloso: „Lavalleja foi a Porto Alegre negociar

um projecto de quatro Estados em um, com independencia que elle crê possivel; ponha sentido na carta que lhe remetto de nosso amigo o dr. Marciano Pereira Ribeiro que disso falla“.

Depois de 20 de setembro de 1835 são copiosos e de alto valor os documentos provando o ideal federativo, que o movimento não era separatista e que a integridade do Brasil foi preocupação constante dos farroupilhas. Vamos documentar isso anno a anno:

1835 — Bento Gonçalves em seu longo manifesto publicado 5 dias após a fuga de Fernandes Braga, affirma: „Não tivemos outro objecto, não nos propuzemos a outro fim, que restaurar o imperio da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando o throno de nosso joven monarcha e a integridade do Imperio.

Marciano Ribeiro em officio dirigido ao ministro do imperio em 16 de setembro, affirmou: „Não ha aqui Ex.^{mos} Srs. como têm dito para essa Côrte os intrigantes, a alguns brasileiros maus ou illudidos, um partido contrario á união brasileira, e que pretenda separar a provincia do Imperio para cede-la ao Estado visinho.

Não existe tambem aqui esse partido anarchico e desorganizador, que com tão feias côres tem sido pintado ao governo de S. M.

Não tenho ainda participação alguma official das fronteiras; mas, segundo collijo, o movimento é geral, e só tem por fim a deposição das duas primeiras autoridades da provincia, presidente e commandante das armas, contra quem se tem altamente pronunciado o espirito publico; e outro sim lavar as negras nodoas, com que tem tentado macular aos riograndenses essas duas autoridades, mostrando-se ao Brasil, que jamais houve aqui plano algum para separar a provincia do Imperio.

1836 — Em longa carta de 17 de janeiro dizia Bento Gonçalves a um seu compadre e amigo: „Os patriotas de 20 de setembro, como eu, detestão a Republica e separação. Querem o presidente nomeado mas não podem ver seus mais encarniçados inimigos á frente de mercenarios dar-lhes a Lei! Estes pois são os motivos por que me puz novamente em campo, e se elles não desistem de seus infernaes projectos, eu protesto á face dos céos e dos homens acabar antes nas ruinas da minha patria do que ve-la escravizada. Eu conto com V. S. assim como todos os patriotas que empunharão as armas no dia 20 e conto tambem que se não deixarão illudir seja por quem for, que pretenda aparta-los da carreira encetada naquelle dia e dos principios de minhas Proclamações,

no que estou e estarei sempre firme. Nada de Republica, nada de separação da Provincia."

Na acta da sessão extraordinária da Camara de Piratiny de 5 de novembro está escripto que o presidente da mesma a convocára para „propor a necessidade de proclamar-se a independencia politica, não só por ser esta a vontade geral da maioria da Provincia, mas ainda por que é esse o recurso que resta depois das perseguições e hostilidades que nos tem feito o governo do Brasil; e mesmo a exemplo da Camara de Jaguarão, deve esta declarar a provincia desligada da obediencia que devia ao governo do Brasil, e elevar-se á cathegoria de Estado livre, constitucional e independente com a denominação de — Estado Riograndense — podendo ligar-se por laços de federação aquellas provincias do Brasil, que adoptarem o mesmo systema de governo e quizerem se federar a este Estado."

1837 — Bento Gonçalves respondendo as felicitações dos officiaes inferiores e guardas nacionaes da 1.^a brigada, disse: „O throno do Brasil se acha por toda a parte convulso, e prestes se antolha sua quéda e nosso triumpho, ficando-nos a gloria immortal de haver orientado as demais provincias na senda de sua felicidade."

1838 — Em seu longo manifesto de 29 de agosto depois de enumerar as causas que motivaram a revolução e posteriormente a independencia e a republica disse Bento Gonçalves: „Perdidas as esperanças de concluir com o governo de S. M. I. uma conciliação fundada nos principios da justiça universal, os riograndenses, reunidos ás suas municipalidades, solennemente proclamaram e juraram a sua independencia politica, debaixo dos auspícios do systema republicano, dispostos todavia a federarem-se quando isso se accorde, ás provincias irmãs, que venham a adoptar o mesmo systema."

1839 — De todos os acontecimentos occorridos neste anno a expedição a Laguna, é sem duvida uma das mais positivas provas da perseverança dos republicanos riograndenses em seu ideal de federação.

1840 — Em carta dirigida ao brigadeiro Gaspar Menna Barreto, em 16 de maio, disse Bento Gonçalves: „Ah! nem eu, nem os riograndenses desejamos desligar-nos absolutamente do Brasil. Tempo virá talvez, em que por factos possa vencer-vos desta verdade."

1841 — Domingos de Almeida em carta dirigida ao tenente-coronel Manoel Ribeiro de Moraes, affirma que o chefe do Estado „se empenha de coração na manutenção dos principios republicanos, que se ufana de professar, e que se empenha por estabellecer em todo o Brasil, para homogeneidade com o systema continental."

1842 — Bento Gonçalves, ao convocar a Assembléa Constituinte, em 13 de julho, assim terminou sua proclamação: „Correi a porfia contra os oppressores de nosso paiz. O Brasil em massa se levanta como um só homem para sacudir o ferreo jugo do segundo Pedro. E' este o momento de mostrares ao mundo, que sois Riograndenses.

Si assim fordes, vereis em breve tremular o estandarte tricolor em todos os pontos da republica; os riograndenses illudidos virão aos vossos braços, não só salvareis a patria, como sereis os libertadores dos Brasil inteiro. Viva a Liberdade! Vivão os Riograndenses! Vivão os nossos irmãos Paulistas! Viva a futura Assembléa do Rio Grande.

E na falla dirigida á Assembléa por occasião de sua sessão inaugural, em 1.º de dezembro, depois de affirmar que o governo imperial se debilitava, disse: „... se aproxima o dia, em que, banida a realza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir por estreitos laços federaes á magnanima nação brasileira, a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses.“

1843 — A Assembléa Constituinte, respondendo á falla do presidente da Republica, em 17 de janeiro, depois de dizer que confiava na intrepidez e constancia do exercito riograndense, para assegurar o triumpho dos principios por que se batiam, acrescentou: „... quiçá, raie então um dia de gloria, em que possa verificar-se a lisongeira idéa de nossa união á grande familia brasileira, pelos laços da mais estreita federação.“

1844 — Manoel Lucas de Oliveira, ministro da guerra da Republica Riograndense, em longa carta dirigida em forma de circular a diversos paulistas, em março, assim se manifesta: „... ouvi hoje e attentae, bem no que vos diz um vosso irmão riograndense, que em nome de seus consocios competentemente autorizado, ousa convidar a esse brioso povo paulistano a formar um Estado federal.“

E dois mezes depois escrevendo a *Exposição fiel das operações e successos mais notaveis de dezembro de 1842 a 3 de maio de 1844*, ahi registrou: „A federação é hoje o unico remedio capaz de sanar a chaga, que a imprudencia, o capricho e o orgulho do governo brasileiro tem aberto na provincia do Rio Grande.

Sim, legisladores brasileiros, se ella não apparece em seu soccorro, a provincia do Rio Grande do Sul vae sempre perder-se para o Brasil!

Nas vossas mãos está pois, salva-la e com ella o Brasil todo.“

Ainda em 1843, Ulhoa Cintra, em brilhante artigo doutrinario, inserto nas columnas da *Estrella do Sul* de Alegrete,

escrevia: „Obrigados pela força, nossos irmãos ainda existem no serviço imperial; mas, logo que se offereça oportunidade, abandonarão essas odiosas phalanges para receber de nós o braço fraternal. Nós assim o esperamos; por que está no interesse de todos os brasileiros defender a nossa causa; elles não ignoram que os destinos da patria se acham essencialmente ligados á sorte das nossas armas; e que o triumpho dos rio-grandenses importa o triumpho da liberdade do Brasil.“

E' de todos conhecido o gesto nobre e edificante de Canabarro, repellindo um auxilio de Rosas, para continuar na lucta contra o Imperio. A proclamação desse intrepido lidador annunciando a paz, é um brado immenso de brasileirismo.

O que deixamos registrado é apenas uma pequena parte da documentação que possuímos, provando que o Rio Grande do Sul jámais foi separatista e que quando militou em pról do ideal republicano, o fez visando sempre a federação com as demais provincias brasileiras.

Diz-se que o Rio Grande do Sul é um prolongamento dos paizes platinos, mas se cála, maliciosamente ou por ignorancia, que o *facies* da natureza argentina, não chega a transpor as margens do Ibicuhý e não passa as serras do Herval e dos Tapes, que são os limites das linhas dos louros e dos cedros, segundo a divisão de von Ihering, e que o resto de nosso territorio, que é quasi todo elle, pertence ao Brasil, geologicamente e pela fauna e pela flora, e que o homem, o homem sem excepção, está ligado ao paiz inteiro, pelos vinculos mais poderosos e indestructiveis de uma vera fraternidade — o sangue e a lingua.

E' inegualavel a influencia platina na vida deste Estado, especialmente sob o ponto de vista economico e social. Mas é forçoso reconhecer que a nossa visinhança com os paizes platinos e que nos mantem com elles em contacto secular, foi o crysol em que se aprimoraram, até o extremo, os nossos sentimentos nacionalistas.

O Rio Grande do Sul, pela sua posição geographica, tem sido a sentinella indormessivel do Brasil e o grande paladino da defesa de sua integridade. E quem assim alerta tem vivido e viverá, mais do que outro qualquer existe para a grande patria commum.

Tanto mais caro nos é o objecto de nossa admiração, de nosso amor, de nosso culto, quanto maior é o sacrificio que por elle temos feito. O sacrificio do Rio Grande do Sul em pról dos brios e da integridade do Brasil, em todos os tempos e nas crizes mais agudas de sua vida politica representa um dos maiores exemplos de holocausto á Patria e o mais invejavel, mais puro e mais, alto penhor de sua brasilidade.

2 de dezembro

1845 — Por decreto, desta data, lavrado em Porto Alegre, d. Pedro II, funda na capital riograndense o Asylo de Santa Thereza, destinado á educação de meninas orphãs e pobres.

O terreno para esse pio estabelecimento foi arrematado em praça pela quantia de 11:001\$000, paga pelo imperador.

As obras desse asylo tiveram inicio em 1846 e só dez annos depois foi concluida a primeira parte. A segunda até hoje ainda não foi atacada, existem sómente os alicerces.

Esse asylo foi em 1864 confiado a administração do virtuoso padre Joaquim Cacique de Barros de santa e saudosissima memoria e que a esse estabelecimento se consagrou como um verdadeiro apostolo da caridade.

Em 12 de junho de 1865, deram entrada no asylo as primeiras orphãs nelle internadas, em numero de 24.

1852 — Toma posse da presidencia do Rio Grande do Sul o dr. João Luiz Vieira Cansansão de Sinimbú, depois visconde de Sinimbú, que fôra nomeado para aquelle cargo por carta imperial de 17 de fevereiro.

1873 — E' inaugurada a linha telegraphica de S. Lourenço á Cangussú, em uma extensão de 145 kilometros.

1879 — Lançamento da pedra fundamental do edificio do Hospicio de S. Pedro, em Porto Alegre, no arrabalde denominado Parthenon. A primeira parte desse edificio foi inaugurada com 41 doentes em 29 de junho de 1884. O hospicio é custeado pelo Estado e pelos municipios.

1894 — Recontro no Passo do Centurião, pouco acima da embocadura do Butiá no Jaguarão, entre federalistas commandados por Estacio Azambuja e forças do governo sob as ordens do coronel Zeferino Lopes de Moura.

1825 — As ephemerides recém recordadas, são regionaes, por se relacionarem especialmente com a vida do Rio Grande do Sul. A que em seguida vou memorar, nos pertence tambem, porque interessa o paiz inteiro, tem character geral, é um facto historico que se não restringe á vida de nenhum dos Estados da União — é um acontecimento nacional. Acontecimento que foi recebido precisamente ha um seculo, pelo Brasil monarchico, entre jubilos e festas, como quem sauda um sol nascente e que hoje o Brasil republicano, recorda, commovido, com os olhos da admiração voltados para o passado em bello e justo preito de justiça, com a expontaneidade e o orgulho, com que se homenageia a memoria dos que se elevaram ao solio dos grandes da patria. Refiro-me ao nascimento de d. Pedro, o segundo e ultimo imperador do Brasil, principe de alta linhagem e homem de virtudes excepcionaes. Era o pri-

mogenito varão sobrevivente das primeiras nupcias de d. Pedro I do Brasil e IV de Portugal, com d. Maria Leopoldina, archiduquesa de Austria, irmã da imperatriz de França, segunda mulher de Napoleão o Grande. Seu avô paterno d. João VI era filho de d. Maria I, primogenita das quatro filhas do rei d. José I, filho de d. João V, que teve como genitor d. Pedro II de Portugal, irmão de d. Affonso VI, filho de d. João IV, oitavo duque de Bragança, neto de d. Catharina que era filha de d. Duarte e este do rei d. Manoel, o Venturoso e sobrinha do cardeal rei d. Henrique, filho do referido d. Manoel, que teve como genitor o infante d. Fernando, duque de Vizeu, neto do rei d. Duarte, que era primogenito de d. João I, filho de d. Pedro I, primogenito sobrevivente de d. Affonso IV, que teve como genitor d. Diniz, o Lavrador, sexto rei de Portugal, que em 1282 casou com d. Izabel de Aragão, depois Santa Izabel e conhecida na historia pelo nome de Rainha Santa. Fundou a ordem de Christo e deixou o cancioneiro que lhe tem o nome. D. Diniz era o primogenito sobrevivente de d. Affonso III filho de d. Affonso II, que era primogenito de d. Sancho I, que teve como genitor d. Affonso Henriques, filho unico do conde de Portugal d. Henrique, neto de Roberto, duque reinante de Borgonha, filho de Roberto rei de França, que teve como genitor Hugo Capeto, rei de França e fundador de sua 3.^a raça em 987 e que era filho de Hugo o Grande, duque reinante de Borgonha, que teve como genitor o conde de Paris, Roberto o Forte, tronco dos Capetos.

Não menos illustre é a sua ascendencia materna, que principia em Santo Estevão, o Duque, o Apostolo, o Santo o rei da Hungria em 997 e termina em d. Maria Leopoldina, filha do imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria, rei da Hungria e Bohemia, irmão do Grão Duque de Toscana.

No mesmo dia de seu nascimento foi d. Pedro apresentado á côrte pelo brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que foi depois regente do Imperio. A nomeação de aia caiu na pessoa de d. Mariana Carlota de Verna Magalhães, depois condessa de Belmonte e que se consagrou ao imperial menino com os desvellos de uma verdadeira mãe. Foi quem ensinou a d. Pedro as primeiras letras e os rudimentos de Cathecismo, por um pequeno compendio que organisára especialmente para esse fim.

A educação de d. Pedro foi esmeradissima desde os mais verdes annos. Em 1833 já entendia o francez e por occasião em que o ministro Fox lhe apresentou suas credencias respondeu umas phrases em inglez.

O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul fiel ao seu programma, se associa jubiloso ás homenagens hoje prestadas ao ultimo imperador do Brasil. E para que

essas homenagens tivessem verdadeiro brilho convidou para orador desta solennidade o illustre confrade dr. Armando de Azevedo, que dirá da vida daquelle illustre, daquelle grande, daquelle benemerito brasileiro, que a historia em juizo definitivo e justo, qualificou de Magnanimo.

A influencia de d. Pedro na vida intellectual do paiz foi extraordinaria e benefica e se reflectiu largamente nos estudos historicos atravez da actuação poderosa, immensa, do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que d. Pedro se fez protector e amigo e um dos mais assiduos de seus socios. Assistiu a 507 sessões desse instituto, havendo presidido a 499. A revista dessa instituição de cultura e de civismo, marcou nova éra, estabeleceu a verdadeira directriz para as investigações de nosso passado, consagrando suas paginas á divulgação de documentos ineditos, de memorias desconhecidas, de archivos privados, e assim vem accumulando um material preciosissimo para a construcção do monumento escripto da vida de nossa patria.

Cumpre aos demais institutos congeneres do paiz imitem-no nesse nunca assaz louvado serviço ás letras historicas.

A França, lembra Fidelino de Figueiredo, ao mesmo tempo que da historia amplamente se servia como meio de educação civica e patriotica, creava em 1868, após a reforma de Victor Duruy, a Escola Pratica de Altos Estudos, que em si continha toda uma transformação de methodos e que visava principalmente a restabelecer o maximo respeito pelo documento e pela miuda investigação analytica, para oppor um dique ás generalizações levianas.

Quem se dedica no presente ao estudo de nosso passado, não póde almejar as glórias de historiador, tem que se limitar a um simples, modesto, carregador de material, para o historiador futuro, e quando muito, se muito fizer, não passará de um ensaista. E aquelle que com isso se não contentar e se aventurar a generalizações empiricas, construirá meros castellos de cartas ou palacios encantados com habitantes lendarios, guardados por heroes fabulosos e terá trabalhado em pura perda, porque fez obra de ficção, facil, fragil, falsa.

A cultura literaria de d. Pedro era apuradissima e elle a devia em grande parte ao illustre visconde de Sapucahy, Candido José de Araujo Vianna, que foi seu mestre de latinidade, de sciencias positivas e literatura.

Falando sobre suas leituras disse um dia o grande brasileiro: „Encanta-me a leitura da Biblia. Nella não vemos somente o pacto fundamental da nossa religião, senão que também (mórmente em alguns dos livros santos) os mais admiraveis modelos de estylo, na elegancia, na grandeza, nas

imagens, na altiloquia, na inspiração verdadeiramente divina. Os prophetas são os primeiros poetas do mundo: as *Lamentações* de Jeremias, deplorando a sorte de sua patria; a sublimidade de idéas, a energia dos quadros a vehemencia do estylo de Isais, no *cantico* sobre a *Rainha de Babylonia*; Daniel annunciando a vinda do Messias, e as revoluções dos quatro grandes imperios; Ezequiel em seu estylo allegerico, posto que um tanto obscuro, mas sempre colorido e vigoroso; tudo isso são paginas de que o espirito humano se ensoberbeceria, ainda quando não fossem revelações divinas. Não ha quem as leia sem sentir profunda commoção. E' tambem Tertuliano, e principalmente a sua *ferrea Apologetica* uma das obras religiosas que mais me exaltam."

Não menos profundos são seus conceitos sobre os historiadores, ouçamo-lo: „Entre os historiadores da antiguidade muito me apraz Thucydedes. O autor da historia da guerra de *Peloponeso*, o modelo de Demosthenes, deveria se-lo de todos os historiadores: imparcialidade, methodo, instrucção, bom juizo, tudo o habilita a explanar habilmente (e como sempre, para ser util, conviria á historia) as causas, mólas e consequencias dos successos assim seu vigor fosse um tanto mais temperado por poesia de estylo. Ainda mais me agrada Tacito, o conciso, o imparcial, o philosopho, o verdadeiro, o eloquente profligador do crime e da tyrannia."

Os nossos maiores não devem ser julgados nem venerados pelos simples factos de terem sido republicanos ou monarchistas, e sim porque souberam ser uma e outra cousa, sendo, sempre, acima de tudo brasileiros.

O homem se eleva pela austeridade e firmeza com que sustenta e defende suas idéas e nunca pela intenção de te-las. E' por isso que os grandes homens triumpham ainda depois da passagem pela vida terrena e se perpetuam nas paginas da historia, na memoria da humanidade e vivem sempre — e é por essa mesma razão, que os mediocres, os nullos, por mais que tenham sido elevados, quando cáem, estonteados pela vertigem das alturas, onde se não pódem librar por muito tempo, rolam para o abysmo do esquecimento humano e ahi ficam como se nunca tivessem existido.

Solennisa o Brasil republicano o mesmo acontecimento que ha cem annos, precisamente, festejava o Brasil monarchico — o nascimento de um principe!

As manifestações de jubilo do povo, então eminentemente monarchista, as explosões de contentamento dos aulicos, por maiores e mais sinceras que tivessem sido, não têm o valor, a significação, a nobreza, das commoventes homenagens, que

hoje, os brasileiros todos, irmanados por um sentimento unico, prestam a d. Pedro II, reverenciando sua memoria augusta.

Esse procedimento é altamente significativo: não exalta, não glorifica, não honra sómente o varão illustre a quem se cultua, mas a todos os brasileiros, porque exteriorisa, evidencia, que somos sensiveis ás paixões altruisticas e por isso a justiça despertou no fundo de nossa consciencia o sentimento nobilitante da admiração.

O povo não se curva humilhado deante de um potentado, amparado pela força e festejado pelos cortejadores do poder; não insensa genuflexo e interesseiro a um despota que tudo póde, que distribue favores á mão cheia, a custa do Estado — reverencia a memoria de um principe illustre, que se elevou marchetando de glorias o nome da patria, enaltecendo seus subditos; homenageia orgulhoso e satisfeito a memoria de um dos mais equitativos, dos mais honestos, dos mais patrioticos dos seus governantes. Penitencia-se da indiferença com que o viu cair em 1889. E' um preito de admiração sincera; é uma manifestação expontanea de justiça; é um acto de civismo puro.

O tempo em sua marcha impassivel, arrefeceu as paixões, serenou os animos. Os julgadores do presente, sem divida de gratidão pessoal, sem a queixa de uma aspiração não realizada, sem o desejo de lisongear, sem a ira dos revoltosos, sem visar interesses subalternos — não são os cegos encomistas nem os systematicos detractores do passado e sim juizes na accepção nobre desse vocabulo.

D. Pedro foi um grande servidor do paiz, um homem de nobres ideaes, de idéas adeantadas. Protegeu a cultura nacional e velou e se esforçou pela grandeza da patria e conforme o juizo de Antonio Feliciano de Castilhos, era um genio que, ainda sem corôa, seria admirado.

Como homem de governo, teve erros, sem duvida, durante seu longo reinado, mas os beneficios feitos ao paiz o redimem amplamente de quaesquer faltas. E tão grande era seu amor pelo Brasil, que se póde affirmar, se póde crer, que em todos os seus actos publicos, em todas as manifestações de seu pensamento teve uma unica preocupação — o engrandecimento da patria sob seu septro.

Como reconhecimento publico dessa virtude e por que elle foi, como muito bem disse o genial autor dos *Miseraveis*, mais que um rei — foi um homem perante o mundo culto e para o Brasil um brasileiro, é que nos todos lhe rendemos a homenagem de nossa fervente admiração.

13 de dezembro

1871 — Provisão creando em Porto Alegre a igreja de S. José, que foi construida ás expensas de uma communidade catholica allemã, á rua de Bragança, actual Marechal Floriano. As obras desse templo que foram iniciadas em fevereiro de 1872, estavam concluidas seis mezes depois. Em setembro do mesmo anno tiveram inicio os actos religiosos.

Ha cerca de 13 annos foi o templo vendido a um particular e ali funciona hoje uma casa commercial. Foi, antes desta, um centro de diversão, conservando ainda nessa época sua forma exterior primitiva. E não obstante ali se renderem cultos ao prazer, os transeuntes ao passarem pela antiga igreja se descobriam ou se persignavam, como se estivessem deante de um templo — força do habito. A proposito disso foi publicado no Correio do Povo desta capital uma chistosa chronica assignada por Lydio de Cascaes Manhães, pseudonymo de Francisco Gonçalves Miranda, actualmente funcionario da Imprensa Nacional e o unico sobrevivente dos vereadores samborjenses que votaram em 1888 o celebre plebiscito de Apparcio Mariense da Silva, sobre o 3.º reinado em nossa patria.

1888 — São sancionadas as leis numeros 1791 e 1792, elevando á cathogoria de freguezia as povoações de S. João da Reserva, na Colonia S. Lourenço, actual municipio deste nome e da linha Zamith, na Colonia D. Izabel, actual municipio de Bento Gonçalves, do qual é hoje 2.º districto. Existe ali um importante estabelecimento vinicola. Dista 19 klm. da villa.

1890 — O Tribunal da Relação em Porto Alegre, pronuncia em crime de morte o coroned Raphael Fernandes Lima, chefe de policia durante o governo do dr. Francisco da Silva Tavares, como responsavel pelos acontecimentos de 13 de maio deste mesmo anno e que tiveram como consequencia a morte de Henrique Navarro e os ferimentos do dr. João de Barros Cassal e de Octaviano Silveira da Luz.

1903 — Lançamento da pedra fundamental do pavilhão que a mesa administrativa do Hospital de Misericordia de Bagé mandou construir para recolhimento de tuberculosos.

1905 — E' assignada a escriptura da encampação, ao governo Estadual, da Estrada de Ferro de Novo Hamburgo á Taquara.

1910 — Na cidade de Rio Grande, o dr. Frederico Kessler inicia, neste Estado, a applicação do medicamento geralmente conhecido por 606.

Actas das sessões do Instituto, no anno de 1925

Acta da 22.^a sessão ordinaria.

Aos doze dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte cinco, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, Tancredo Mello, Carlos Teschauer, João Maia, Alberto Juvenal do Rego Lins, Rubens de Barcellos, Alcides Maya, Emilio Fernandes de Souza Docca e Eduardo Duarte, bem como grande numero de convidados, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta anterior, passou-se á leitura do expediente que constou de longo parecer, elaborado pelo senhor João Maia, referente á admissão como socio correspondente deste Instituto do senhor Guilherme Studart, barão Studart, residente no Estado do Ceará. Lido o parecer, o senhor presidente mandou proceder a leitura de uma carta do mesmo barão Studart na qual dá auctorisação para a inclusão do seu nome no quadro dos nossos associados. O senhor presidente de accordo com o §5.º do art.º 6.º procedê á votação do parecer, findo o que, verificada a unanimidade dos suffragios, é proclamado o novo socio. Dada a palavra ao senhor Souza Docca para fallar sobre a ephemeride do dia, teve o nosso confrade oportunidade de apresentar um interessante trabalho sobre a bella figura historica que é David Canabarro, o legendario general farroupilha, sendo a sua acção como militar longamente estudada, sobretudo na actuação que teve na guerra do Paraguay. Dada a palavra ao senhor Alcides Maya, orador inscripto para esta sessão, disse o nosso confrade a sua bella conferencia „Lendas do Sul“. Profundo conhecedor de tudo que se refere á terra rio-grandense, a sua conferencia produziu magnifico effeito no auditorio, sobretudo

ao referir as lendas do „negrinho do pastoreio“, da „salamanca do Jarau“, da „lagôa do Parobé“ e outras, tendo ainda o nosso confrade occasião de revelar a sua bella cultura no profundo estudo que fez da origem dessas lendas. Ao terminar a conferencia recebeu o orador demorados applausos do selecto auditorio. O senhor presidente agradecendo a presença de todos, encerrou a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E, eu, Franc.º de Leonardo Truda a subscrevo e assigno. (Assignado) Florencio de Abreu.

Acta da 23.^a sessão ordinaria.

Aos vinte quatro dias do mez de maio de mil novecentos e vinte e cinco, às dezeseis horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, Rubens de Barcellos, Francisco de Leonardo Truda, Amaro Baptista, Alberto Juvenal do Rego Lins, João Maia, Adroaldo Mesquita da Costa, Armando Dias de Azevedo, Emilio Fernandes de Souza Docca, Aurelio Porto e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente: officios, do Conselho Municipal desta capital, accusando o recebimento de uma collecção da Revista; da Associação Commercial de Porto Alegre, accusando a communicacão de que este Instituto prestará o seu concurso no sentido de ser effectivada a iniciativa consignada no artigo oito dos Estatutos d'aquella Associação; da Secretaria d'Estado dos Negocios do Interior e Exterior communicando que o Governo do Estado cedeu ao Instituto, para realisacão das suas sessões, o salão de conferencias da Bibliotheca Publica. O senhor presidente disse que tendo sido proposto socio correspondente deste Instituto o senhor Padre Geraldo José Pauwels, residente em Florianopolis, ia mandar proceder á leitura do respectivo parecer, o que feito, procedeu-se a votacão de accordo com o § 5.º do artigo 6.º dos Estatutos. Finda a votacão e verificada a unanimidade dos suffragios, é proclamado socio correspondente do Instituto o senhor Padre Geraldo José Pauwels. Dada a palavra ao senhor Souza Docca para discorrer sobre as ephemerides do dia, leu o nosso confrade um interessante trabalho no qual avultam as apreciações sobre a guerra do Paraguay, e, principalmente, sobre a batalha de Tuyuty, cujo anniversario transcorria. Finda essa leitura, que causou a melhor impressão ao auditorio, teve a palavra o senhor Francisco de Leonardo Truda para ler o seu trabalho intitulado — „Desenvolvimento eco-

nomico do Rio Grande do Sul". Nelle estuda o nosso confrade o inicio da colonisação tentado no Rio Grande com os cazaes açorianos; aponta as causas que motivaram a sua emigração e que se fundavam, especialmente, na miseria ao tempo reinante nos Açores e na Madeira. Mostra como os colonos, pelas condições do meio que encontraram, cedo se transformavam em estancieiros e aponta as causas que impediam o franco desenvolvimento da agricultura. Entra em longas e seguras considerações, apoia o seu trabalho em dados estatísticos e demonstra que a própria cultura do trigo, ao proclamar-se a independencia nacional, havia desaparecido no Rio Grande, iniciando-se então um novo periodo da nossa evolução economica com a chegada, em 1824, dos primeiros colonos allemães. O orador, recebeu, ao terminar a leitura do seu trabalho, muitos applausos da assistencia. O senhor presidente agradece a presença de todos e encerra a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario a subscrevi. (Assignado) Florencio de Abreu.

Acta da 24.ª sessão ordinaria.

Aos vinte seis dias do mez de julho de mil novecentos e vinte e cinco, ás dezeseis horas, na sala de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, João Maia, Armando Dias de Azevedo, Emilio Fernandes de Souza Docca, Amaro Baptista, Adroaldo Mesquita da Costa, Francisco Rodolfo Simch, Aurelio Porto e Alberto Juvenal do Rego Lins, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constou de um officio do senhor intendente municipal da Encruzilhada em que pede ao Instituto que se encarregue de mandar confeccionar uma lapide para o tumulo do coronel José do Amaral Ferrador, cujos despojos se acham no cemiterio de São José do Patrocinio, districto daquelle municipio. Informa que o conselho municipal abriu para tal fim um credito de réis quinhentos mil. O senhor presidente disse ter mandado responder esse officio e que o Instituto não só aceita a honrosa incumbencia como se fará representar na homenagem que o municipio de Encruzilhada vai prestar ao coronel Amaral Ferrador, uma bella figura de guerreiro de grande destaque nas nossas memoraveis campanhas farroupilha, Uruguay e Paraguay. Dada a palavra ao senhor Souza Docca fez este a leitura das ephemerides do dia. O nosso consocio teve uma feliz oportunidade de apresentar um interessante estudo sobre os fins

da revolução de 1835, tendo agradado sobremodo á selecta assistencia. O senhor Francisco Rodolfo Simch, a quem em seguida foi concedida a palavra, leu a conferencia sob o titulo — Campos do Rio Grande do Sul, tendo, ao terminar, recebido prolongados applausos. O senhor presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Franc.º de Leonardo Truda, 1.º secretario a subscrevi. (Assignado) Florencio de Abreu.

Acta da 4.^a sessão de anniversario.

Aos nove dias do mez de agosto de mil novecentos e vinte e cinco, pelas vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, achando-se presente grande numero de convidados entre os quaes autoridades civis, militares e ecclesiasticas, bem como os nossos consocios Florencio C. de Abreu e Silva, Francisco Rodolfo Simch, Armando Dias de Azevedo, João Maia, Emilio Fernandes de Souza Docca, Amaro Baptista, Carlos Teschauer, Aurelio Porto, Rubens de Barcellos, A. Guerreiro Lima, Adroaldo Mesquita da Costa, Manoel Joaquim de Faria Corrêa, Alberto Juvenal do Rego Lins e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, passou a ler o seu discurso de abertura. O orador fez um rapido estudo da obra do Instituto neste primeiro lustro de sua existencia e affirma a sua utilidade nos varios aspectos da sua vitalidade, pondo em destaque especial a publicação da revista, que entrou no quinto anno, e cujas paginas constituem uma affirmacão da operosidade dos nosos consocios. Falla em seguida sobre os socios fallecidos, para quem tem palavras de funda saudade, e declarou aberta a sessão. O senhor Souza Docca, orador do Instituto, a quem foi concedida a palavra, fez o elogio biographico dos consocios fallecidos, que são os senhores dr. Homero Baptista, Arthur Candal e padre João Baptista Hafkemeyer. O trabalho do senhor Souza Docca é longo e foi ouvido por todos em meio de religioso silencio. O senhor João Maia leu um interessante estudo intitulado „Regionalismos em confronto“. (excerpto de um trabalho inedito), que muito agradou á selecta assistencia. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. O expediente constou do seguinte: officio do Centro dos Academicos de Direito convidando o Instituto a se fazer representar na sessão solenne do jubileu da Faculdade de Direito desta Capital; o senhor presidente nomêa uma commissão composta dos senhores Docca, Adroaldo e Guerreiro; circular do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo communicando a posse

da sua nova directoria de que é presidente o senhor dr. Carlos Xaxier Paes Barreto; dois officios do intendente municipal de Encruzilhada referentes á homenagem que se quer prestar á memoria de José do Amaral Ferrador; idem da Repartição de Estatistica e Archivo do Estado de São Paulo, pedindo a remessa de alguns exemplares da nossa revista; carta de Karl Fachinger, de São Paulo, pedindo informações sobre a bandeira deste Estado; circular do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, pedindo numeros atrasados da revista; do consulado americano, desta capital, agradecendo o convite para assistir a ultima sessão do Instituto; carta do nosso consocio senhor barão de Studart agradecendo a communicacão de sua proclamação como socio do Instituto; do senhor dr. Idefonso Simões Lopes Filho remettendo um exemplar impresso da sua carta sobre assumpto politico; circular do secretario da Faculdade de Medicina desta capital remettendo um exemplar da Revista dos Cursos, anno XI, numero onze; carta do senhor general Tasso Fragoso agradecendo a remessa que lhe foi feita de um retrato do general Lima e Silva (Luiz Manoel). O senhor presidente agradecendo a presença das pessoas que se dignaram corresponder ao convite do Instituto, declarou encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Franc.º de Leonardo Truda, 1.º secretario a subscrevo. (Assignado) Florencio de Abreu.

Acta da 7.^a sessão extraordinaria.

Aos dois dias do mez de dezembro de mil novecentos e vinte e cinco, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, João Maia, José Paulo Ribeiro, Manoel Joaquim de Faria Corrêa, Affonso Guerreiro Lima, Armando Dias de Azevedo, Alcides Maya, Aurelio Porto, Emilio Fernandes de Souza Docca e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a presente sessão cujos fins era prestar uma homenagem á memoria do senhor D. Pedro Segundo, ex-imperador do Brasil, na data centenaria do seu nascimento. Lida e approvada a acta da sessão extraordinaria anterior, o presidente concedeu a palavra ao senhor Souza Docca para lêr as ephemerides do dia. O nosso confrade referindo-se á data do nascimento de D. Pedro, fez um estudo, a largos traços, da vida do ex-imperador. Concedida a palavra ao senhor Armando Dias Azevedo, designado pelo presidente para orador official da sessão, leu o nosso confrade um longo estudo feito sobre a vida do homenageado, tendo, ao finalisar,

recebido innumerous applausos da assistencia. O senhor presidente, depois de agradecer aos presentes o seu comparecimento, declarou encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevo. (Assinado) Florencio de Abreu.

Acta da 8.^a sessão extraordinaria.

Aos treze dias do mez de dezembro de mil novecentos e vinte e cinco, ás vinte horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Faria Corrêa, Armando Azevedo, Souza Docca, Amaro Baptista, João Maia, Francisco Truda e Adroaldo Mesquita da Costa, bem como um elevado numero de convidados, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão que tinha por fim prestar uma homenagem á colonia italiana no cincoentenario da sua implantação no Rio Grande do Sul. Lida e approvada a acta da sessão anterior, foi dada a palavra ao senhor Souza Docca, que fez a ephemeride do dia. Em seguida o presidente deu a palavra ao nosso confrade senhor Francisco de Leonardo Truda que, por espaço de uma hora, prendeu a attenção do auditorio com a leitura do seu excellente trabalho sobre — „Os italianos no Rio Grande do Sul“. Ao terminar a leitura da sua conferencia o nosso confrade recebeu da assistencia uma calorosa e prolongada salva de palmas. O presidente depois de agradecer aos presentes o seu comparecimento, declarou encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta.



INDICE

	Pag.
General João de Deus Martins, por Aurelio Porto.....	7
Sociedade gaucha, por João de Deus Martins.....	13
Officios de Bento Manoel Ribeiro ao barão de Caxias, pelo dr. Eduardo Duarte	57
Os campos do Estado, pelo dr. Francisco Rodolfo Simch.....	151
Regionalismos em confronto, por João Maia.....	183
O Imperador D. Pedro II, pelo dr. Armando Dias de Azevedo	193
Os italianos no Rio Grande do Sul, pelo dr. Francisco de Leo- nardo Truda	205
Campestre de Santo Antônio, por João Belem.....	219
Sessão anniversaria do Instituto;discursos do desembargador Florencio de Abreu e do major Souza Docca.....	225
Ephemerides, pelo major Souza Docca	231
Actas das sessões do Instituto, no anno de 1925.....	267
